

OBRAS COMPLETAS DE MÁRIO DE ANDRADE

XVII

Contos Novos



LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.
SÃO PAULO

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Contos Novos

OBRAS COMPLETAS DE MÁRIO DE ANDRADE

- I — *OBRA IMATURA* contendo:
- 1 — Introdução
 - 2 — Há uma gota de sangue em cada poema (poesia).
 - 3 — Contos, selecionados do Primeiro Andar.
 - 4 — A Escrava que não é Isaura (poética).
- II — *POESIAS COMPLETAS*.
- 1 — Paulicéia Desvairada.
 - 2 — O Losango Cáqui.
 - 3 — Clã do Jaboti.
 - 4 — Remate de Males.
 - 5 — O Carro da Miséria.
 - 6 — A Costela do Grã Cão.
 - 7 — Livro Azul.
- III — *AMAR. VERBO INTRANSITIVO* (romance).
- IV — *MACUNAIMA* (rapsódia).
- V — *OS CONTOS DE BELAZARTE*.
- VI — *ENSAIO SOBRE A MÚSICA BRASILEIRA*.
- 1 — Ensaio sobre a Música Brasileira.
 - 2 — A Música e a Canção Popular no Brasil
- VII — *MÚSICA, DOCE MÚSICA*.
- 1 — Música, Doce Música (crítica).
 - 2 — A Expressão Musical nos Estados Unidos.
- VIII — *PEQUENA HISTÓRIA DA MÚSICA*.
- IX — *NAMOROS COM A MEDICINA*.
- 1 — Terapêutica Musical.
 - 2 — A Medicina dos Escretos.
- X — *ASPECTOS DA LITERATURA BRASILEIRA* (ensaios literários).
- 1 — Aspectos da Literatura Brasileira.
 - 2 — Amor e Medo.
 - 3 — O Movimento Modernista.
 - 4 — Segundo Momento Pernambucano.
- XI — *ASPECTOS DA MÚSICA BRASILEIRA* (ensaios musicais).
- 1 — Evolução Social da Música no Brasil.
 - 2 — Os Compositores e a Língua Nacional.
 - 3 — A Pronúncia Cantada e o Problema do Nasal, pelos Discos.
 - 4 — O Samba Rural Paulista.
 - 5 — Cultura Musical.
- XII — *ASPECTOS DAS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL*.
- 1 — O Aleijadinho.
 - 2 — Lasar Segall.
 - 3 — Do Desenho.
 - 4 — A Capela de Santo Antônio.
- XIII — *ASPECTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO*.
- 1 — O Folclore no Brasil.
 - 2 — Estudos sobre o Negro.
 - 3 — Nótulas Folclóricas.
- XIV — *O BAILE DAS QUATRO ARTES* (ensaios).
- 1 — O Baile das Quatro Artes.
 - 2 — Arte Inglesa.
- XV — *OS FILHOS DA CANDINHA* (crônicas).
- XVI — *O SEQUESTRO DA DONA AUSENTE* (folclore).
- XVII — *CONTOS NOVOS*.
- XVIII — *DANÇAS DRAMÁTICAS DO BRASIL* (folclore).
- XIX — *MODINHAS E LUNDUS IMPERIAIS*.
- XX — *O EMPALHADOR DE PASSARINHO* (crítica literária).

Nota do editor

Entre os papéis de Mário de Andrade foi encontrado um plano do presente livro, prevendo doze contos. Ei-lo:

“CONTOS PIORES”

(projeto de livro)

- I – Vestida de preto ×
 - II – O ladrão ×
 - III – Educai vossos pais \
 - a) A Coroa de Louros
 - b) A Virgindade - IV – Primeiro de Maio ×
 - V – Por trás da Catedral de Ruão ×
 - VI – O Poço ×
 - VII – O Peru de Natal ×
 - VIII – Frederico Paciência ×
 - IX – Marcha Fúnebre \
 - X – Nelson /
 - XI – O cego \
 - XII – Tempo da Camisolinha ×
- Prontos = ×
- Por consertar = /
- Por escrever = \

Em seguida, o livro passou a se chamar "Contos Novos". Os contos numerados I, II, IV, V, VI, VII, VIII e XII, como se vê, haviam recebido o visto definitivo; os n.ºs III, IX e XI estavam por escrever; o n.º X precisaria ser retocado.

A presente edição compreende 9 dos 12 contos projetados por Mário de Andrade, sendo que 8 em versão definitiva e um esperando a última demão, que a exigentíssima consciência artística do grande escritor adiava, por vezes, anos a fio. Sendo esta uma edição póstuma, de obras completas, pareceu aos editôres que o conto n.º 8 deveria ser incluído.

Os contos n.ºs 3 e 9 existem, parte redigidos, parte em notas. Do n.º 11 há apenas algumas indicações. Podemos afirmar, todavia, pelo testemunho dos que privavam com Mário de Andrade, que êle considerava os "Contos Novos" prontos para publicar, havendo pois, provavelmente resolvido não incluir entre êles os contos inacabados ou em projeto.

Vestida de prêto

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem si o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre... Depois do amor grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que freqüentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Tôda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amôres perigosos.

Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, si acaso nos achávamos juntos e sòzinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornavam mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criança chegava. Mas tínhamos então uma raiva impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação. Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.

E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. Si a criança estava tôda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para êle. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de bôca, sem nenhum daqueles cerimoniais de mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os milhores interêsses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visitas, isso nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Íamos para os nossos quartos e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sòzinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que ajuntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.

Maria fêz uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais, o quarto em que estávamos fôra convertido em dispensa, cômodas e armários cheinhos de pratos de doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo! estávamos longe disso. O que nos deliciava era mesmo a grave solidão.

Nisto os olhos de Maria caíram sôbre o travesseiro sem fronha que estava sôbre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha espôsa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde

a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, "pecado" que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disto eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro.

— Já é tarde, vamos dormir — Maria falou.

Fiquei estarecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro quentinho, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim. Maria, essa estava simples de mais para me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na cesta de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que estendeu sobre o assoalho. Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas da janela sobre a tarde, e depois deitou, arranjando o vestido pra não amassar.

Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra mim, me dando as costas. Restico sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era a única a pôr defeito nos cabelos de Maria.

— Você não vem dormir também? — ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio trágico.

— Já vou — que eu disse — estou conferindo a conta do armazém.

Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, senti no chão tomando cuidado em sequer tocar no vestido, puxa! também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a ca-

ra no travesseiro sem a menor intenção de. Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz, eu podia espirrar, marido não espirra. Senti, pressenti que espirrar seria muito ridículo, havia de ser um espirrão enorme, os outros escutavam lá da sala-de-visita longínqua, e daí é que o nosso segrêdo se desvendava todinho.

Fui afundando o rosto naquela cabeleira e veio a noite, sinão os cabelos (mas juro que eram cabelos macios) me machucavam os olhos. Depois que não vi nada, ficou fácil continuar enterrando a cara, a cara tôda, a alma, a vida, naqueles cabelos, que maravilha! até que o meu nariz tocou num pescocinho roliço. Então fui empurrando os meus lábios, tinha uns bonitos lábios grossos, nem eram lábios, era beijo, minha bôca foi ficando encanudada até que encontrou o pescocinho roliço. Será que ela dorme de verdade? . . . Me ajetei muito sem-cerimônia, mulherzinha! e então beijei. Quem falou que êste mundo é ruim! só recordar . . . Beijei Maria, rapazes! eu nem sabia beijar, está claro, só beijava mamãe, bôca fazendo bulha, contacto sem nenhum calor sensual.

Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás me fêz sentir que Maria estava comigo em nosso amor. Nada mais houve. Não, nada mais houve. Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.

Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito

bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio.

— Levantem!... Vou contar pra sua mãe, Juca!

Mas eu, levantando com a lealdade mais cínica dêste mundo!

— Tia Velha me dá um doce?

Tia Velha — eu sempre detestei Tia Velha, o tipo da bondade Berlitz, injusta, sem método — pois Tia Velha teve a malvadeza de escorrer por mim todo um olhar que só alguns anos mais tarde pude compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma inocência que poucos segundos antes era real.

— Vamos! saiam do quarto!

Fomos saindo muito mudos, numa bruta vergonha, acompanhados de Tia Velha e os pratos que ela viera buscar para a mesa de chá.

O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à fôrça provocado por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozzo.

Dez, treze, quatorze anos... Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo. Eu estava fazendo um ginásio sem gôsto, muito arrastado, cheio de revoltas íntimas, detestava estudar. Só no desenho e nas composições de português tirava as melhores notas. Vivia nisso: dez nestas matérias, um, zero em tôdas as outras. E todos os anos era aquela já esperada fatalidade: uma, duas bombas (principalmente em matemáticas) que eu tomava apenas o cuidado de apagar nos exames de segunda época.

Gostar, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente agora. Mas tinha

uma quase certeza que ela não podia gostar de mim, quem gostava de mim!... Minha mãe... Sim, mãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação. Papai, êsse foi sempre insuportável, incapaz duma carícia. Como incapaz de uma repreensão também. Nem mesmo comigo, a tara da família, êle jamais ralhou. Mas isto é caso pra outro dia. O certo é que, decidido em minha desesperada revolta contra o mundo que me rodeava, sentindo um orgulho de mim que jamais buscava esclarecer, tão absurdo o pressentia, o certo é que eu já principiava me aceitando por um caso perdido, que não adiantava melhorar.

Êsse ano até fôra uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando enxerguei a saparia na varanda e Maria entre os demais. Passei bastante encabulado, todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba, me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente alegre de bom dia, e fui no escritório pegado, esconder os livros na escrivaninha de meu pai. Ia já voltar para o meio de todos, mas Matilde, a peste, a implicante, a deusa estúpida que Tia Velha perdia com suas preferências:

— Passou seu namorado, Maria.

— Não caso com bombeado — ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão feia, que parei estarrecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não gostava mais de mim. Bôbo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar.

Aliás um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós seríamos até pobres, comparando com a família de Maria, gente que

até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera rompimento de amizade, mal-estar na parentagem tôda, o caso virara escândalo mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do dinheiro.

Si eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. Me passou pela cabeça comprar um bilhete de loteria. "Não caso com bombeado"... Fui abraçando os livros de mansinho, acariciei-os junto ao rosto, pousei a minha bôca numa capa, suja de pó suado, retirei a bôca sem desgosto. Naquele instante eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, último beijo, beijo de despedida, que o cheiro desagradável do papelão confirmou. Estava tudo acabado entre nós dois.

Não tive mais coragem pra voltar à varanda e conversar com... os outros. Estava com uma raiva desprezadora de todos, principalmente de Matilde. Não, me parecia que já não tinha raiva de ninguém, não valia a pena, nem de Matilde, o insulto partira dela, fôra por causa dela, mas eu não tinha raiva dela não, só tristeza, só vazio, não sei... creio que uma vontade de ajoelhar. Ajoelhar sem mais nada, ajoelhar ali junto da escrivaninha e ficar assim, ajoelhar. Afinal das contas eu era um perdido mesmo, Maria tinha razão, tinha razão, tinha razão, que tristeza!...

Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: Pus tal firmeza em não amar Maria mais, que nem meus pensamentos me traíram. De

resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar meu jeito de "perdido", o cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiara gostando de estudar. Me batera, súbito, aquela vontade irritada de saber, me tornara estudiosíssimo. Era mesmo uma impaciência raivosa, que me fazia devorar bibliotecas, sem nenhuma orientação. Mas brilhava, fazia conferências empoladas em sociedadinhas de rapazes, tinha idéias que assustavam todo o mundo. E todos principiavam maldando que eu era muito inteligente mas perigoso.

Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada européia, com o secretário chique seu marido.

Às vêzes meio tonto com êstes acontecimentos fortes, acompanhados meio de longe, eu me recordava do passado, mas era só pra sorrir da nossa infantilidade e devorar numa tarde um livro incompreensível de filosofia. De mais a mais, havia a Rose pra de-noite, e uma linda namoradinha oficial, a Violeta. Meus amigos me chamavam de "jardineiro", e eu punha na coincidência daquelas duas flores uma fôrça de destinação fatalizada. Tamanha mesmo que topando numa livraria com "The Gardener" de Tagore, comprei o livro e comecei estudando o inglês com loucura. Mário de Andrade conta num dos seus livros que estudou o alemão por causa duma emboaba tordilha... eu também: meu inglês nasceu duma Violeta e duma Rose.

Não, nasceu de Maria. Foi quando uns cinco anos depois, Maria estava pra voltar pela primeira vez ao Brasil, a mãe dela, queixosa de tamanha ausência, conversando com mamãe na minha frente, arancou naquele seu jeito de gorda desabrida:

— Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis!... e agora ela vive longe de nós.

Pela terceira vez fiquei estarecido neste conto. Percebi tudo num tiro de canhão. Percebi ela doidejando, noivando com um, casando com outro, se atordoando com dinheiro e brilho. Percebi que eu fôra uma bêsta, sim agora que principiava sendo alguém, estudando por mim fora dos ginásios, vibrando em versos que muita gente já considerava. E percebi horrorizado, que Rose! nem Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco! Maria é que amara sempre, como louco: ôh como eu vinha sofrendo a vida inteira, desgraçadíssimo, aprendendo a vencer só de raiva, me impondo ao mundo por despique, me superiorizando em mim só por vingança de desesperado. Como é que eu pudera me imaginar feliz, pior: ser feliz, sofrendo daquele jeito! Eu? eu não! era Maria, era exclusivamente Maria tôda aquela superioridade que estava aparecendo em mim... E tudo aquilo era uma desgraça muito cachorra mesmo. Pois não andavam falando muito de Maria? Contavam que pintava o sete, ficara célebre com as extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes às portas do divórcio, com um caso escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada, Maria bêbeda, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua...

Se dera como que uma transposição de destinos... E tive um pensamento que ao menos me sal-

vou no instante: si o que tinha de útil agora em mim era Maria, si ela estava se transformando no Juca imperfeitíssimo que eu fôra, si eu era apenas uma projeção dela, como ela agora apenas uma projeção de mim, si nos trocáramos por um estúpido engano de amor: mas ao menos que eu ficasse bem ruim, mas bem ruim mesmo outra vez, pra me igualar a ela de novo. Foi a razão da briga com Violeta, impiedosa, e a farrá dessa noite — bebedeira tamanha que acabei ficando desacordado, numa série de vertigens, com médico, escândalo, e chôro largo de mamãe com minha irmã.

Bom, tinha que visitar Maria, está claro, éramos “gente grande” agora. Quando soube que ela devia ir a um banquete, pensei comigo: “ótimo, vou hoje logo depois de jantar, não encontro ela e deixo o cartão”. Mas fui cedo demais. Cheguei na casa dos pais dela, seriam nove horas, todos aquêles requififes de gente ricaça, criado que leva cartão numa salva de prata etc. Os da casa estavam ainda jantando. Me introduziram na saletinha da esquerda, uma espécie de Luís-quinze muito sem-vergonha, dourado por inteiro, dando pro hol central. Que fizesse o favor de esperar, já vinham.

Contemplando a gravura côr-de-rosa, senti de sopetão que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria estava na porta, olhando pra mim, se rindo, tôda vestida de prêto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amor, não insisto. Mas si eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, tôda de prêto vestida, fantásticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido.

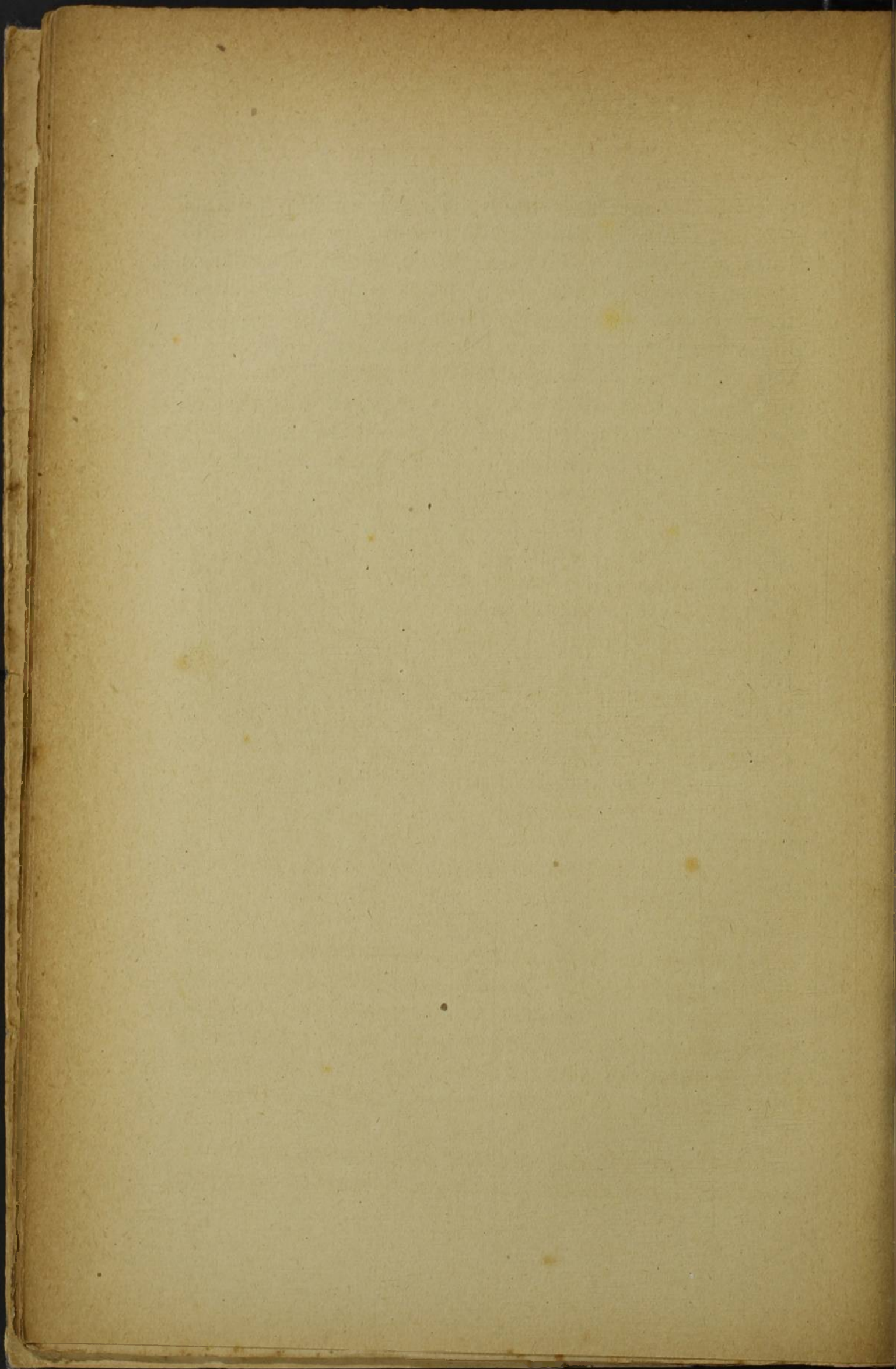
— Ao menos diga boa-noite, Juca...

“Boa-noite, Maria, eu vou-me embora”... meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem

que nos tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo, me cedendo tudo quanto eu queria, naquele se deixar olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo, tôda vestida de prêto. Um segundo, me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em mim os instintos da perfeição. Balbuciei afinal um boa-noite muito indiferente, e as vozes amontoadas vinham do hol, dos outros que chegavam.

Foi êste o primeiro dos quatro amôres eternos que fazem de minha vida uma grave condensação interior. Sou falsamente um solitário. Quatro amôres me acompanham, cuidam de mim, vêm conversar comigo. Nunca mais vi Maria, que ficou pelas Europas, divorciada afinal, hoje dizem que vivendo com um austríaco interessado em feiras internacionais. Um aventureiro qualquer. Mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.

(Rio, 1939 — S. Paulo, 17-II-43)



O ladrão

≡ Pega!

O berro, seria pouco mais de meia-noite, crispou o silêncio no bairro dormido, acordou os de sono mais leve, botando em tudo um arrepio de susto. O rapaz veio na carreira desabalada pela rua.

— Pega!

Nos corpos entreacordados, ainda estremunhando na angústia indecisa, estalou nítida, sangrenta, a consciência do crime horroroso. O rapaz estacara numa estralada de pés forçando pra parar de repente, sacudiu o guarda estatelado:

— Viu êle!

O polícia inda sem nexo, puxando o revólver:

— Viu êle?

— P...

Não perdeu tempo mais, disparou pela rua, porque lhe parecera ter divisado um vulto correndo na esquina de lá. O guarda ficou sem saber o que fazia, porém da mesma direção do moço já chegavam mais dois homens correndo. O guarda eletrizado gritou:

— Ajuda! e foi numa volada ambiciosa na cola do rapaz.

— Pega! Pega! os dois perseguidores novos secundaram sem parar. Alcançaram o moço na outra

esquina, se informando com um retardatário que só àquelas horas recolhia.

— ... é capaz que deu a volta lá em baixo...

No cortiço, a única janela de frente se abriu, inundando de luz a esquina. O retardatário virou-se para os que chegavam:

— Não! Voltem por aí mesmo! Êle dobrou a esquina lá de baixo! Fique você, moço, vigiando aqui! Seu guarda, vem comigo!

Partiu correndo. Visivelmente era o mais expedito, e o grupo obedeceu, se dividindo na carreira. O rapaz desapontara muito por ter de ficar inativo, êle! justo êle que viera na frente!... No ar umidecido, o frio principiou caindo vagarento. Na janela do cortiço, depois de mandar prà cama o homem que aparecera atrás dela, uma preta satisfeita de gorda, assuntava. Viu que a porta do 26 rangia com meia luz e os dois Moreiras saíram por ela, afobados, enfiando os paletós. O Alfredinho até derrubou o chapéu, voltou pra pegar, hesitou, acabou tomando a direção do mano.

O guarda com o retardatário, já tinham dobrado a esquina lá de baixo. Uma ou outra janela acordava numa cabeça inquieta, entre agasalhos. Também os dois perseguidores que tinham voltado caminho, já dobravam a outra esquina. Mas foi a preta, na calma, quem percebeu que o quartirão fôra cercado.

— Então decerto êle escondeu no quartirão mesmo.

O rapaz que só esperava um pretexto pra seguir na perseguição, deitou na carreira. Parou.

— A senhora então fique vigiando! Grite si êle vier!

E se atirou na disparada, desprezando escutar o “Eu não! Deus te livre!” da preta, se retirando pra

dentro porque não queria história com o cortiço dela não. Pouco depois dos Moreiras, virada a esquina de baixo, o rapaz alcançou o grupo dos perseguidores, na algazarra. Um dos manos perguntava o que era. E o moço:

— Pegaram!

— Safado... êle...

— Deixa de lero-lero, seu guarda! assim êle escapa! Aliás fôra tudo um minuto. Vinha mais gente chegando.

— O que foi?

— Eu vou na esquina de lá, sinão êle escapa outra vez!

— Vá mesmo! Olha, vá com êle, você, pra serem dois. Seu guarda! o senhor é que pode pular no jardim!

— Mas é que...

— Então bata na casa, p...

O polícia inda hesitou um segundo, mas de repente encorajou:

— Vam'lá!

Foram. Foi todo o grupo, agora umas oito pessoas. Ficou só o velho que já não podia nem respirar da corridinha. Os dois manos, meio irritados com a insignificância dêles a que ninguém esclarecera o que havia, ficaram também, castigando os perseguidores com ficarem. Lá no escuro do ser estavam desejando que o ladrão escapasse, só pra o grupo não conseguir nada. Um garôto de rua estava ali rente, se esfregando tremido em todos, abobalhado de frio. Um dos Moreiras se vingou:

— Vai pra casa, guril!.. de repente vem um tiro...

— Será que êle atira mesmo! perguntou o baita que chegava.

E o velho:

— Tá claro! Quando o Salvini, aquêle um que sufocou a mulher no Bom Retiro, ficou cercado...

Mas de súbito o apito do guarda agarrou trilando nos peitos, em firmatas alucinantes. Todos recuaram, virados pro lado do apito. Várias janelas fecharam.

O grupo estacara em frente de umas casas, quase no meio do quarteirão. Eram dois sobradinhos gêmeos, paredes-meias, na frente e nos lados opostos os canteiros de burguesia difícil. Os perseguidores trocavam palavras propositalmente em voz muito alta. O homem decerto ficava amedrontado com tanta gente... Se entregava, era inútil lutar... Em qual das casas bater? O que vira o fugitivo pular no jardimzinho, quem sabe um dos rapazes guardando a esquina, não estava ali pra indicar. Aliás ninguém pusera reparo em quem falara. Os mais cuidadosos, três, tinham se postado na calçada fronteira, junto ao portão entreaberto, bom pra esconder. Se miravam ressabiados, com um bocado de vergonha. Mas um sorrindo:

— Tenho família.

— Idem.

— Pode vir alguma bala...

— Eu me armei, por via das dúvidas!

Quase tôdas às janelas estavam iluminadas, botando um ar de festa inédito na rua. Saía mais gente encapuçada nas portas, coleção mórna de pijamas comprados feitos, transbordando pelos capotes mal vestidos. O guarda estava tonto, sustentando posição aos olhos do grupo que dependia dêle. Mas lá vinham mais dois polícias correndo. Aí o guarda apitou com entusiasmo e foi pra bater numa das casas. Mas da janela da outra jorrou de chôfre no grupo

uma luz, todos recuaram. Era uma senhora, ainda se abotoando.

— Que é! que foi que houve, meu Deus!

— Dona, acho que entrou um homem na sua casa que...

— Ai, meu Deus!

— ...a gente veio...

— Nossa senhora! meus filhos!

Desapareceu na casa. De repente escutou-se um choro horrível de criança lá dentro. Um segundo todos ficaram petrificados. Mas era preciso salvar o menino, e à noção de "menino" um ardor de generosidade inflamou todos. Avançaram, que pedir licença nem nada! uns pulando a gradinha, outros já se ajudando a subir pela janela mesmo, outros forçando a porta.

Que se abriu. A senhora apareceu, visão de pavor, desgrenhada, com as três crianças. A menina, seus oito anos, grudada na saia da mãe, soltava gritos como se a estivessem matando. A decisão foi instantânea, a imagem da desgraça virilizara o grupo. A italiana de uma das casas operárias defronte, vira tudo, nem se resguardara: veio no camisolão, abriu com energia passagem pelos homens, agarrou a menina nos braços, escudando-a com os ombros contra tiros possíveis, fugira pra casa. Um dos homens imitando a decidida agarrara outra criança, e empurrando a senhora com o menorzinho no colo, levava tudo se esconder na casa da italiana. Os outros se dividiram. Barafustaram pela casa aberta, alguns forçaram num átimo a porta vizinha, tudo fácil de abrir, donos em viagem, a casa se iluminou tôda. Veio um gritando na janela do sobrado:

— Por trás não fugiu, o muro é alto!

— Ói lá!

Era a mocetona duma das casas operárias fronteiras, a "vanity-case" de metalzinho esmaltado na mão, largara de se empoar, apontando. Tôda a gente parou estarecida, adivinhando um jeito de se resguardar do facínora. Olharam prà mocetona. Ela apontava no alto, aos gritos. Era no telhado. Um dos cautelosos, não se enxergava bem por causa das árvores, criou coragem, se abaixou e pôde ver. Deu um berro, avisando:

— Está lá!

E veio feito uma bala, atravessando a rua, se resguardar na casa onde empoleirara o ladrão. Os dois comparsas dêle o imitaram. As janelas em frente se fecham rápidas, bateu uma escuridão sufocante. E os polícias, o rapaz, todos tinham corrido pra junto do homem que vira, se escondendo com êle, sem saber do que, de quem, a evidência do perigo independente já das vontades. Mas logo um dos polícias reagindo, sacudiu o horrorizado, fazendo-o voltar a si, perguntando gritado, com raiva. E a raiva contra o cauteloso dominou o grupo. Êle enfim respondeu:

— Eu também vi... (mal podia falar) no telhado...

— Dissesse logo!

— Está no telhado!

— Vá pra casa, medroso!

— Medroso não!

O rapaz atravessou a rua correndo, pra ver se enxergava ainda. O grupo estourou de novo pelas duas casas a dentro.

— Êle não tem pra onde pular!

— Coitado!

— Que cuidado! êle que venha!

— Falei "coitado"...

Nos quintais dos fundos mais gente inspecionava o telhado único das casas gêmeas. Não havia por onde fugir. E a caça continuava sanhuda. Os dois sobrados foram esmiuçados, quarto por quarto, não houve guarda-roupa que não abrissem, examinaram tudo. Nada.

— Mas não há nada! um falou.

— Quem sabe si entrou no fôrro?

— Entrou no fôrro!

— Tem clarabóia?

O rapaz, do outro lado da rua, examinara bem. Na parte de frente do telhado, positivamente o homem não estava mais. Algumas janelas se entreabriram de novo, medrosas, riscando luzes nas calçadas.

— Pegaram?

— P...

Mas alguém lhe segurara o braço, virou com defesa.

— Meu filho! olhe a sua asma! Deixe, que os outros pegam! Está tão frio!...

O rapaz, deu um desespero nêle, a assombração medonha da asma... Foi vestindo maquinalmente o sobretudo que a mãe trouxera.

— Olha!... ah, não é... Também não sei praquê o prefeito põe tanta árvore na rua!

— Mas afinal o quê que foi, hein? perguntaram alguns, chegados tarde demais pra se apaixonarem pelo caso.

— Eu nem não sei!... diz-que estão pegando um ladrão.

— Vamos pra casa, filhinho!...

...aquêle fantasma da sufocação, peito chiando noite inteira, nem podia mais nadar... Virou com ódio pro sabetudo:

— Quem lhe contou que é ladrão?

Brotou em todos a esperança de alguma coisa pior.

— O que é, hein?

A pergunta vinha da mulher sem nenhum prazer. O rapaz olhou-a, aquêles demônio da asma... deu de ombros, nem respondeu. Ele mesmo nem sabia certo, entrara do trabalho, apenas despira o sobretudo, ainda estava falando com a mãe já na cama, pedindo a bênção, quando gritaram “Pega!” na rua. Saíra correndo, vira o guarda não muito longe, um vulto que fugia, fôra ajudar. Mas aquêles demônio medonho da asma... O anulou uma desesperança rancorosa. Entre os dentes:

— Desgraçado...

Foi-se embora. De raiva. A mãe mal o pôde seguir, quase correndo, feliz! feliz por ganhar o filho àquela morte certa.

Agora a maioria dos perseguidores saíra na rua. Nem no interior do telhado encontraram o homem. Como fazer?

— Ficou gente no quintal, vigiando?

— Chi! tem pra uns deiz ducidido lá!

Era preciso calma. Lá na janela da mocetona operária começara uma bulha desgraçada. Os irmãos mais novos estavam dando um baile nela, primeiro insultando, depois caçoando que ela nem não tinha visto nada, só mêdo. Ela jurava que sim, se apoiava no medroso que enxergara também, mas êle não estava mais ali, tinha ido embora, danado de o chamarem medroso, êsses bêstas! A mocetona gesticulava, com o metalzinho da “vanity-case” brilhando no ar. Afinal acabou atirando com a caixinha bem na cara do irmão próximo e feriu. Veio a mãe, veio o pai, precisou vir mais gente, que os irmãos cegados com a gôta de sangue queriam massacrar a mocetona.

Organizou-se uma batida em regra, eram uns vinte. As demais casas vizinhas estavam sendo varejadas também, quem sabe... Alguns foram-se embora que tinha muita gente, não eram necessários mais. Mas paravam pelas janelas, pelas portas, respondendo. Nascia aquela vontade de conversar, de comentar, lembrar casos. Era como si se conhecessem sempre.

— Te lembra, João, aquele bêbo no boteco da...

— Nem me!...

Não encontraram nada nas casas e todos vieram saindo para as calçadas outra vez. Ninguém desanimara, no entanto. Apenas despertara em todos uma vontade de alívio, todos certos que o ladrão fugira, estava longe, não havia mais perigo pra ninguém.

O guarda conversava pabulagem, bem distraído num grupo, do outro lado da rua. Veio chegando, era a vergonha do quarteirão, a mulher do português das galinhas. Era uma rica, linda com aquêles beijos largos, enquanto o Fernandes quarentão lá partia no forde passar três, quatro dias na granja de Santo André. Ela, quem disse ir com êle! Chegava o entregador da "Noite", batia, entrava. Ela fazia questão de não ter criada, comia de pensão, tão rica! Vinha o mulato da marmita, pois entrava! E depois diz — que vivia sempre com doença, chamando cada vez era um médico novo, dêsses que ainda não têm automóvel. Até o padeirinho da tarde, que tinha só... quinze? dezesseis anos? entrava, ficava tempo lá dentro.

O jornaleiro negava zangado, que era só pra conversar, senhora boa, mas o entregadorzinho do pão não dizia nada, ficava se rindo, com sangue até nos olhos, de vergonha gostosa.

Foi um silêncio carregado, no grupo, assim que ela chegou. As duas operárias honestas se retiraram com fragor, facilitando os homens. Se espalhou um

cheiro por todos, cheiro de cama quente, corpo ardente e perfumado rescendente. Todos ficaram que até a noite perdera a umidade gélida. De fato, a neblinha se erguera, e a cada uma janela que fechava, vinha pratear mais forte os paralelepípedos uma calma elevada de rua.

Vários grupos já não tinham coesão possível, bastante gente ia dormir. Por uma das janelas agora, pouco além das duas casas, se via um moço magro, de cabelo frio escorrendo, num pijama azul, perdido o sono, repetindo o violino. Tocava uma valsa que era boa, deixando aquêle gosto de tristeza no ar.

Nisto a senhora não pudera mais consigo, muito inquieta com a casa aberta em que tantas pessoas tinham entrado, apareceu na porta da italiana. Esta insistia com a cutra pra ficar dormindo com ela, a senhora hesitava, precisava ir ver a casa, mas tinha medo, sofria muito, olhos molhados, sem querer.

A conversa vantajosa do grupo da portuguesa parou com a visão triste. E o guarda, sem saber que era mesmo ditado pela portuguesa, heróico se sacrificou. Destacou-se do grupo insaciável, foi acompanhar a senhora (a portuguesa bem que o estaria admirando), foi ajudar a senhora mais a italiana a fechar tudo. Até não havia necessidade dela dormir na casa da outra, êle ficava guardando, não arredava pé. E sem querer, dominado pelos desejos, virou a cara, olhou lá do outro lado da calçada a portuguesa fácil. Talvez ela ficasse ali conversando com êle, primeiro só conversando, até de-manhã...

Alguns dos perseguidores, agrupados na porta da casa, tinham se esquecido, naquela conversa apaixonada, o futebol do sábado. Se afastaram, deixando a dona entrar com o guarda. Olharam-na com piedade mas sorrindo, animando a coitada. Nisto che-

gou com estalidos seu Nitinho e tudo se resolveu. Seu Nitinho era compadre da senhora, muito amigo da família, morava duas quadras longe. Viera logo com a espingarda passarinheira dos domingos, proteger a comadre. Dormiria na casa também, ela podia ficar no seu bem-bom com os filhinhos, salva com a proteção. E a senhora mais confiante entrou na casa.

— É, não há nada.

Foi um alívio em todos. A italiana já trazia as crianças se rindo, falando alto, gesticulando muito, insistindo na oferta do leite. Pois a italiana assim mesmo conseguiu vencer a reserva da outra, e invadiu a cozinha, preparando um café. A lembrança do café animou todos. Os perseguidores se convidaram logo, com felicidade. Só o pobre do guarda, mais uma vez sacrificado, não pôde com o sexo, foi se reunir ao grupo da portugêsa.

Eis que a valsa triste acabou. Mas da sombra das árvores em frente, umas quatro ou cinco pessoas, paralisadas pela magnitude da música, tinham por alegria, só por pândega, pra desopilar, pra acabar com aquela angústia miúda que ficara, nem sabiam! tinham. . . enfim, pra fazer com que a vida fôsse engraçada um segundo, tinham arrebetado em aplausos e bravos. E todos, com os aplausos, todos, o grupo da portugêsa, a mocetona com os manos já mansos, os perseguidores da porta, dois ou três mais longe, todos desataram na risada. Só o violinista não riu. Era a primeira consagração. E o peitinho curto dêle até parou de bater.

Soaram duas horas num relógio de parede. Os que tinham relógio, consultaram. Um galo cantou.

O canto firme lavou o ar e abriu o orfeão de tôda a galaria do bairro, uma bulha encarnada radiando no céu lunar. O violinista reiniciara a valsa, porque tinham ido pedir mais música a êle. Mas o violino, bem correto, só sabia aquela valsa mesmo. E a valsa dançava queixosa outra vez, enchendo os corações.

— Eu numa varsa dessa, mulher comigo, eu que mando!

E olhou a portuguesa bem nos olhos. Ela baixou os dela, puros, umidecendo os lábios devagar. Os outros ficaram com ódio da declaração do guarda lindo, bem arranjado na farda. Se sentiram humilhados nos pijamas reles, nos capotes mal vestidos, nos rostos sujos de cama. Todos, acintosamente, por delicadeza, ocultando nas mãos cruzadas ou enfiadas nos bolsos, a indiscreção dos corpos. A portuguesa, em êxtase, divinizada, assim violentada altas horas, por sete homens, traindo pela primeira vez, sem querer, violentada, o marido da granja.

Na porta da casa, a italiana triunfante distribuía o café. Um momento hesitou, olhando o guarda do outro lado da rua. Mas nisto fagulhou uma risadinha em todos lá no grupo, decerto alguma piada sem-vergonha, não! não dava café ao guarda! Pensou na última xícara, atravessou teatralmente a rua olhando o guarda, êle ainda imaginou que a xícara era pra êle. E a italiana entrou na casa dela levando o café para o marido na cama, dormindo porque levantava às quatro, com o trabalho em Pirituba.

Foi um primeiro mal-estar no grupo da portuguesa: todos ficaram com vontade de beber um café bem quentinho. Si ela convidasse... Ela bem queria

mas não achava razão. O guarda se irritou, qual! não tinha futuro! assim com tanta gente ali... Perdera o café. Ainda inventou ir até a casa, saber si a senhora não precisava de nada. Mas a italiana olhara pra êle com tanta ofensa, a xícara bem agarada na mão, que um pudor o esmagou. Ficou esmagado, desgostoso de si, com um princípio de raiva da portugêsa. De raiva, deu um trilo no apito e se foi, rondando os seu domínios.

Os perseguidores tinham bebido o café, já agora perfeitamente repostos em suas consciências... Lhes coçava um pouco de vergonha na pele, tinham perseguido quem?... Mas ninguém não sabia. Uns tinham ido atrás dos outros, levados pelos outros, seria ladrão?...

— Bem vou chegando.

— É. Não tem mais nada.

Boa-noite, boa-noite...

E tudo se dispersou. Ainda dois mais corajosos acompanharam a portugêsa até a porta dela, na esperança nem sabiam do quê. Se despediram delicados, conhecedores de regras, se contando os nomes próprios, seu criado. Ela, fechava a porta, perdidos os últimos passos além, se apoiou no batente, engolindo silêncio. Ainda viria algum, pegava nela, agarava... Amarrou violentamente o corpo nos braços, duas lágrimas rolaram insuspeitas. Foi deitar sem ninguém.

A rua estava de novo quase morta, janelas fechadas. A valsa acabara o bis. Sem ninguém. Só o violinista estava ali, fumando, fumegando muito, olhando sem ver, totalmente desamparado, sem nenhum sono, agarrado a não sei que esperança de que alguém, uma garôta linda, um fotógrafo, um milionário dis-

farçado, lhe pedisse pra tocar mais uma vez. Acabou fechando a janela também.

Lá na outra esquina do outro quarteirão, ficara um último grupinho de três, conversando. Mas é que lá passava bonde.

(1930 — 1941 — 1942)

Nota: Este conto é desenvolvimento de uma das crônicas historiadas que, sob os pseudônimos de Luís Pinho e Luís António Marques, publiquei no "Diário Nacional" de São Paulo em 1931.

Primeiro de Maio

No grande dia Primeiro de Maio, não eram bem seis horas e já o 35 pulara da cama, afobado. Estava bem disposto, até alegre, êle bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz que queria celebrar e havia de celebrar. Os outros carregadores mais idosos meio que tinham caçoado do bôbo, viesse trabalhar que era melhor, trabalho dêles não tinha feriado. Mas o 35 retrucava com altivez que não carregava mala de ninguém, havia de celebrar o dia dêles. E agora tinha o grande dia pela frente.

Dia dêle... Primeiro quis tomar um banho pra ficar bem digno de existir. A água estava gelada, ridente, celebrando, e abrira um sol enorme e frio lá fora. Depois fêz a barba. Barba era aquela penuginha meio loura, mas foi assim mesmo buscar a navalha dos sábados, herdada do pai, e se barbeou. Foi se barbeando. Nu só da cintura pra cima por causa da mamãe por ali, de vez em quando a distância mais aberta do espelinho refletia os músculos violentos dêle, desenvolvidos desarmoniosamente nos braços, na peitaria, no cangote, pelo esforço quotidiano de carregar pêso. O 35 tinha um ar glorioso e estúpido.

Porém êle se agradava daqueles músculos intempes-
tivos, fazendo a barba.

Ia devagar porque estava matutando. Era a es-
perança dum turumbamba macota, em que êle desse
uns sôcos formidáveis nas fuças dos polícias. Não te-
ria raiva especial dos polícias, era apenas a ressonân-
cia vaga daquele dia. Com seus vinte anos fáceis,
o 35 sabia, mais da leitura dos jornais que de expe-
riência, que o proletariado era uma classe oprimida.
E os jornais tinham anunciado que se esperava gran-
des "motins" do Primeiro de Maio, em Paris, em Cuba,
no Chile, em Madri.

O 35 apressou a navalha de puro amor. Era em
Madri, no Chile que êle não tinha bem lembrança si
ficava na América mesmo, era a gente dêle... Uma
piedade, um beijo lhe saía do corpo todo, feito prote-
ção sadia de macho, ia parar em terras não sabidas,
mas era a gente dêle, defender, combater, vencer...
Comunismo?... Sim, talvez fôsse isso. Mas o 35
não sabia bem direito, ficava atordoado com as no-
tícias, os jornais falavam tanta coisa, faziam tamanha
mistura de Rússia, só sublime ou só horrenda, e o
35 infantil estava por demais machucado pela expe-
riência pra não desconfiar, o 35 desconfiava. Prefe-
ria o turumbamba porque não tinha mêdo de ninguém,
nem do Carnera, ah, um sôco bem nas fuças dum po-
lícia... A navalha apressou o passo outra vez. Mas
de repente o 35 não imaginou mais em nada por cau-
sa daquele bigodinho de cinema que era a melhor pre-
ciosidade de todo o seu ser. Lembrou aquela moça
do apartamento, é verdade, nunca mais tinha passado
lá pra ver si ela queria outra vez, safada! Riu.

Afinal o 35 saiu, estava lindo. Com a roupa
preta de luxo, um nó errado na gravata verde com lis-

tinhas brancas e aquêles admiráveis sapatos de pelica amarela que não pudera sem comprar. O verde da gravata, o amarelo dos sapatos, bandeira brasileira, tempos de grupo escolar... E o 35 comoveu num hausto forte, querendo bem o seu imenso Brasil, imenso colosso gigan-ante, foi andando depressa, asobiando. Mas parou de sopetão e se orientou assustado. O caminho não era aquêles, aquêles era o caminho do trabalho.

Uma indecisão indiscreta o tornou consciente de novo que era o Primeiro de Maio, êle estava celebrando e não tinha o que fazer. Bom, primeiro decidiu ir na cidade pra assuntar alguma coisa. Mas podia seguir por aquela direção mesmo, era uma volta, mas assim passava na Estação da Luz dar um bom-dia festivo aos companheiros trabalhadores. Chegou lá, gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dêle, bêstas. Só que em seguida não encontrou nada na cidade, tudo fechado por causa do grande dia Primeiro de Maio. Pouca gente na rua. Deviam de estar almoçando já, pra chegar cedo no maravilhoso jôgo de futebol escolhido pra celebrar o grande dia. Tinha mas era muito polícia, polícia em qualquer esquina, em qualquer porta cerrada de bar e de café, nas joalherias, quem pensava em roubar! nos bancos, nas casas de loteria. O 35 teve raiva dos polícias outra vez.

E como não encontrasse mesmo um conhecido, comprou o jornal pra saber. Lembrou de entrar num café, tomar por certo uma média, lendo. Mas a maioria dos cafés estavam de porta cerrada e o 35 mesmo achou que era preferível economizar dinheiro por enquanto, porque ninguém não sabia o que estava pra suceder. O mais prático era um banco de jardim, com aquêles sol maravilhoso. Nuvens? umas nuven-

zinhas brancas, ondulando no ar feliz. Insensivelmente o 35 foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz. Eram os lados que êle conhecia, os lados em que trabalhava e se entendia mais. De repente lembrou que ali mesmo na cidade tinha banco mais perto, nos jardins do Anhangabaú. Mas o Jardim da Luz êle entendia mais. Imaginou que a preferência vinha do Jardim da Luz ser mais bonito, estava celebrando. E continuou no passo em férias.

Ao atravessar a estação achou de novo a companheirada trabalhando. Aquilo deu um mal-estar fundo nêle, espécie não sabia bem, de arrependimento, talvez irritação dos companheiros, não sabia. Nem queria nunca decidir o que estava sentindo já... Mas disfarçou bem, passando sem parar, se dando por afobado, virando pra trás com o braço ameaçador, "Vocês vão ver!"... Mas um riso aqui, outro riso acolá, uma frase longe, os carregadores companheiros, era tão amigo dêles, estavam caçoando. O 35 se sentiu bôbo, impossível recusar, envilecido. Odiou os camaradas.

Andou mais depressa, entrou no jardim em frente, o primeiro banco era a salvação, sentou-se. Mas dali algum companheiro podia divisar êle e caçoar mais, teve raiva. Foi lá no fundo do jardim campear banco escondido. Já passavam negras disponíveis por ali. E o 35 teve uma idéia muito não pensada, recusada, de que êle também estava uma espécie de negra disponível, assim. Mas não estava não, estava celebrando, não podia nunca acreditar que estivesse disponível e não acreditou. Abriu o jornal. Havia logo um artigo muito bonito, bem pequeno, falando na nobreza do trabalho, nos operários que eram também os "operários da nação", é isso mesmo. O 35 se orgulhou todo comovido. Si pedissem pra êle matar, êle

matava, roubava, trabalhava grátis, tomado dum sublime desejo de fraternidade, todos os seres juntos, todos bons... Depois vinham as notícias. Se esperavam "grandes motins" em Paris, deu uma raiva tal no 35. E êle ficou todo fremente, quase sem respirar, desejando "motins" (devia ser turumbamba) na sua desmesurada fôrça física, ah, as fuças de algum... polícia? polícia. Pelo menos os safados dos polícias.

Pois estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proibira comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente em motins de-tarde no Largo da Sé. Mas a polícia já tomara tôdas as providências, até metralhadoras, estavam em cima do jornal, nos arranha-céus, escondidas, o 35 sentiu um frio. O sol brilhante queimava, banco na sombra? Mas não tinha, que a Prefeitura, pra evitar safadez dos namorados, punha os bancos só bem no sol. E ainda por cima era aquela imensidade de guardas e polícias vigiando que nem bem a gente punha a mão no pescocinho dela, trilo. Mas a Polícia permitiria a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho, no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado! A sensação foi claramente péssima. Não era mêdo, mas por quê que a gente havia de ficar encurralado assim! É! é pra êles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão)! Não vou! não sou bêsta! Quer dizer: vou sim! desafôro! (palavrão), sôcos, uma visão tumultuária, rolando no chão, se machucava mas não fazia mal, saíam todos enfurecidos do Palácio das Indústrias, pegavam fogo no Palácio das Indústrias, não! a indústria é a gente, "operários da nação", pegavam fogo na igreja de São Bento mais próxima que era tão linda por "drento", mas praquê pegar fogo em nada! (O 35 chegara até a primeira comunhão em menino...), é

milhor a gente não pegar fogo em nada; vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do Governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dêle. Pronto. Isso o 35 consentiu, não porque o tingisse o menor separatismo (e o aprendido no grupo escolar?) mas nutria sempre uma espécie de despeito por São Paulo ter perdido na revolução de 32. Sensação aliás quase de esporte, questão de Palestra-Corinthians, cabeça inchada, porque não vê que êle havia de se matar por causa de uma bêsta de revolução diz-que democrática, vão "êles"!... Si fôsse o Primeiro de Maio, pelo menos... O 35 percebeu que se regava todo por "drento" dum espírito generoso de sacrifício. Estava outra vez enormemente piedoso, morreria sorrindo, morrer... Teve uma nítida, envergonhada sensação de pena. Morrer assim tão lindo, tão moço. A moça do apartamento...

Salvou-se lendo com pressa, ôh! os deputados trabalhistas chegavam agora às nove horas, e o jornal convidavam (sic) o povo pra ir na Estação do Norte (a estação rival, desapontou) pra receber os grandes homens. Se levantou mandado, procurou o relógio da torre da Estação da Luz, ora! não dava mais tempo! quem sabe si dá!

Foi correndo, estava celebrando, raspou distraído o sapato lindo na beira de tijolo do canteiro, (pala-vrão), parou botando um pouco de guspe no raspão, depois engraxo, tomou o bonde pra cidade, mas dando uma voltinha pra não passar pelos companheiros da Estação. Que alvorôço por dentro, ainda havia de aplaudir os homens. Tomou o outro bonde pro Brás. Não dava mais tempo, êle percebia, eram quase nove horas quando chegou na cidade, ao passar pelo Palácio das Indústrias, o relógio da torre indica-

va nove e dez, mas o trem da Central sempre atrasa, quem sabe? bom: às quatorze horas venho aqui, não perco, mas devo ir, são nossos deputados no tal de congresso, devo ir. Os jornais não falavam nada dos trabalhistas, só falavam dum que insultava muito a religião e exigia divórcio, o divórcio o 35 achava necessário (a moça do apartamento...), mas os jornais contavam que tôda a gente achava graça no homenzinho "Vós, burgueses", e tôda a gente, os jornais contavam, acabaram se rindo do tal de deputado. E o 35 acabou não achando mais graça nêle. Teve até raiva do tal, um sôco é que merecia. E agora estava torcendo pra nãc chegar com tempo na Estação.

Chegou tarde. Quase nada tarde, eram apenas nove e quinze. Pois não havia mais nada, não tinha aquela multidão que êle esperava, parecia tudo normal. Conhecia alguns carregadores dali também e foi perguntar. Não, não tinham reparado nada, decerto foi aquêle grupinho que parou na porta da Estação, tirando fotografia. Aí outro carregador conferiu que eram os deputados sim, porque tinham tomado aquêles dois sublimes automóveis oficiais. Nada feito.

Ao chegar na esquina o 35 parou pra tomar o bonde, mas vários bondes passaram. Era apenas um moço bem-vestidinho, decerto à procura de emprêgo por aí, olhando a rua. Mas de repente sentiu fome e se reachou. Havia por dentro, por dentro dêle um desabalar neblinoso de ilusões, de entusiasmo e uns raios fortes de remorso. Estava tão desagradável, estava quase infeliz... Mas como perceber tudo isso si êle precisava não perceber!... O 35 percebeu que era fome.

Decidiu ir a-pé pra casa, foi a-pé, longe, fazendo um esfôrço penoso para achar interêsse no dia. Es-

tava era com fome, comendo aquilo passava. Tudo deserto, era por ser feriado, Primeiro de Maio. Os companheiros estavam trabalhando, de vez em quando um carrêgo, o mais eram conversas divertidas, mulheres de passagem, comentadas, piadas grossas com as mulatas do jardim, mas só as bem limpas mais caras, que êle ganhava bem, todos simpatizavam logo com êle, ora por qué que hoje me deu de lembrar aquela moça do apartamento!... Também: moça morando sòzinha é no que dá. Em todo caso, pra acabar o dia era uma idéia ir lá, com que pretexto?... Devia ter ido em Santos, no piquenique da Mobiliadora, doze paus o convite, mas o Primeiro de Maio... Recusara, recusara repetindo o "não" de repente com raiva, muito interrogativo, se achando esquisito daquela raiva que lhe dera. Então conseguiu imaginar que êsse piquenique monstro, aquêle jôgo de futebol que apaixonava êles todos, assim não ficava ninguém pra celebrar o Primeiro de Maio, sentiu-se muito triste, desamparado. É melhor tomo por esta rua. Isso o 35 percebeu claro, insofismável que não era melhor, ficava bem mais longe. Ara, que tem! Agora êle não podia se confessar mais que era pra não passar na Estação da Luz e os companheiros não rirem dêle outra vez. E deu a volta, deu com o coração cerrado de angústia indizível, com um vento enorme de todo o ser soprando êle pra junto dos companheiros, ficar lá na conversa, quem sabe? trabalhar... E quando a mãe lhe pôs aquela esplêndida macarronada celebrante sôbre a mesa, o 35 foi pra se queixar "Estou sem fome, mãe". Mas a voz lhe morreu na garganta.

Não eram bem treze horas e já o 35 desembocava no parque Pedro II outra vez, à vista do Palácio das Indústrias. Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa

do sol. Não podia mais se recusar o estado de infelicidade, a solidão enorme, sentida com vigor. Por sinal que o parque já se mexia bem agitado. Dezenas de operários, se via, eram operários endomingados, vagueavam por ali, indecisos, ar de quem não quer. Então nas proximidades do palácio, os grupos se apinhavam, conversando baixo, com melancolia de conspiração. Polícias por todo lado.

O 35 topou com o 486, grilo quase amigo, que policiava na Estação da Luz. O 486 achara jeito de não trabalhar aquêle dia porque se pensava anarquista, mas, no fundo era covarde. Conversaram um pouco de entusiasmo semostradeiro, um pouco de primeiro de maio, um pouco de "motim". O 486 era muito valentão de bôca, o 35 pensou. Pararam bem na frente do Palácio das Indústrias que fagulhava de gente nas sacadas, se via que não eram operários, decerto os deputados trabalhistas, havia até moças, se via que eram distintas, todos olhando para o lado do parque onde êles estavam.

Foi uma nova sensação tão desagradável que êle deu de andar quase fugindo, polícias, centenas de polícias, moderou o passo como quem passeia. Nas ruas que davam pro parque tinha cavalarias aos grupos, cinco, seis, escondidos na esquina, querendo a descrição de não ostentar fôrça e ostentando. Os grilos ainda não faziam mal, são uns (palavrão)! O palácio dava idéia duma fortaleza enfeitada, entrar lá dentro, eu!... O 486 então, exaltadíssimo, descrevia coisas piores, massacres horrendos de "proletários" lá dentro, descrevia tudo com a visibilidade dos medrosos, o pátio fechado, dez mil proletários no pátio e os polícias lá em cima nas janelas, fazendo pontaria na maciota.

Mas foi só quando aquêles três homens bem vestidos, se via que não eram operários, se dirigindo aos grupos vagueantes, falaram pra êles em voz alta: "Podem entrar! não tenham vergonha! podem entrar!" com voz de mandando assim na gente... O 35 sentiu medo franco. Entrar êle! Fêz como os outros operários: era impossível assim soltos, desobedecer aos três homens bem vestidos, com voz mandando, se via que não eram operários. Foram todos obedecendo, se aproximando das escadarias, mas o maior número longe da vista dos três homens, torcia caminho, iam se espalhar pelas outras alamêdas do parque, mais longe.

Êsses movimentos coletivos de recusa acordaram a covardia do 35. Não era medo, que êle se sentia fortíssimo, era pânico. Era um puxar unânime, uma fraternidade, era carícia dolorosa por todos aquêles companheiros fortes tão fracos que estavam ali também pra... pra celebrar? pra... O 35 não sabia mais pra quê. Mas o palácio era grandioso por demais com as tórres e as esculturas, mas aquela porção de gente bem vestida nas escadas enxergando êle (teve a intuição violenta de que estava ridículamente vestido), mas o enclausuramento na casa fechada, sem espaço de liberdade, sem ruas abertas pra avançar, pra correr dos cavalarias, pra brigar... E os polícias na maciota, encarapitados nas janelas, dormindo na pontaria, teve ódio do 486, idiota medroso! De repente o 35 pensou que êle era moço, precisava se sacrificar: si fizesse um modo bem visível de entrar sem medo no palácio, todos haviam de seguir o exemplo dêle. Pensou, não fêz. Estava tão opresso, se desfibrara tão rebaixado naquela mascarada de socialismo, naquela desorganização trágica, o 35 ficou desolado duma vez. Tinha piedade, tinha amor, tinha fraternidade, e era só. Era uma sarça ardente, mas era sentimento só.

Um sentimento profundíssimo, queimando, maravilhoso, mas desamparado, mas desamparado. Nisto vieram uns cavalarias, falando garantidos:

— Aqui ninguém não fica não! a festa é lá dentro, me'rmão! no parque ninguém não pára não!

Cabeças-chatas... E os grupos deram de andar outra vez, de cá para lá, riscando no parque vasto, com vontade, com medo, falando baixinho, mastigando incerteza. Deu um ódio tal no 35, um desespêro tamanho, passava um bonde, correu, tomou o bonde sem se despedir do 486, com ódio do 486, com ódio do primeiro de maio, quase com ódio de viver.

O bonde subia para o centro mais uma vez. Os relógios marcavam quatorze horas, decerto a celebração estava principiando, quis voltar, dava muito tempo, três minutos pra descer a ladeira, teve fome. Não é que tivesse fome, porém o 35 carecia de arranjar uma ocupação sinão arrebatava. E ficou parado assim, mais de uma hora, mais de duas horas, no largo da Sé, diz-que olhando a multidão.

Acabara por completo a angústia. Não pensava, não sentia mais nada. Uma vagueza cruciante, nem bem sentida, nem bem vivida, inexistência fraudulenta, cínica, enquanto o primeiro de maio passava. A mulher de encarnado foi apenas o que lhe trouxe de novo à lembrança a moça do apartamento, mas nunca que êle fôsse até lá, não havia pretexto, na certa que ela não estava sòzinha. Nada. Havia uma paz, que paz sem côr por dentro...

Pelas dezessete horas era fome, agora sim, era fome. Reconheceu que não almoçara quase nada, era fome, e principiou enxergando o mundo outra vez. A multidão já se esvaziava, desapontada, porque não houvera nem uma briguinha, nem uma correria no largo

da Sé, como se esperava. Tinha claros bem largos, onde os grupos dos polícias resplandeciam mais. As outras ruas do centro, essas então quase totalmente desertas. Os cafés, já sabe, tinham fechado, com o pretexto magnânimo de dar feriado aos seus "proletários" também.

E o 35 inerte, passivo, tão criança, tão já experiente da vida, não cultivou vaidade mais: foi se dirigindo num passo arrastado para a Estação da Luz, pra os companheiros dêle, êsse era o domínio dêle. Lá no bairro os cafés continuavam abertos, entrou num, tomou duas médias, comeu bastante pão com manteiga, exigiu mais manteiga, tinha um fraco por manteiga, não se amolava de pagar o excedente, gastou dinheiro, queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! foi comendo com prazer até os companheiros. Eles se ajuntaram, agora sérios, curiosos, meio inquietos, perguntando pra êle. Teve um instinto voluptuoso de mentir, contar como fôra a celebração, se enfeitar, mas fêz um gesto só, (palavrão), cuspiendo um muxôxo de desdém pra tudo.

Chegava um trem e os carregadores se dispersaram, agora rivais, colhendo carrêgos em porfia. O 35 encostou na parede, indiferente, catando com dentadinhas cuidadosas os restos da maçã, junto aos caroços. Sentia-se cômodo, tudo era conhecido velho, os chofêres, os viajantes. Surgiu um farrancho que chamou o 22. Foram subir no automóvel mas afinal, depois de muita gritaria, acabaram reconhecendo que tudo não cabia no carro. Era a mãe, eram as duas velhas, cinco meninos repartidos pelos colos e o marido. Tudo falando: "Assim não serve não! As malas não vão não!" Aí o chofêr garantiu enérgico que as malas

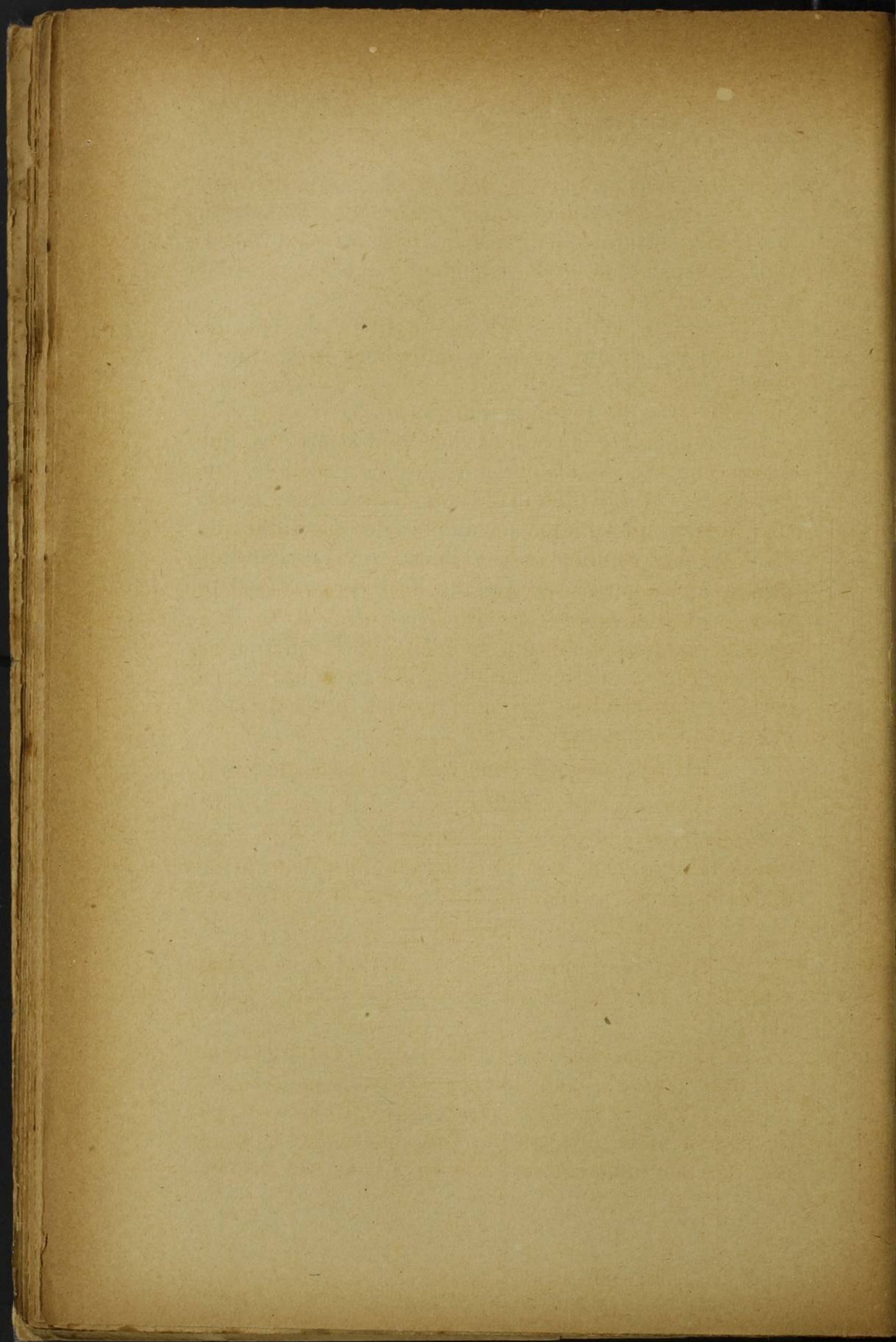
não levava, mas as maletas elas “não largaram não”, só as malas grandes que eram quatro. Deixaram elas com o 22, gritaram a direção e partiram na gritaria. Mais cabeça-chata, o 35 imaginou com muita aceitação.

O 22 era velhote. Ficou na beira da calçada com aquelas quatro malas pesadíssimas, preparou a correia, mas coçou a cabeça.

— Deixa que te ajudo, chegou o 35.

E foi logo escolhendo as duas malas maiores, que ergueu numa só mão, num esforço satisfeito de músculos. O 22 olhou pra êle, feroz, imaginando que 35 propunha rachar o galho. Mas o 35 deu um sôco só de pândega no velhote, que estremeceu socado e cambaleou três passos. Caíram na risada os dois. Foram andando.

(1934 — 1942)



Atrás da Catedral de Ruão

Às vêzes até mesmo com pessoas presentes, lhe acontecia receber aquela sensação “afrosa”, como diriam as meninas na meia-língua franco-brasileira que se davam agora por divertimento. E as duas garôtas pararam a leitura, percebendo a quarentona estremecer. Se entreolharam. Alba perguntou, meio curiosa, mas também já meio irônica por causa das manias da professôra:

— Est-ce que vous avez froid par cette chaleur?...

— Non, ma chère enfant, je...

Hesitava, iniciando uma daquelas reticências que punham sempre as três tão fogosamente na proximidade do perigo. Lúcia ajudou, tomando ar maternal:

— Voulez-vous quelque chose?

— Non! non! non!... je... il faut bien que je vous fasse une confidence, mes petites amies, ah! ah! ah!...

E ria numa das suas risadas atuais, completamente falsas, corando com volúpia nas faces pálidas, sem rouge, a que a camada vasta do pó-de-arroz não disfarçava mais o desgaste. Era o jeito que tinha de não dar nenhuma importância ao que as três pressen-

tiam ser importantíssimo. Afinal pôde continuar, entre confusa e misteriosa, dando de ombros:

— Il y a des jours ou je sens à tout moment qu'un... "personnage" me frôle!

E acentuava o "personnage", que repetia sempre num nojo despeitado. Mas Lúcia:

— Cà vous fait mal!

— "Mâle", ma chère enfant, "mâ-le". N'égratignez pas vos mots comme ça. "Mâ-le".

Mas logo num gritinho de surpresa:

— Oh! je vous demande pardon, Lúcia! Je me suis trompée de lisière! Vous avez parlé du Bien et du Mal, j'ai pensé que vous parliez du maléfice des hommes, ah! ah! ah!...

E ria bem-aventurada.

Dona Lúcia si acaso soubesse o que estava se passando agora, decerto não retomava Mademoiselle para professôra das filhas. Fôra mais longe: na caridade viciosa a que transportara a sua pobre vida cortada, fizera da solteirona uma espécie de dama-de-companhia das filhas. Lúcia e Alba estavam quase moças, dezesseis e quinze anos desenvolto, que a viagem desbastara demais, jogadas de criada em criada, de colégio em colégio, de língua em língua, de esporte em esporte. Seria injusto afirmar que sabiam tudo e mesmo ignoravam coisas primárias, fáceis de saber, mas que nunca as surpreenderam naquele aprendizado da malícia, feito ao léu do acaso. Mas isso elas compensavam por um saber em excesso de coisas imaginosas e irrealizáveis, que ficaríamos bem estomagados de saber, nós, usadores do mundo.

Além do inglês e do alemão em que Mademoiselle nem de longe podia agora competir com elas, voltavam falando um francês bem mais moderno e leal

que o da professôra, estagnada no ensino e nas suas metáforas suspeitas. “N'égratignez pas les mots comme ça!”, Mademoiselle vinha com irritação, ciosa da sua pronúncia. Ou, no horror incontrolável aos cotovelos, saltava: “Effacez vos coudes, mon enfant!” E agora mais que nunca ela “se trompait de lisière” — o que tinha uma história. Não vê que desde a infância Mademoiselle cantava uma canção antiga em que Lisette indo em busca da primeira paquerette da primavera, topa com um cavaleiro na lisière du bois. Está claro que o cavaleiro tomava Lisette na garupa e sucedia ser um príncipe trali-lan-lère, trali-lan-la. Mademoiselle já tinha trinta anos feitos no Brasil, quando naquela vida mesquinha de lições e pão incerto, principiou se inquietando com a paquerette que ela estava desleixando de colhêr na primavera. Preocupação não muito grande, porque ela ainda se sentia moça na higiene excessiva do corpo e a blusinha professoral, alvíssima, cheia de rendas crêspas. Um dia porém, sem querer, cantarolando a sua canção, no momento em que alcançou a lisière, Lisette parou sufocada, sem poder mais cantar. O que houve? o que não houve? Mademoiselle ficara assim, bôca no ar, olhos assombrados, na convulsão duma angústia horrível. Nem podia respirar. Quando pôde respirou fundo, era mais um suspiro que respiro, e não se compreendeu. Naquele tempo ainda não podia “se sentir muito freudiana, hoje”, como as meninas vieram da Europa falando. Mademoiselle apenas não se compreendeu. Porém nunca mais que se lembrou da canção, nunca mais que a cantou. Poucos dias depois ela principiava a “se tromper de lisière” a cada confusão que fazia. E eram muitas as confusões.

Das melhores fôra aquela quando se encontraram tôdas em Paris, porque Mademoiselle, cheia de apre-

ensões, emprestara um dinheiro e partira na esperança de dizer o último adeus à mãe cardíaca. Mademoiselle chegou agitadíssima no palacete, foi sentando esbaforida, "oh, mes enfants!", esquecida até das alegrias do encontro. É que estava no hol do seu hotelzinho quando entrou um homem de cartola, cavanhaque, fraque, óculos escuros, o cavanhaque era pointu, pointu! Je me suis dit: Ce personnage vient tuer qualq'un. Il monta au salon, pas une minute ne s'était passée, nous entendîmes les cinq coups du pistolet. Dans le ventre!" E se auxiliou desvairada do gesto homicida: "Poum! poum! poum! et poum!... Olhou dona Lúcia, olhou as meninas, assustada, indecisa. E numa das reconsiderações leais, de quando se enganava de lisière J'ai manqué un poum: ça fait cinq.

Dona Lúcia achava graça em Mademoiselle. Quer dizer, talvez nem achasse graça mais, tôda entregue altivamente ao seu drama e à representação discreta da infelicidade. As crianças ainda tinham ido com pai à Europa, um pai longínquo, surgindo raro na família e quase sem as enxergar. O dia em que partiram de Paris para os seis meses na Escócia, dona Lúcia lhes contou que o pai fôra viajar também, noutra direção. Depois acrescentara pensativa que êle tinha muito negócio, a viagem decerto era comprida... E acabou decidindo que as filhas não deviam reparar na ausência do pai. Só por isso é que elas repararam. Mas tinham apenas dez anos de vida reclusa em São Paulo, nem siquer estimavam o pai: acharam meio esquisito e veio um mal-estar. Apenas se sentiram mais sòzinhas e lhes passou no espírito uma nuvem interrogativa, um floco. Não decidiram nada, mas cinco anos de viagens, colégios,

camelos, freiras, Dinamarcas e Palestinas, quando voltaram não supunham mais um pai. Dona Lúcia é que resolveu ficar eternamente infeliz e ficou.

Mademoiselle fôra das primeiras pessoas que visitaram as recém-chegadas. Tivera um surto inadequado de lágrimas que até divertira as meninas. Se abraçara muito com elas, soluçando “mes PAUVRES enfants!”, com que ênfase no “pauvres”! Dona Lúcia até não conseguiu guardar o gesto de impaciência, e a professôra envelhecida ficara muito reta na cadeira, envergonhada do arroubo anacrônico, aproveitando o esforço das outras visitas no reerguer da conversa, pra consertar a polvadeira lívida do rosto que as lágrimas listravam.

Estava mais destratinha agora, isso via-se, as lições cada vez menos numerosas. Dona Lúcia voltava de alma fatigada, maternidade incorreta que aquêles vaivém de colégios e hotéis transformara quase num dever. Adorava as filhas, mas era o êxtase inerte das adorações nacionais. Preferia se meter nas obras de caridade que a emolduravam de beatas de prêto, muito diferentes com a ricaça. As meninas estavam mocinhas, carecendo mesmo de alguém, quase uma preceptora que as acompanhasse em festas, visitas, lhes tomasse conta da educação. E assim ajudavam Mademoiselle, coitada.

E Mademoiselle, sempre na sua blusa alvíssima de rendinhas crêspas, caíra naquele mundo mágico de anseios que era o das duas adolescentes, como conversaram! Como viajaram e viveram experiências desejadas, aquêles primeiros dias! Mademoiselle soltava petits cris excitadíssima, pedindo mais detalhes, detalhes, ces norvégiens! e êsses catalões, e os árabes, les touaregs!...

— Mais nous n'avons pas vu les touaregs, Mademoiselle.

E ela, ar de mistério, sacudindo o dedo profético no ar:

— Heureusement pour vous, mes enfants!

Assim nascera em poucos dias um entrejôgo de reticências e curiosidades malignas que agora devastavam a professôra. Tudo não passava duma ceva divertida de quase-imoralidade para as meninas. Um fraseio sem pontos finais, farto de “vous comprenez”, de “vous savez”, de “n'est-ce pas?”, em que era sempre Mademoiselle a imaginar imoralidades horrorosas, esbaforida de sustos.

Na viagem do Mediterrâneo:

— ... Mme. de Lavellais avait un petit mousse qui venait tous les jours dans sa cabine pour frotter son parquet. Alors... il fallait voir çà, Mademoiselle ce qu'il frrottait consciemment!

— Ah, ah, ah, ela vinha com o seu riso de disfarce: p'tite rabelaisienne, taisez-vous...

As meninas inventavam palavras para se conversar diante dos outros. Eram como onomatopéias pressentidas, sem nenhum sentido nítido, próprias daquele mundo vago em que viviam.

— Vous savez... Nous avons entendu aujourd'hui une conversation entre une femme et son mari...

— Oh, mes enfants, interrompia: vous avez une curiosité très maladive! Je sais parfaitement quelles sont les conversation entre une femme et son mari, voyons! C'est quelque chose de honteux.

— Je voudrais bien savoir ce que c'est “tarlataner”. Ils parlaient tout le temps de “tarlataner”, de “haut tarlatanage”...

— Alba!... Ne prononcez jamais ce verbe intransitif! C'est très vulgaire.

Vivia resfriada na exigência das blusas brancas. Chegava afrosa, nariz vermelho, pingando. Lúcia lhe propunha logo um chá, mas com bastante rum pour avoir des rêves.

— Je ne veux pas de rêves! ela rufava as rendas, gritandinho, je ne veux pas de rêves! Les chats me suffisent!

E pressentira uma vergonha que a inundava de remorsos felizes. Praquê contara o seu olhar na janela enfrestada do quarto, o ouvido, a cara tôda enfim na umidade de setembro, aprendendo o esperanto fácil dos gatos da noite? J'attrape mes rhumes à cause de ces chats... E se resfriava inda mais, devorando homeopantias. Nos seus quarenta e três anos de idade, Mademoiselle estava tomada por um vendaval de mal de sexo. Não se compreendia, nunca tivera aquilo em sua virgindade tão passiva sempre. Amara sim, duas vêzes, mas nunca desejara. Agora, as meninas tinham chegado, era o vendaval, tão estalantes de experiências próximas, que puseram tuaregues no corpo de Mademoiselle. E Mademoiselle estava... só um verbo irracional dirá no que Mademoiselle estava: Mademoiselle estava no cio.

O vendaval. Ela sentia masculinos "ces personnages" que a frolavam no escuro do quarto, na fala das meninas, na desvirginação escandalosa das ruas. Agora Mademoiselle anda de a-pé e procura no jornal onde é o lugar de encontro das multidões. Mas não vai lá, tem medo. Não é feliz, mas também não pode-se dizer que ficasse infeliz, Mademoiselle estava gostosa. E nessa paciência compensadora dos tímidos, ela ia saborear todos os dias nas conversas com as meninas, um naco elástico dos gozos que em pouco elas irão viver. Quase sempre era assim mesmo: era ela a concluir em malícia as frases inventadas pelas

alunas, que por certo ficariam muito atrapalhadas si a quarentona as deixasse continuar o que inventavam até um fim inexistente e siquer pressentido.

— Un après-midi nous avons vu un homme avec une barbe, vous comprenez... derrière la cathédrale de Rouen... Alors, vous comprenez...

— Ma chère enfant, j'estime que vous allez trop loin. Je vous défends de continuer! E decisória, pxx: Ce qui se passait derrière la cathédrale de Rouen, voyons! se passe derrière toutes les cathédrales!

Mas não só ela concluía assim as investigações das meninas. Era ela mesma a propor os assuntos mais salgados. E quando os propunha, chegando o instante da verdade, sem coragem pra continuar, ela exclamava o "quelle sottise" e reticenciava mais claro que tudo:

— Et alors... c'était comme derrière la cathédrale de Rouen.

A catedral contava tudo. E era deliciosamente punidor o tudo que contava a catedral. Mademoiselle arranjava as rendinhas, agitada. Alba esperando, se entregara ao cacoete favorito, aquela mania desagradável de dobrar o pulso, forcejando pra tocar o antebraço com o polegar. Mademoiselle volta à vida, com a irritação:

— Alba, pourquoi faites-vous ça...

E a menina entre envergonhada e atacante:

— Excusez-moi, Mademoiselle... c'est de la cochonnerie.

— Cochonnerie!

Aquilo a espantava enfim. As meninas andavam empregando "cochonnerie" sem o menor propósito. Alba trocou o olhar preventivo com a mana, mas contendo o riso, se escondeu numa inocência espantada, afirmando que a professôra mesmo é que dissera serem "cochonneries" as coisas inúteis.

— Moi, mon enfant!

— V'oui! le jour que les ouvriers se donnaient la main!

O caso é que três dias antes elas liam no jardim aproveitando o solzinho raro daquele setembro chuvoso e passara na rua um casal de operários se dando a mão. Decerto o rapaz estava querendo dizer coisas bem íntimas, porque a moça procurava se desprender, ambos forcejavam e riam numas gargalhadas que enfeitaram tôda a rua. Mademoiselle saiu da leitura e se perdeu, seguindo os namorados com os olhos e a vida. As meninas também tiveram a atenção chamada pelos risos, mas percebendo o que era, apenas dois namorados, quiseram voltar à leitura geográfica lhes contando coisas mais novidadeiras. Mas o perdimento de Mademoiselle despertou a vontade de maliciar. Alba disse:

— Qu'est-ce qu'ils font?

Mademoiselle corou vivo e trouxe os olhos para as duas. Mas assim pegada em pecado não lhes agüentou o olhar agudo, já rindo muito. Quis disfarçar, arranjando a rendinha, e murmurou o mais inocente que pôde fingir, uma resposta que considerou perfeita:

— Ils se donnent la main.

Mas Lúcia no sufragante:

— Pour quoi faire!

Mademoiselle fitou indignada a menina. Chegou a estremecer na visão. Pois elas bem não tinham visto o que se passara atrás da catedral de Ruão! Deu um daqueles muxoxos, meio nojo, meio desnorteamento, que lhe mereciam tôdas as cochoneiras dessa vida:

— ...pour quoi faire... pxx!...

Alba e Lúcia a examinavam deliciadas. Mademoiselle fazia fôrça pra se acalmar, pour quoi faire... Ela bem sabia que não se deve deixar perguntas de criancinhas sem resposta. Era melhor fingir desinterêsse por aquêles dois "personnages gluants", se dando a mão com tanta imoralidade. E voltou ao livro enquanto ainda sussurrava só consigo, aturdida, "pour quoi faire"...

A leitura continuou, e as meninas se engolferam nela, num átimo esquecidas do incidente que não rendera bastante. Mas Mademoiselle eis que fechava o seu livro de sopetão e o põe com ruído na mesinha. A olharam numa surprêsa que logo se transformou em assombro quando viram a cara da mestra. Naquela calma veludosa de paz Mademoiselle estava completamente transtornada, ôlho em desvario pulando de Lúcia pra Alba, de Alba pra Lúcia, bôca entreaberta num esgar, as rugas fantasistamente se mexendo.

— Laissez votre livre de coté, mes enfants! Là, sur le banc!

As meninas obedeceram maquinais, sem vontade nenhuma de rir, preocupadas. Mademoiselle ordenou:

— Donnez-vous la main! Non! pas comme ça, pxx! n'éparpillez pas vos doigts! Oui! c'est très bien!

As meninas não ligaram logo o caso, estavam, mas, assombradas. Passou um tempo. Mademoiselle afinal exclamava, cheia da vitória:

— Et bien!?

Não sabiam o que se passava, já meio hirtas agora, garantidas que si se olhassem não agüentavam, caíam na gargalhada.

— Et bien! Mademoiselle as incitava no triunfo: Avez-vous bien réfléchi?

— Je ne sais...

— Taisez-vous! Dites! Vous voilà la main dans la main, tout à fait comme (mastigava sílaba por sílaba, no desprêzo colérico) comme ces deux personnages qui se promenaient tout à l'heure, dites! Qu'est-ce que vous sentez, dites!

— Mais...

— Taisez-vous!

Alba menos capaz, acabou com aquela bobagem:

— Moi, je ne sens rien.

— Et vous, Lúcia! dites! Vous êtes plus agée que votre soeur, vous devez sentir quelque chose! triunfante, triunfante.

Mas Lúcia, um bocado irritada, se desprendeu da irmã, dando de ombros. Irritada apenas? Lhe seria impossível se compreender naquela desilusão apreensiva, que a deixava numa vaga esperança de chorar. Mademoiselle estava soberba, muito esguiazinha, magistral. Revelou, se sentindo absolutamente dominadora:

— Voilà. On ne sent rien, vous savez! Il y a des gens ignorants qui font ces cochonneries inutiles, mais on ne sent rien, mes enfants, on ne sent absolument rien. Retournons à notre géographie.

De-noite, quando se arranjavam pra deitar, entrava o ar pesado, oleaginoso, de rosas. Alba se olhou muito no espelho, sentada. Estava velha, com mêdo. Suspirou fundo e de repente se enforcou com ambas as mãos. Veio descendo com elas pelo corpo, pelos seios nascentes, como naquela página do "Médecin malgré lui" em que Mademoiselle escrevera em vermelho "page condamnée" pra que as alunas não lessem. Lúcia escutando o suspiro, chegou-se pra irmã. Alba recusou vivo o contato, mas lhe veio a frase diária, pra se desculpar da grosseria:

— Me sinto freudiana, hoje... Acho que vou sonhar tarlatanagens.

Lúcia censurou:

— Olhe, Alba, você carece acabar com essas histórias... Você anda muito complexenta demais.

Mas perdoou logo. Deu um piparote nos cabelos pesados da mana:

— Cochonneries inúteis.

Caíram na risada as duas. E tanto as cochonneries como as cochoneries tarlatanaram daí em diante no arrulho dúbio delas.

Mademoiselle ficara tonta com a referência de Alba ao casal de operários. Recordou imediatamente a cena de que se saíra com tanto brilhantismo, imaginava. Pois Alba compreendera que o que faziam os dois namorados eram “cochonneries inúteis”! Estava desnorteada porque les cochonneries ne sont pas inúteis, évidemment! reconhecia no íntimo, imaginando como sair da enrascada. Enxugou lerdo o nariz. Desistiu. Confessou devagar, pesando as palavras, conciliatória:

— Ma chère enfant... il ne faut pas dire des choses inúteis que se sont des cochonneries, par exemple!... Les cochonneries sont... des cochonneries! E exaltada de repente, se sacudindo tôda: S’embrasser sur la bouche, voilà une cochonnerie! Une chair vive contre une chair vive, pxxx!

Se ergueu pra partir. Tinha que ir à farmácia homeopática, tomar dois bondes, e o “Angélica” dava uma volta enorme até chegar na praça da Sé, se desculpou. Aquela evocação bruta de carnes vibrantes se ajuntando a escorraçava aos repelões. Enxugou o nariz.

Descendo do bonde na praça, embora a rua da farmácia ficasse ali mesmo, Mademoiselle é invadida

por um vendaval misterioso, sem nexo. Como é que estava andando assim noutra direção, subindo a praça, enveredando para a catedral! O bom-senso a obrigou a se definir, não era possível se tromper tamanhamente de lisière. Mademoiselle se dirigiu para a farmácia, inquieta muito, batida por desilusões. Comprou o alho sativo e mais vários tubinhos de pérolas alvas. Chegou à porta, pôs o embrulho na bolsa, estava escurecendo e agora a inquietação já se transformava num desvario completo. Ficou ali, olhando a gente muita que passava apressada. Não sabia. Como que uma voz a chamava, uma voz fortíssima, atordoando. Não era voz, era o brouhaha dos bondes, dos autos, da gente. Mas o destino é que mandava os passos dela. Tinha que voltar e em vez o destino, não era o destino nem a voz não, quelle sottise! em vez estava subindo exagitada, frolando nos homens. Contrária a sua direção, Mademoiselle sobe, chamada pela catedral. Apressa o passo, estava quase correndo. O pavor a tomara, era um vento medonho na praça, sôpro de sustos tamanhos que os arranha-céus se desmoronam com fragor. Chega o fragor. Chega o medo horrível, mil braços que a enforcassem, mil bôcas, une chair vive contre une chair vive, lhe rasgam a blusinha, no ventre! e ela tropeça sem poder mais. Tem que parar. Se encostou nas pedras da ábside, ia cair. Os homens passando afobados, meio se viraram na indecisão, sem se decidir a perguntar si aquela velhota quer alguma coisa. Pode estar doente, pedir auxílio, perdiam tempo. Passavam. Afinal o guarda deu tento na coitada.

— A senhora precisa alguma coisa?

Mademoiselle tirou a mão dos olhos, muito envergonhada, refeita de súbito com a pergunta. Non, merci, mas se percebendo noutra lisière, consertou:

Não, obrigada. E agora, já sem sustos mais, num desalento vazio, termina de contornar o derrière da catedral. Já não era mais ela que "bousculava" os outros, como diriam as meninas, a multidão é que a busculava, a empurrava, a sacode. Mademoiselle não enxerga mais, não sente. Nem percebe que afinal toma o terceiro ou quarto "Angélica" chegado. Nunca que imaginasse o acontecido, o mal de sexo já está grande por demais, e Mademoiselle precisa duma experiência maior pra alcançar a verdade.

As ruas agora já estavam mais visíveis na entressombra, mais largas, seguindo por avenidas ricas. Mademoiselle enfim reconheceu com franqueza que já vinham descendo pela avenida Angélica. Voltava pouco a pouco à vida. Mas si estivesse no seu natural iria até a rua das Palmeiras e tomava outro bonde que a levasse à Sebastião Pereira, onde ficava o segundo andar da sua pensão. Sem elevador. Mademoiselle gosta pouco de caminhar. Mas eis que dá um puxão brusco na campainha, o bonde pára espirrando. Mademoiselle desce e se lembra de enxugar o nariz, prá quê desceu!

Cortando pelas ladeiras oblíquas se dirige à pensão, anda. Acontece que assim, no crepúsculo caseiro, numa última esperança de antemão desengañada, Mademoiselle passa pelo derrière da igreja de Santa Cecília. Assim mesmo uns sustinhos a tomaram, o respiro cresceu, foi agradável.

Mademoiselle chega sem muita desolação ao seu segundo andar. Havia um rol da engomadeira, difícil de ajustar, blusas e blusas. Mademoiselle examina as rendas com aplicação. De vez em quando pára, trata de enxugar o nariz, ah! o remédio. Se esquecera dos remédios mas agora é tarde. Vamos deixar o remédio para depois do jantar. Mademoiselle ergueu

súbito a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos. Ficou assim por algum tempo, ansiosa, no mal-estar quase suave, e como nada sucedesse, como sempre, retornou ao cuidado de encrespar com mais minúcia a rendinha engomada da blusa. Agora vivia assim, na virulência nova da sua solidão, eis que estremecia. Lhe vinha a sensação até brutal de ter alguém junto de si. Sobrestava, tinha que sobrestar por fôrça a ocupação qualquer em que estivesse, meio que se voltava e ficava esperando, olhos baixos. Nunca que ela olhasse com franqueza o lado, o canto, a porta donde lhe vinha a presença do homem. Ela desoladamente sabia não haver ninguém ali.

Mas daquela aventura horrível lhe fica um fraco pelo derrièrre das igrejas. Não vê igreja sôlta, que não lhe brote a fatalidade de passar por detrás. A desilusão não ã desilude nunca. Mademoiselle passa numa brisa agradável de apreensões, apesar do pleno dia, que ela nunca sai de-noite mais, tem um mêdo! Sabe de-cor os sacristães cuidadosos que não deixam nas reentrâncias das ábsides a prova dos homens gluants da noite. Não vem mais no seu bonde, da casa de dona Lúcia até a pensão. Pára uma esquina antes do largo de Santa Cecília. Até imagina que está precisando andar mais a pé. Vem. Está muito corretazinha e retazinha. Vem, faz a volta da igreja, lhe bate a brisa de sustos, é agradável. Mademoiselle estuga o passo e chega ofegante à porta da sua pensão.

Nesse dia as meninas a atenazaram por demais. A cidade vinha se arrepiando de pretensões políticas porque afinal tinham lançado mesmo o já muito proposto partido da opposição, o Democrático. Dona Lúcia embarcara na onda que lhe trazia um gasto novo de volúpias. Tinha parente importante no P. D. e

nessa tarde, pela primeira vez depois de sete anos, os salões dela se abriam para o cocktail aos chefes do Partido. Dona Lúcia decidiu que as filhas haviam de aparecer nem que fôsse um momento. Fazia questão de se apresentar ornada de resultados, bem matrona, imponente em seus traços de infeliz. Mademoiselle devia comparecer, como preceptora.

As meninas ficaram de lado, era natural. A reunião era quase só de homens, poucas senhoras e vários sonhos políticos de subir. O velho conselheiro comparecera, na sua figura raçadíssima, avec une barbe, vous savez. E assim, olhando de longe tantos homens que a gesticulação política ainda tornava mais ferozes, Alba e Lúcia tinham caído em cima da professôra.

Era no fim daquela primavera, et alors, vous comprenez, Mademoiselle chegara mais resfriada que nunca, o nariz inchara um pouquinho, e com o embrulho esquisito, um cilindro comprido, pageado cuidadosamente junto ao seio. As perguntas das meninas foram tão insistentes, as suposições tão maliciosas que Mademoiselle precisou confessar. A homeopatia não lhe dava jeito mais ao resfriado, "bronchite" ela insistia, no eufemismo contraído de moça, pra evitar de qualquer forma que êsses brasileiros falassem em "constipação" pxx! Pois então se lembrara de comprar aquela garrafa de rum, confessou envergonhadíssima, "un tout petit peu!" que ela quase gritava ameaçadora, diante do riso das meninas.

O jôgo principiara logo muito esquentado. Estavam as três mais que freudianas, daquele recanto da saleta espiando tantos homens que deviam ser importantes, fazendo tudo o que desejavam. Os cocktails passavam, cocktails fortes bem prá homem,

dona Lúcia se recusava a beber. Mas as meninas principiaram tarlatanando cada vez mais audaciosas. Mademoiselle não continha mais ninguém.

— ...vous savez pourquoi ils se sont installés au dessus du théâtre Santa Helena n'est-ce pas?

— Mais non! Racontez-moi ça.

E Lúcia sem saber onde vai parar:

— Après les spectacles ils montent au Parti e font de choses affreuses, vous comprenez, n'est-ce pas!

— Ma' chère enfant, taissez-vous. Voyons... mais qu'est-ce qu'ils peuvent bien faire alors?

— Vous comprenez, n'est-ce pas! Ils ont fait un trou, Mademoiselle, un énorme trou! Monsieur le Premier Secrétaire s'est mis tout nu sur un énorme plat, et on l'a descendu dans le théâtre, vous comprenez ce qui se passait...

— Lúcia, je vous défends de continuer! peremptória, à bout.

— Mais Mademoiselle, c'est qu'ils commencent tous a roucouler!

— Tais-toi! tais-toi! ela espirrava na sua binaridade autoritária atual, imagem derradeira da autoridade que ela não conseguia mais ter sôbre aquelas pequenas rabelaisianas da primavera. Tais-toi! tais-toi! pulandinho de gôzo entre as duas garôtas, no desvão da saleta, emborcando a taça de cocktail. Dona Lúcia acabara suspeitando alguma coisa de anormal na alegria daquelas três, ordenara às meninas que subissem. E se foram as três para cima, logo calmas na apreensão de algum malfeito grave.

Só agora percebiam que a noite caíra. O relógio antigo do estúdio marcava oito horas. Um susto gélido de brisa entrou pela janela e invadiu Mademoiselle. Atchim, ela espirrou estremecendo. Foi

se incurtando muito, ficou pequeninha, quase um nada vivaz de chair vive, resumida a uma girândola de espirros em surdina. Teve mêdo, era muito tarde. Ainda imaginou esperar que a festa acabasse, estava no fim, e pedir a dona Lúcia que a fizesse acompanhar por qualquer um dos criados de ocasião. Mas ficou logo horrorizada com as audácias dêle, decerto quis kidnapá-la, mas os outros passageiros do bonde intervieram, e êle (preferia o que a servira) lhe deu o braço prá descer e a carregou possante, encostando a mão no peito dela, bem no peito. Criou juízo e decidiu ir só.

O bonde felizmente vinha cheio até demais, tinha uns seis passageiros derramados pelos bancos e Mademoiselle, acalentada, se sonha defendida por êles. Si o criado viesse, êles derramavam sangue na luta, bastante sangue. E que coragem dêles, que luta feroz! Os defensores bufavam de cólera, os sôcos caíam, o auto não respeitava o silêncio da noitinha e num momento, o que foi! os bondes de-noite correm tão desabalados pelos bairros, era aquêle mesmo tumulto da praça da Sé que a tomava. Seria uma voz? seria o destino? Mademoiselle já mal respira e toca brusco a campainha. O bonde pára com um grito horrível, é um assassinato, aliás, ela corrigiu, "assassínio" em português. Mademoiselle nem desce, salta, pula, foge, se livrando, faz o quarteirão sem pensar, não há multidão que a buscule, as árvores, as árvores é que a machucam, saem sombras kidnapantes delas, os lampeões fazem trous, trous, doloridíssimos no ar desmaiado.

Mademoiselle percebe nítido, mas com uma nitidez inimaginável de tão fatal, que chegou no largo de Santa Cecília. Seguirá reto? É só atravessar o

largo pela frente da igreja e, uns cem passos mais, a porta salvadora da pensão... Mademoiselle sabe disso, decide isso, quer decidir isso, mas agora é tarde, os passos a contrariam e a conduzem atrás da catedral de Ruão. É um silêncio de crime, o bairro dorme em paz burguesa. Mas tinha que suceder. Duma das ruas que desembocam na curva da ábside, saltam dois homens, avec une barbe? não viu bem, mas très louches, que se atiram a persegui-la.

Atchim! que ela explodiu, exagerando o grito de socorro com volúpia. C'est pour les advertir que je suis enrhumée, ela se pensa, heròicamente na presciência de que as "constipações" protegem contra os assaltos à virgindade. E atchim! ela repetiu mais uma vez, sem vontade nenhuma de espirrar, ameaçadora, se escutando vitoriosa no deserto da praça. Poum... poum... poum... Os dois perseguidores vinham apressados, passo igual. E o som dos sapatões posantes, eram possantes, devorava o atchim espavorido da pucela. E as passadas reboam mais vitoriosas ainda no silêncio infeliz do largo, ninguém para a salvar, só as árvores inúteis como cochonneries, enquanto os dois homens a vão alcançar. Não pode mais. Cairia nos braços dêles, e êles a violariam sem piedade, exatamente como sucedera atrás da catedral de Ruão.

Mademoiselle apressa o passo ainda mais. Mas talvez o temor a imobilizasse como ao passarinho no olho da cobra: dá uns três passos corridinhos e logo quase pára de andar, esperançosa, sussurrando uns passos lerdos, curtos. Poum... poum... poum... Ela avistava, era um fragor de catedrais desmoronando, ela enxergava muito bem os coruchéus despendendo em linha reta sôbre ela, arcobotantes agitados se enrijando, a flecha zuninte da ábside, o crime seria

hediondo porque ela havia de se debater com quanta fôrça tinha, só a encontravam no dia seguinte desmaiada as vestes rôtas, sangrentas, o que diriam as meninas! muito sangue, poum... poum.... já lhe punham, si lhe pusessem as mãos gluantes nos ombros, ela havia de berrar.

Afinal um dos homens agarra-a pelo pescoço. Mas segurara mal. Mademoiselle deu um galeio prá frente com o pescocinho, mais uma corridinha e conseguiu se distanciar do monstro. Mas o outro monstro agora alargava muito o passo e ela percebeu, a intenção dêle era estirar a perna de repente, trançar na dela bem trançado e com a rasteira ela caía de costas pronta e êle tombava sôbre ela na ação imensa. Porém ela fêz um esforço ainda, um derradeiro esforço, deu um pulinho, passou por cima da perna e aqui ela chorava. Quis correr, não podia, porque o outro monstro veio feito uma fúria, ergueu os braços políticos e espedaçou-lhe os seios que sangravam. Mademoiselle deu um último gritinho e virou a esquina.

Mademoiselle virou a esquina da sua rua. Mademoiselle virou a esquina. Sua rua. Enxergou, era tão oferecidamente próxima a porta da pensão, e ela não teve mais esperança nenhuma. Nunca mais que havia de passar por trás das igrejas, e no dia seguinte as meninas desnorteadas topavam com aquela professorinha de dantes, longínqua, pura, branda. Mademoiselle estava salva, salva! E por sinal que a porta da pensão também estava alviçareiramente iluminada ainda, pois eram apenas vinte e uma horas. O copeiro na porta, homem de seu dever que a defendia si preciso, conversava com as criadas do portão vizinho. Um cheiro leve de acácias.

Mas isto Mademoiselle não podia sentir, nariz que era um tomate raçado de cooperativa. Sentiu

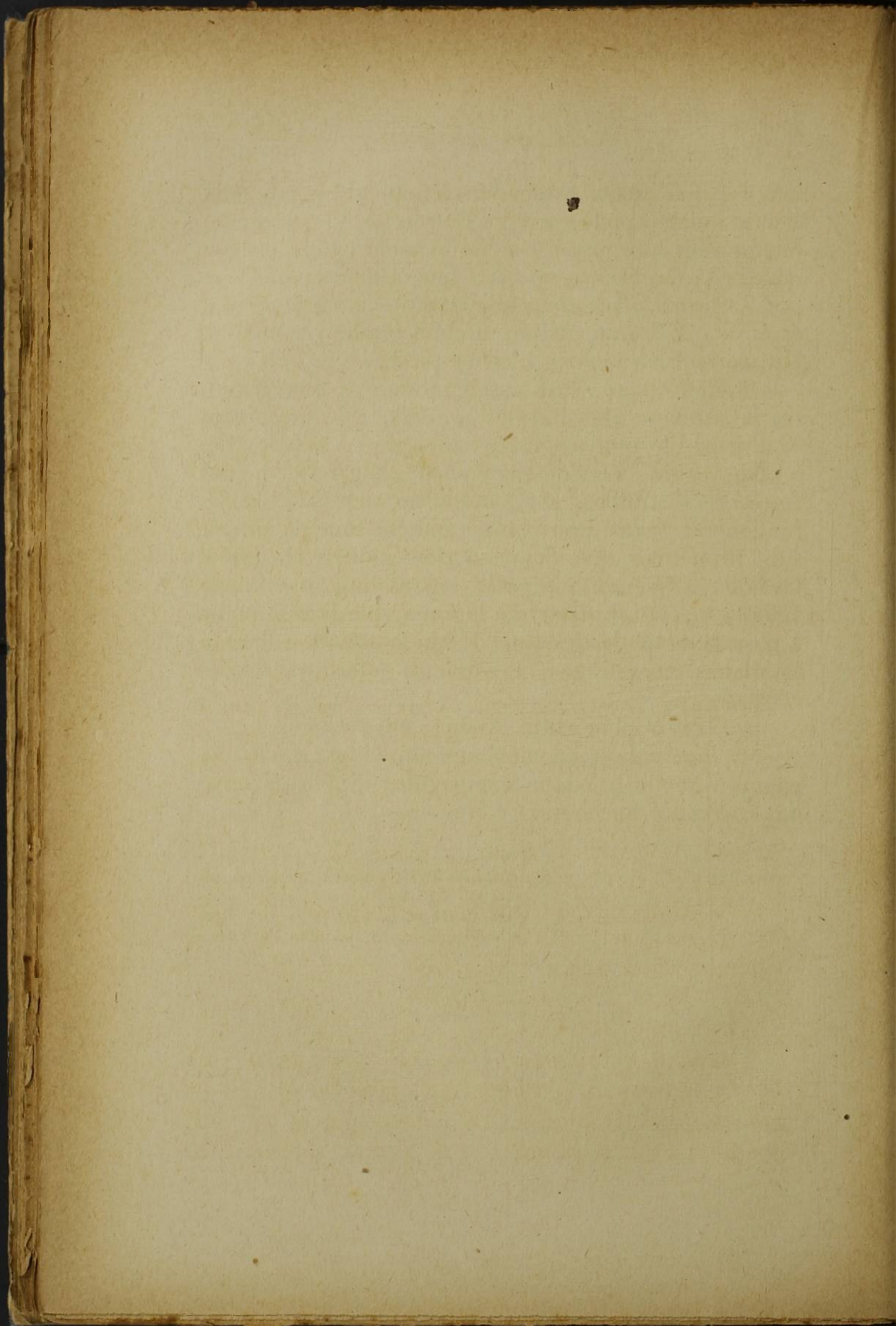
mas foi que estava irremediavelmente salva pra tôda a vida e então pôde correr. Correu, já num passinho lúcido, sem sofismas, e o pêlo do renard falso lhe fêz uma brisa tão irônica no nãriz que, quando parada na porta, primeiro ela teve que atender ao tiroteio dos espirros. E foram atchim, atchim, atchim e atchim. J'ai manqué un atchim, n'est-ce pas?

Foram cinco. Pois assim mesmo os perseguidores lá vinham chegando atrás dela. Só que agora Mademoiselle estava mesmo salva pra todo o sempre e pôde reagir. Os homens vinham chegando em suas conversas distraídas. Se plantou no meio da calçada, fungou um sexto espirro inteiramente fora de propósito, tirou mais que depressa dois níqueis da bôlsa. Os homens tiveram que parar, espantados, ante aquela velhota luzente de espirro e lágrima, que lhes impedia a passagem, ar de desafio. E Mademoiselle soluçava as sílabas, na coragem raivosa de tôdas as ilusões ecruladas:

— Mer-ci pour votre bo-nne com-pa-gnie!

E lhes enfiou na mão um níquel prá cada um, pagou! Pagou a bonne compagnie. Subiu as escadas correndo, foi chorar.

(Primeiros esboços, Amazonas, julho e agosto de 1927; primeira versão escrita, 9-I-1943 a 17-I-43; segunda versão completa, 3-III-44 e 4-III-44; versão definitiva, junho a 15 de julho de 1944.)



O poço

Ali pelas onze horas da manhã o velho Joaquim Prestes chegou no pesqueiro. Embora fizesse fôrça em se mostrar amável por causa da visita convidada para a pescaria, vinha mal-humorado daquelas cinco léguas de fordinho cabritando na estrada péssima. Aliás o fazendeiro era de pouco riso mesmo, já endurecido por setenta e cinco anos que o mumificavam naquele esqueleto agudo e taciturno.

O fato é que estorara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Mogi pra pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fôra dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família — gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. Agora Joaquim Prestes desbravava pesqueiros na barranca fácil do Mogi. Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico, viajado, meio sem quefazer, desbravava outros matos.

Fôra o introdutor do automóvel naquelas estradas, e si o município agora se orgulhava de ser um dos maiores produtores de mel, o devia ao velho Joaquim Prestes, primeiro a se lembrar de criar abe-

lhas ali. Falando o alemão (uma das suas "iniciativas" goradas na zona) tinha uma verdadeira biblioteca sôbre abelhas. Joaquim Prestes era assim. Caprichosíssimo, mais cioso de mando que de justiça, tinha a idolatria da autoridade. Pra comprar o seu primeiro carro fôra à Europa, naqueles tempos em que os automóveis eram mais europeus que americanos. Viera uma "autoridade" no assunto. E o mesmo com as abelhas de que sabia tudo. Um tempo até lhe dera de reeducar as abelhas nacionais, essas "porcas" que misturavam o mel com a samora. Gastou anos e dinheiro bom nisso, inventou ninhos artificiais, cruzou as raças, até fêz vir umas abelhas amazônicas. Mas si mandava nos homens e todos obedeciam, se viu obrigado a obedecer às abelhas que não se educaram um isto. E agora que ninguém falasse perto dêle numa inocente jeteí, Joaquim Prestes xingava. Tempo de florada no cafezal ou nas fruteiras do pomar maravilhoso, nunca mais foi feliz. Lhe amargavam penosamente aquelas mandassaias, mandaguaris, bijuris que vinham lhe roubar o mel da *Apis Mellifica*.

E tudo o que Joaquim Prestes fazia, fazia bem. Automóveis tinha três. Aquela marmon de luxo pra o levar da fazenda à cidade, em compras e visitas. Mas como fôsse um bocado estreita para que coubessem à vontade, na frente, êle choferando e a mulher que era gorda (a mulher não podia ir atrás com o mecânico, nem êste na frente e ela atrás) mandou fazer uma rolls-royce de encomenda, com dois assentos na frente que pareciam poltronas de hol, mais de cem contos. E agora, por causa do pesqueiro e da estrada nova, comprara o fordinho cabritante, todo dia quebrava alguma peça, que o deixava de mau-humor.

Que outro fazendeiro se lembrara mais disso! Pois o velho Joaquim Prestes dera pra construir no pesqueiro uma casa de verdade, de tijolo e telha, embora não imaginasse passar mais que o claro do dia ali, de mêdo da maleita. Mas podia querer descansar. E era quase uma casa-grande se erguendo, quarto do patrão, quarto pra algum convidado, a sala vasta, o terraço telado, tela por toda a parte pra evitar pernilongos. Só desistiu da água encanada porque ficava um dinheirão. Mas a casinha, por detrás do bangalô, até era luxo, tôda de madeira aplainada, pintadinha de verde pra confundir com os mamoeiros, os porcos de raça por baixo (isso de fossa nunca!) e o vaso de esmalte e tampa. Numa parte destocada do terreno, já pastavam no capim novo quatro vacas e o marido, na espera de que alguém quisesse beber um leitezinho caracu. E agora que a casa estava quase pronta, sua horta folhuda e uns girassóis na frente, Joaquim Prestes não se contentara mais com a água da geladeira, trazida sempre no forde em dois termos gordos, mandara abrir um poço.

Quem abria era gente da fazenda mesmo, dêsses camaradas que entendem um pouco de tudo. Joaquim Prestes era assim. Tinha dez chapéus estrangeiros, até um panamá de conto de réis, mas as meias, só usava meias feitas pela mulher, "pra economizar" afirmava. Afora aquêles quatro operários ali, que cavavam o poço, havia mais dois que lá estavam trabucando no acabamento da casa, as marteladas monótonas chegavam até a fogueira. E todos muito descontentes, rapazes de zona rica e bem servida de progresso, jogados ali na ceva da maleita. Obedeceram, mandados, mas corroídos de irritação.

Só quem estava maginando que enfim se arranjava na vida era o vigia, êsse caipira da gema, bagre

sorna dos alagados do rio, maleiteiro eterno a viola e rapadura, mais a mulher e cinco famílias enfezadas. Esse agora, se quisesse tinha leite, tinha ovos de legumes finas e horta de semente. Mas lhe bastava imaginar que tinha. Continuava feijão com farinha, e a carne-sêca do domingo.

Batera um frio terrível êsse fim de julho, bem diferente dos invernos daquela zona paulista, sempre bem secos nos dias claros e solares, e as noites de uma nitidez sublime, perfeitas pra quem pode dormir no quente. Mas aquêles ano umas chuvas diluviais alagavam tudo, o couro das carteiras embolorava no bôlso e o café apodrecia no chão.

No pesqueiro o frio se tornara feroz, lavado daquela umidade maligna que, além de peixe, era só o que o rio sabia dar. Joaquim Prestes e a visita foram se chegando pra fogueira dos camaradas, que logo levantaram, machucando chapéu na mão, bom-dia, bom-dia. Joaquim tirou o relógio do bôlso, com muita calma, examinou bem que horas eram. Sem *censura aparente*, perguntou aos camaradas *si ainda não tinham ido trabalhar*.

Os camaradas responderam que já tinham sim, mas que com aquêles tempo quem agüentava permanecer dentro do poço continuando a perfuração! Tinham ido fazer outra coisa, dando u'a mão no acabamento da casa.

— Não trouxe vocês aqui pra fazer casa.

Mas que agora estavam terminando o café do meio-dia. Espaçavam as frases, desapontados, principiando a não saber nem como ficar de pé. Havia silêncios desagradáveis. Mas o velho Joaquim Prestes impassível, esperando mais explicações, sem dar sinal de compreender nem de desculpar ninguém. Tinha

um era o mais calmo, mulato desempenado, fortíssimo, bem escuro na côr. Ainda nem falara. Mas foi êsse que acabou inventando um jeito humilhante de disfarçar a culpa inexistente, botando um pouco de felicidade no dono. De repente contou que agora ainda ficara mais penoso o trabalho porque enfim já estava minando água. Joaquim Prestes ficou satisfeito, era visível, e todos suspiraram de alívio.

— Mina muito?

— A água vem de com fôrça, sim senhor.

— Mas precisa cavar mais.

— Quanto chega?

— Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo.

— Parmo e meio, Zé.

O mulato virou contrariado para o que falara, um rapaz branco, enfezádinho, côr de doente.

— Ocê marcou, mano...

— Marquei sim.

— Então com mais dois dias de trabalho tenho água suficiente.

Os camaradas se entreolharam. Ainda foi o José quem falou:

— Quer dizer... a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo, só o mano que é leviano pode descer...

— Quanto mede?

— Quarenta e cinco palmo.

— Papagaio! escapou da bôca de Joaquim Prestes. Mas ficou muito mudo, na reflexão. Percebia-se que êle estava lá dentro consigo, decidindo uma lei. Depois meio que largou de pensar, dando todo o cuidado lento em fazer o cigarrro de palha com per-

feição. Os ramaradas esperavam, naquele silêncio que os desprezava, era insuportável quase. O rapaz não conseguiu se agüentar mais, como que se sentia culpado de ser mais leve que os outros. Arrancou:

— Por minha causa não, Zé, que eu desço bem.

José tornou a se virar com olhos enraivecidos pro irmão. Ia falar, mas se conteve enquanto outro tomava a dianteira.

— Então ocê vai ficar naquela dureza de trabalho com essa umidade!

— Si a gente pudesse revezar inda que bem... murmurou o quarto, também regularmente leviano de corpo mas nada disposto a se sacrificar. E decidiu:

— Com essa chuvarada a terra tá mole demais, e si afunda!... Deus te livre...

Aí José não pôde mais adiar o pressentimento que o invadia e protegeu o mano:

— 'cê bêsta, mano! e sua doença!...

A doença, não se falava o nome. O médico achara que o Albino estava fraco do peito. Isso de um ser mulato e o outro branco, o pai espanhol primeiro se amigara com uma preta do litoral, e quando ela morrera, mudara de gôsto, viera pra zona da Paulista casar com moça branca. Mas a mulher morrera dando à luz o Albino, e o espanhol, gostando mesmo de variar, se casara mas com a cachaça. José, taludinho, inda agüentou-se bem na orfandade, mas o Albino, tratado só quando as colonas vizinhas lembravam, Albino comeu terra, teve tifo, escarlatina, desinteria, sarampo, tosse comprida. Cada ano era uma doença nova, e o pai até esbravejava nos janeiros: "Que enfermidade le falta, caramba!" e bebia mais. Até que desapareceu pra sempre.

Albino, nem que fôsse pra demonstrar a afirmativa do irmão, teve um acesso forte de tosse. E Joaquim Prestes:

— Você acabou o remédio?

— Inda tem um poucadinho, sim sinhô.

Joaquim Prestes mesmo comprava o remédio do Albino e dava, sem descontar no ordenado. Uma vidraça que o rapaz quebrara, o fazendeiro descontou os três mil e quinhentos do custo. Porém montava na marmon, dava um pulo até a cidade só pra comprar aquêlê fortificante estrangeiro, “um dinheirão!” resmungava. E eram mesmo dezoito mil réis.

Com a direção da conversa, os camaradas perceberam que tudo se arranjava pelo melhor. Um comentou:

— Não vê que a gente está vendo si o sol vem e seca um pouco, mode o Albino descer no poço.

Albino, se sentindo humilhado nessa condição de doente, repetiu agressivo:

— Por isso não que eu desço bem! já falei...

José foi pra dier qualquer coisa mas sobreteve o impulso, olhou o mano com ódio. Joaquim Prestes afirmou:

— O sol hoje não sai.

O frio estava por demais. O café queimando, servido pela mulher do vigia, não reconfortava nada, a umidade corroía os ossos. O ar sombrio fechava os corações. Nenhum passarinho voava, quando muito algum pio magoado vinha botar mais tristeza no dia. Mal se enxergava o aclive da barranca, o rio não se enxergava. Era aquêlê arminho sujo da névoa, que assim de longe parecia intransponível.

A afirmação do fazendeiro trouxera de novo um som apreensivo no ambiente. Quem concordou com êle foi o vigia chegando. Só tocou de leve no chapéu,

foi esfregar forte as mãos, rumor de lixa, em cima do fogo. Afirmou baixo, com voz taciturna de afeiçoado àquele clima ruim:

— Peixe hoje não dá.

Houve silêncio. Enfim o patrão, o busto dêle foi se erguendo impressionantemente agudo, se endireitou rijo e todos perceberam que êle decidira tudo. Com má vontade, sem olhar os camaradas, ordenou:

— Bem... é continuar todos na casa, vocês estão ganhando.

A última reflexão do fazendeiro pretendia ser cordial. Mas fôra navalhante. Até a visita se sentiu ferida. Os camaradas mais que depressa debandaram, mas Joaquim Prestes:

— Você me acompanhe, Albino, quero ver o poço.

Ainda ficou ali dando umas ordens. Havia de tentar uma rodada assim mesmo. Afinal jogou o tóco do cigarro na fogueira, e com a visita se dirigiu para a elevação a uns vinte metros da casa, onde ficava o poço.

Albino já estava lá, com muito cuidado retirando as tábuas que cobriam a abertura. Joaquim Prestes, nem mesmo durante a construção, queria que caíssem "coisas" na água futura que êle iria beber. Afinal ficaram só aquelas tábuas largas, longas, de cabreúva, protegendo a terra do rebordo do perigo de esbarrondar. E mais aquêle aparelho primário, que "não era o elegante, definitivo", Joaquim Prestes foi logo explicando à visita, servindo por agora pra descer os operários no poço e trazer terra.

— Não pise aí, nhô Prestes! Albino gritou com susto.

Mas Joaquim Prestes queria ver a água dêle. Com mais cuidado, se acorou numa das tábuas do rebordo e firmando bem as mãos em duas outras que

atravessavam a bôca do poço e serviam apenas pra descanso da caçamba, avançou o corpo pra espiar. As táboas abaularam. Só o viram fazer o movimento angustiado, gritou:

— Minha caneta!

Se ergueu com rompante e sem mesmo cuidar de sair daquela bocarra traiçoeira, olhou os companheiros, indignado:

— Essa é boa!... Eu é que não posso ficar sem a minha caneta-tinteiro! Agora vocês hão de ter paciência, mas ficar sem minha caneta é que eu não posso! têm que descer lá dentro buscar! Chame os outros, Albino! e depressa! que com o barro revolvido como está, a caneta vai afundando!

Albino foi correndo. Os camaradas vieram imediatamente, solícitos, ninguém sequer lembrava mais de fazer corpo mole nem nada. Pra êles era evidente que a caneta-tinteiro do dono não podia ficar lá dentro. Albino já tirava os sapatões e a roupa. Ficou nu num átimo da cintura pra cima, arregaçou a calça. E tudo, num átimo, estava pronto, a corda com o nó grosso pro rapaz firmar os pés, afundando na escuriza do buraco. José mais outro, firmes, seguravam o cambito. Albino com rapidez pegou na corda, se agarrou nela, balanceando no ar. José olhava, atento:

— Cuidado, mano...

— Vira.

— Albino...

— Nhô?

— ... veja si fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro...

— Então é melhor botar um pau na corda pra fincar os pé.

— Qual, mano! vira isso logo!

José e o companheiro viraram o cambito, Albino desapareceu no poço. O sarilho gemeu, e à medida

que a corda se desenrolava o gemido foi aumentando, aumentando, até que se tornou num uivo lancinante. Todos estavam atentos, até que se escutou o grito de aviso do Albino, chegado apenas uma queixa até o grupo. José parou o manejo e fincou o busto no cambito.

Era esperar, todos imóveis. Joaquim Prestes, mesmo o outro camarada espiavam, meio esquecidos do perigo da terra do rebordo esbarrondar. Passou um minuto, passou mais outro minuto, estava desagradabilíssimo. Passou mais tempo, José não se conteve. Segurando firme só com a mão direita o cambito, os músculos saltaram no braço magnífico, se inclinou quanto pôde na beira do poço:

— Achoooooou!

Nada de resposta.

— Achou, manoooo!...

Ainda uns segundos. A visita não agüentara mais aquela angústia, se afastara com o pretexto de passear. Aquela voz de poço, um tom surdo, irônicamente macia que chegava aqui em cima em qualquer coisa parecia com um "não". Os minutos passavam, ninguém mais se agüentava na impaciência. Albino havia de estar perdendo as fôrças, grudado naquela corda, de cócoras, passando a mão na lama coberta de água.

— José...

— Nhô. Mas atentando onde o velho estava, sem mesmo esperar a ordem, José asperejou com o patrão: — Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá sôlta!

Joaquim Prestes se afastou de má vontade. Depois continuou:

— Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. José mais que depressa deu a or-

dem. A corda bambeou. E agora, aliviados, os operários entreconversavam. O magruço, que sabia ler no jornal da vendinha da estação, deu de falar, o idiota, no caso do "Soterrão de Campinas". O outro se confessou pessimista, mas pouco, pra não desagradar o patrão. José mudo, cabeça baixa, olho fincado no chão, muito pensando. Mas a experiência de todos ali, sabia mesmo que a caneta-tinteiro se metera pelo barro mole e que primeiro era preciso esgotar a água do poço. José ergueu a cabeça, decidido:

— Assim não vai não, nhô Joaquim Prestes, precisa secar o poço.

Aí Joaquim Prestes concordou. Gritaram ao Albino que subisse. Ele ainda insistiu uns minutos. Todos esperavam em silêncio, irritados com aquela teima do Albino. A corda sacudiu, chamando. José mais que depressa agarrou o cambito e gritou:

— Pronto!

A corda enrijou retesada. Mesmo sem esperar que o outro operário o ajudasse, José com músculos de amor virou sozinho o sarilho. A mola deu aquêlê uivo esganado, assim virada rápido, e veio uivando, gemendo.

— Vocês me engraxem isso, que diabo!

Só quando Albino surgiu na boca do poço o sarilho parou de gemer. O rapaz estava que era um monstro de lama. Pulou na terra firme e tropeçou três passos, meio tonto. Baixou muito a cabeça sacudida com estertor purrr! agitava as mãos, os braços, pernas, num halo de lama pesada que caía aos ploques no chão. Deu aquêlê disfarce pra não desapontar:

— Puta frio!

Foi vestindo, sujo mesmo, com ânsia, a camisa, o pulover esburacado, o paletó. José foi buscar o seu próprio paletó, o botou silencioso na costinha do ir-

mão. Albino o olhou, deu um sorriso quase alvar de gratidão. Num gesto feminino, feliz, se encolheu dentro da roupa, gostando.

Joaquim Prestes estava numa exasperação terrível, isso via-se. Nem cuidava de disfarçar para a visita. O caipira viera falando que a mulher mandava dizer que o almôço do patrão estava pronto. Disse um "Já vou" duro, continuando a escutar os operários. O magruço lembrou buscarem na cidade um poceiro de profissão. Joaquim Prestes estrilou. Não estava pra pagar poceiro por causa duma coisa à-tôa! que êles estavam com má vontade de trabalhar! esgotar poço de pouca água não era nenhuma áfrica. Os homens acharam ruim, imaginando que o patrão os tratara de negros. Se tomaram dum orgulho machucado. E foi o próprio magro, mais independente, quem fixou José bem nos olhos, animando o mais forte, e meio que perguntou, meio que decidiu:

— Bamo!...

Imediatamente se puseram nos preparos, buscando o balde, trocando as tábuas atravessadas por outras que agüentassem pêso de homem. Joaquim Prestes e a visita foram almoçar.

Almôço grave, apesar o gôsto farto do dourado. Joaquim Prestes estava árido. Dera nêle aquela decisão primária, absoluta de reaver a caneta-tinteiro hoje mesmo. Pra êle, honra, dignidade, autoridade não tinha gradação, era uma só: tanto estava no custear a mulher da gente como em reaver a caneta-tinteiro. Duas vêzes a visita, com ares de quem não sabe perguntou sôbre o poceiro da cidade. Mas só o forde podia ir buscar o homem e Joaquim Prestes, agora que o vigia afirmara que não dava peixe, tinha embirrado, havia de mostrar que, no pesqueiro dêle, dava.

Depois que diabo! os camaradas haviam de secar o poço, uns palermas! Estava numa cólera desesperada. Botando a culpa nos operários, Joaquim Prestes como que distrai a culpa de fazê-los trabalhar injustamente.

Depois do almoço chamou a mulher do vigia, mandou levar café aos homens, porém que fôsse bem quente. Perguntou si não havia pinga. Não havia mais, acabara com a friagem daqueles dias. Deu de ombros. Hesitou. Ainda meio que ergueu os olhos pra visita, consultando. Acabou pedindo desculpa, ia dar uma chegadinha até o poço pra ver o que os camaradas andavam fazendo. E não se falou mais em pescaria.

Tudo trabalhava na afobação. Um descia o balde. Outro, com empuxões fortes na corda, afinal conseguia deitar o balde lá no fundo pra agua entrar nêle. E quando o balde voltava, depois de parar tempo lá dentro, vinha cheio apenas pelo têrço, quase só lama. Passava de mão em mão pra ser esvaziado longe e a água não se infiltrar pelo terreno do rebordo. Joaquim Prestes perguntou si a água já diminuía. Houve um silêncio emburrado dos trabalhadores. Afinal um falou com rompante:

— Quá!...

Joaquim Prestes ficou ali, imóvel, guardando o trabalho. E ainda foi o próprio Albino, mais servil, quem inventou:

— Si tivesse duas caçamba...

Os camaradas se sobressaltaram, inquietos, se entreolhando. E aquêle peste de vigia lembrou que a mulher tinha uma caçamba em casa, foi buscar. O magruço, ainda mais inquieto que os outros, afiançou:

— Nem com duas caçambas não vai não! é lama por demais! tá minando muito...

Aí o José saiu do seu silêncio tórvo prá pôr as coisas às claras:

— De mais a mais, duas caçamba percisa ter gente lá dentro, Albino não desce mais.

— Quê que tem, Zé! deixa de história! Albino meio que estourou.

De resto o dia aquentara um bocado, sempre escuro, nuvens de chumbo tomando o céu todo. Nenhum pássaro. Mas a brisa caíra por volta das treze horas, e o ar curto deixava o trabalho aquecer os corpos movidos. José se virara com tanta indignação para o mano, todos viram: mesmo com desrespeito pelo velho Joaquim Prestes, o Albino ia tomar com um daqueles cachações que apanhava quando pegado no truço ou na pinga. O magruço resolveu se sacrificar, evitando mais aborrecimento. Interferiu rápido:

— Nós dois se reveza, José! Desta eu que vou.

O mulato sacudiu a cabeça, desesperado, engolindo raiva. A caçamba chegava e todos se atiraram aos preparativos novos. O velho Joaquim Prestes ali, mudo, imóvel. Apenas de vez em quando aquêlê jeito lento de tirar o relógio e consultar a claridade do dia, que era feito uma censurâ tirânica, pondo vergonha, quase remorso naqueles homens.

E o trabalho continuava infrutífero, sem cessar. Albino ficava o quanto podia lá dentro, e as caçambas, lentas, naquele exasperante ir e vir. E agora o sarilho deu de gritar tanto que foi preciso botar graxa nêlê, não se suportava aquilo. Joaquim Prestes mudo, olhando aquela bôca de poço. E quando Albino não se agüentava mais o outro magruço o revezava. Mas êste depois da primeira viagem, se tomara dum mêdo tal, se fazia lerdo de propósito, e era recomendações a todos, tinha exigências. Já por duas vêzes falara em cachaça.

Então o vigia lembrou que o japonês da outra margem tinha cachaça à venda. Dava uma chegadinha lá, que o homem também sempre tinha algum trairão de rêde, pegado na lagoa.

Aí Joaquim Prestes se destemperou por completo. Ele bem que estava percebendo a má vontade de todos. Cada vez que o magruço tinha que descer eram cinco minutos, dez, mamparreando, se despia lento. Pois até não se lembrara de ir na casinha e foi aquela espera insuportável pra ninguém! (E o certo é que a água minava mais forte agora, livre da muita lama. O dia passava. E uma vez que o Albino subiu, até, contra o jeito dêle, veio irritado, porque achara o poço na mesma.)

Joaquim Prestes berrava, fulo de raiva. O vigia que fôsse tratar das vacas, deixasse de invencionice! Não pagava cachaça pra ninguém não, seus impres-táveis! Não estava pra alimentar manha de cachaceiro!

Os camaradas, de golpe, olharam todos o patrão, tomados de insulto, feridíssimos, já muito sem paciência mais. Porém Joaquim Prestes ainda insistia, olhando o magruço:

— É isso mesmo!... Cachaceiro!... Dispa-se mais depressa! cumpra o seu dever!...

E o rapaz não agüentou o olhar cutilante do patrão, baixou a cabeça, foi se despindo. Mas ficara ainda mais lerdo, ruminando uma revolta inconsciente, que escapava na respiração precipitada, silvando surda pelo nariz. A visita percebendo o perigo, interveio. Fazia gôsto de levar um pescado à mulher, si o fazendeiro permitisse, êle dava um pulo com o vigia lá no tal de japonês. E irritado fizera um sinal ao caipira. Se fôra, fugindo daquilo, sem mesmo esperar o assentimento de Joaquim Prestes. Êste mal en-

colheu os ombros, de novo imóvel, olhando o trabalho do poço.

Quando mais ou menos uma hora depois, a visita voltou ao poço outra vez, trazia afobada uma garrafa de caninha. Foi oferecendo com felicidade aos camaradas, mas êles só olharam a visita assim meio de lado, nem responderam. Joaquim Prestes nem olhou, e a visita percebeu que tinha sucedido alguma coisa grave. O ambiente estava tensíssimo. Não se via o Albino nem o magruço que o revezava. Mas não estavam ambos no fundo do poço, como a visita imaginou.

Minutos antes, poço quase sêco agora, o magruço que já vira um bloco de terra se desprender do rebordo, chegada a vez dêle, se recusara descer. Foi meio minuto apenas de discussão agressiva entre êle e o velho Joaquim Prestes, desce, não desce, e o camarada, num ato de desespero se despedira por si mesmo, antes que o fazendeiro o despedisse. E se fôra, dando as costas a tudo, oito anos de fazenda, curtindo uma tristeza funda, sem saber. E Albino, aquela mansidão doentia de fraco, pra evitar briga maior, fizera questão de descer outra vez, sem mesmo recobrar fôlego. Os outros dois, com o fantasma próximo de qualquer coisa mais terrível, se acovardaram. Albino estava no fundo do poço.

Agora o vento soprando, chicoteava da gente não agüentar. Os operários tremiam muito, e a própria visita. Só Joaquim Prestes não tremia nada, firme, olhos fincados na bôca do poço. A despedida do operário o despeitara ferozmente, ficara num deslumbramento horrível. Nunca imaginara que num caso qualquer o adversário se arrogasse a iniciativa de decidir por si. Ficara assombrado. Por certo que havia de mandar embora o camarada, mas que êste se fôsse por vontade própria, nunca pudera imaginar.

A sensação do insulto estourara nêle feito uma bofetada. Si não revidasse era uma desonra, como se vingar!... Mas só as mãos se esfregando lentíssimas, denunciavam o desconcerto interior do fazendeiro. E a vontade reagia com aquela decisão já desvairada de conseguir a caneta-tinteiro, custasse o que custasse. Os olhos do velho engoliam a bôca do poço, ardentes, com volúpia quase. Mas a corda já sacudia outra vez, agitadíssima agora, avisando que o Albino queria subir. Os operários se afobaram. Joaquim Prestes abriu os braços, num gesto de desespero impaciente.

— Também Albino não parou nem dez minutos!

José ainda lançou um olhar de imploração ao chefe, mas êste não compreendia mais nada. Albino apareceu na bôca do poço. Vinha agarrado na corda, se grudando nela com terror, como temendo se despegar. Deixando o outro operário na guarda do cambito, José com muita maternidade ajudava o mano. Êste olhava todos, cabeça de banda decepando na corda, bôca aberta. Era quase impossível lhe agüentar o ôlho abobado. Como que não queria se desagarrar da corda, foi preciso o José, “sou eu, mano”, o tomar nos braços, lhe fincar os pés na terra firme. Aí Albino largou da corda. Mas com o frio súbito do ar livre, principiou tremendo demais. O seguraram pra não cair. Joaquim Prestes perguntava se ainda tinha água lá em baixo.

— Fa... Fa...

Levou as mãos descontroladas à bôca, na intenção de animar os beiços mortos. Mas não podia limitar os gestos mais, tal o tremor. Os dedos dêle tropeçavam nas narinas, se enfiavam pela bôca, o movimento pretendido de fricção se alargava demais e a mão se quebrava no queixo. O outro camarada lhe

esfregava as costas. José veio, tirou a garrafa das mãos da visita, quis desarrolhar mas não conseguindo isso logo com aquêles dedos endurecidos, abocanhou a rôlha, arrancou. José estava tão triste... Enrolou, com que macieza! a cabeça do maninho no braço esquerdo, lhe pôs a garrafa na bôca:

— Beba, mano.

Albino engoliu o álcool que lhe enchera a bôca. Teve aquela reação desonesta que os tragos fortes dão. Afinal pôde falar:

— Farta... é só tá-tá sêco.

Joaquim Prestes falava manso, compadecido, comentando inflexível:

— Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava. Enquanto isso a água vai minando.

— Si eu tivesse uma lúiz...

— Pois leve.

José parou de esfregar o irmão. Se virou pra Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:

— Albino não desce mais.

Joaquim Prestes ferido dêsse jeito, ficou que era a imagem descomposta do furor. Recuou um passo na defesa instintiva, levou a mão ao revólver. Berrou já sem pensar:

— Como não desce!

— Não desce não. Eu não quero.

Albino agarrou o braço do mano mas toma com safanão que quase cai. José traz as mãos nas ancas, devagar, numa calma de morte. O olhar não pestaneja, enfiando no do inimigo. Ainda repete, bem baixo, mas mastigando:

— Eu não quero não sinhô.

Joaquim Prestes, o mal pavoroso que terá vivido aquêlê instante. . . A expressão do rosto dêle se mudara de repente, não era cólera mais, bôca escancarada, olhos brancos, metálicos, sustentando o olhar puro, tão calmo, do mulato. Ficaram assim. Batia agora uma primeira escuriza do entardecer. José, o corpo dêle oscilou milímetros, o esfôrço moral foi excessivo. Que o irmão não descia estava decidido, mas tudo mais era uma tristeza em José, uma desolação vazia, uma semiconsciência de culpa lavrada pelos séculos.

Os olhos de Joaquim Prestes reassumiam uma vibração humana. Afinal baixaram, fixando o chão. Depois foi a cabeça que baixou, de súbito, refletindo. Os ombros dêle também foram descendo aos poucos. Joaquim Prestes ficou sem perfil mais. Ficou sórdido.

— Não vale a pena mesmo. . .

Não teve a dignidade de agüentar também com a aparência externa da derrota. Esbravejou:

— Mas que diacho, rapaz! vista saia!

Albino riu, iluminando o rosto agradecido. A visita riu pra aliviar o ambiente. O outro camarada riu, covarde. José não riu. Virou a cara, talvez para não mostrar os olhos amolecidos. Mas ombros derreados, cabeça enfiada no peito, se percebia que estava fatigadíssimo. Voltara a esfregar maquinalmente o corpo do irmão, agora não carecendo mais disso. Nem êle nem os outros, que o incidente espantara por completo qualquer veleidade do frio.

Quer dizer, o caipira também não riu, ali chegando no meio da briga pra avisar que os trairões, como Joaquim Prestes exigia, devidamente limpos e envolvidos em sacos de linho alvo, esperavam pra partir. Joaquim Prestes rumou pro forde. Todos o seguiram.

Ainda havia nêle uns restos de superioridade machucada que era preciso enganar. Falava ríspido, dando a lei com lentidão:

— Amanhã vocês se aprontem. Faça frio não faça frio mando o poceiro cedo. E... José...

Parou, voltou-se, olhou firme o mulato:

— ... doutra vez veja como fala com seu patrão.

Virou, continuou, mais agitado agora, se dirigindo ao forde. Os mais próximos ainda o escutaram murmurar consigo: "... não sou nenhum desalmado..."

Dois dias depois o camarada desapeou da bête com a caneta-tinteiro. Foram levá-la a Joaquim Prestes que, sentado à escrivaninha, punha em dia a escrita da fazenda, um brinco. Joaquim Prestes abriu o embrulho devagar. A caneta vinha muito limpa, tôda arranhada. Se via que os homens tinham tratado com carinho aquêle objeto meio místico, servindo prá escrever sòzinho. Joaquim Prestes experimentou mas a caneta não escrevia. Ainda a abriu, examinou tudo, havia areia em qualquer frincha. Afinal descobriu a rachadura.

— Pisaram na minha caneta! brutos...

Jogou tudo no lixo. Tirou da gaveta de baixo uma caixinha que abriu. Havia nela várias lapiseiras e três canetas-tinteiro. Uma era de ouro.

S. Paulo, 26-XII-42

(Terceira versão)

O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de conseqüências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fôramos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquêlé aproveitamento da vida, aquêlé gôsto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fôra de um bom errado, quase dramático, o puro sangue dos desmancha-prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almôço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira a mamãe a idéia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde

se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a idéia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fôra aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, duma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!" falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquêlê prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa do quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei com uma das minhas "loucuras":

— Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém não imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

— Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem tôda essa parentada do diabo...

— Meu filho, não fale assim...

— Pois falo, pronto!

E descarreguei minha gelada indiferença pela nossa parentagem infinita, diz-que vinda de bandeirantes, que bem me importa! Era mesmo o momento pra desenvolver minha teoria de doido, coitado, não perdi a ocasião. Me deu de sopetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que sempre me divinizaram a vida. Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, invadiam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias antes já não sabiam da vida sinão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de bem feitos, a parentagem devorava tudo e inda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no entêrro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia inda provavam um naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa.

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a sêca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de ajuntar ameixa preta, nozes e um cálice de Xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assooprado, si não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus "gostos", já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por mamãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja.

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo danado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas todos se faziam imaginar que eu sòzinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entreolhando, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

— É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fêz-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fôra engraçado: assim que me lembrara de que finalmente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aquêles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, dei-

xei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do peito da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquêles peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidianidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus. . . Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

— Eu que sirvo!

“É louco, mesmo!” pois por que havia de servir, si sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiei uma distribuição heróica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo dum pedaço admirável da “casca”, cheio de gordura e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:

— Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! que aquêles era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

— Mamãe, êste é o da senhora! Não! não passe não!

Foi quando ela não pôde mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezoito anos... Diabo de família bêsta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado.

Bom, principiou-se a comer em silêncio, lutosos, e o peru estava perfeito. A carne mansa, de um tecido muito tênue boiava fagueira entre os sabores das farofas e do presunto, de vez em quando ferida, inquietada e redesejada, pela intervenção mais violenta da ameixa preta e o estôrvo petulante dos pedacinhos de noz. Mas papai sentado ali, gigantesco, incompleto, uma censura, uma chaga, uma incapacidade. E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho nascido.

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visguentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

— Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

— É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dêle foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sensualidade, porque papai fôra muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fôra um santo que “vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai”, um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever “felicidade gustativa”, mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentes distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquêle primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, reacomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal. Mas logo pensei: ah, que faça! mesmo que ela morra, mas pelo menos que uma vez na vida coma peru de verdade!

A tamanha falta de egoísmo me transportara o nosso infinito amor... Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de "bem-casados". Mas nem mesmo êste nome perigoso se associou à lembrança de meu pai, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação.

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, beijei mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres beijei sem piscar. E agora, Rose!...

(Versão definitiva, agosto, 1938-1942)

Frederico Paciência

Frederico Paciência... Foi no ginásio... Éramos de idade parecida, êle pouco mais velho que eu, quatorze anos.

Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na bôca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabelaçã pesada, quase azul, numa desordem crêspa. Filho de portuguez e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem êle, não concordar com o que êle falava.

Senti logo uma simpatia deslumbrada por Frederico Paciência, me aproximei franco dêle, imaginando que era apenas por simpatia. Mas si ligo a insistência com que ficava junto dêle a outros atos espontâneos que sempre tive até chegar na fôrça do homem, acho que se tratava dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fêz com que eu me adornasse de bom pelas pessoas com quem vivo. Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. Ora, em mim sucede que a

inveja não consegue nunca se resolver em ódio, nem mesmo em animosidade: produz mas uma competência divertida, esportiva, que me leva à imitação. Tive ânsias de imitar Frederico Paciência. Quis ser êle, ser dêle, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos.

Eu era o tipo do fraco. Feio, minha coragem não tinha a menor espontaneidade, tendência altiva para os vícios, preguiça. Inteligência incessante mas principalmente difícil. Além do mais, naquele tempo eu não tinha nenhum êxito pra estímulo. Em família era silenciosamente considerado um caso perdido, só porque meus manos eram muito bonzinhos e eu estourado, e enquanto êles tiravam distinções no colégio, eu tomava bombas.

Uma ficou famosa, porque eu protestei gritado em casa, e meu Pai resolveu tirar a coisa a limpo, me levando com êle ao colégio. Chamado pelo diretor, lá veio o marista, irmão Bicudo o chamávamos, trazendo na mão um burro de Virgilio em francês, igualzinho ao que me servira na cola. Mei que turtuviei mas foi um nada. Disse arrogante:

— Como que o sr. prova que eu coleii!

Irmão Bicudo nem me olhou. Abriu o burro quase na cara de Papai, tremia de raiva:

— Seu menino traduz latim muito bem!... mas não sabe traduzir francês!

Papai ficou pálido, coitado. Arrancou:

— Seu padre me desculpe.

Não falou mais nada. Durante a volta era aquêlê mutismo, não trocou sequer um olhar comigo. Foi esplêndido mas quando o condutor veio cobrar as passagens no bonde. Meu Pai tirou com tôda a naturalidade os níqueis do bolsinho mas de repente

ficou olhando muito o dinheiro, parado, olhando os níqueis, perdido em reflexões inescrutáveis. Parecia decidir da minha vida, ouvi, cheguei a ouvir êle dizendo "Não pago a passagem dêsse menino". Mas afinal pagou.

Frederico Paciência foi minha salvação. A sua amizade era se entregar, amizade era pra tudo. Não conhecia reservas nem ressalvas, não sabia se acomodar humanamente com os conceitos. Talvez por isto mesmo, num como que instinto de conservação, era camarada de tôda a gente, mas não tinha grupos preferidos nem muito menos amigos. Não há dúvida que se agradava de mim, inalteravelmente feliz de me ver e conversar comigo. Apenas eu percebia, irritado, que era a mesma coisa com todos. Não consegui ser discreto.

Depois da aula, naquela pequena parte do caminho que fazíamos juntos até o largo da Sé, puxando o assunto para os colegas, afinal acabei, bastante atrapalhado lhe confessando que êle era o meu "único" amigo. Frederico Paciência entreparou num espanto mudo, me olhando muito. Apressou o passo pra pegar a minha dianteira pequena, eu numa comoção envergonhada, já nem sabendo de mim, aliviado em minha sinceridade. Chegara a esquina em que nos separávamos, paramos. Frederico Paciência estava maravilhoso, sujo do futebol, suado, corado, derramando vida. Me olhou com uma ternura sorridente. Talvez houvesse, havia um pouco de piedade. Me estendeu a mão a que mal pude corresponder, e aquela despedida de costume, sem palavra, me derrotou por completo. Eu estava envergonhadíssimo, me afastei logo, humilhado, andando rápido pra casa, me esconder. Porém Frederico Paciência estava me acompanhando!

— Você não vai pra casa já!

— Ara... estou com vontade de ir com você...

Foram quinze minutos dos mais sublimes de minha vida. Talvez que pra êle também. Na rua violentamente cheia de gente e de pressa, só vendo os movimentos estratégicos que fazíamos, ambos só olhos, calculando o andar dêste transeunte com a soma daqueles dois mais vagarentos, para ficarmos sempre lado a lado. Mas em minha cabeça que fantasmagorias divinas, devotamentos, heroísmos, ficar bom, projetos de estudar. Só na porta de casa nos separamos, de novo esquerdos, na primeira palavra que trocávamos amigos, aquêle "até-logo" torto.

E a vida de Frederico Paciência se mudou para dentro da minha. Me contou tudo o que êle era, a mim que não sabia fazer o mesmo. Meio que me rebaixava meu Pai ter sido operário em mocinho. Mas quando o meu amigo me confessou que os pais dêle fazia só dois anos que tinham casado, até achei lindo. Praquê casar! é isso mesmo! O pior é que Frederico Paciência depusera tal confiança em mim, me fazia tais confissões sôbre instintos nascentes que me obrigava a uma elevação constante de pensamento. Uns dias quase o odiei. Me bateu clara a intenção de acabar com aquela "infância". Mas tudo estava tão bom.

Os domingos dêle me pertenceram. Depois da missa fazíamos caminhadas enormes. Um feriado chegamos a ir até a Cantareira a-pé. Continuou vindo comigo até a porta de casa. Uma vez entrou. Mas eu não gostava de ver êle na minha família, detestei até Mamãe junto dêle, ficavam todos muito baços. Mas me tornei familiar na casa dêle, eram só os pais, gente vazia, enriquecida à pressa, dando

liberdade excessiva ao filho, espalhafatosamente envaidecida daquela amizade com o colega de "família boa".

Me lembro muito bem que pouco depois, uns cinco dias, da minha declaração de amizade, Frederico Paciência foi me buscar depois da janta. Saímos. Principiava o costume daqueles passeios longos no silêncio arborizado dos bairros. Frederico Paciência falava nos seus ideais, queria ser médico. Adverti que teria que fazer os estudos no Rio e nos separaríamos. Em mim, fiz mas foi calcular depressa quantos anos faltavam para me livrar do meu amigo. Mas a idéia da separação o preocupou demais. Vinha com propostas, ir com êle, estudar medicina, ou ser pintor pois que eu já vivia desenhando a caricatura dos padres.

Fiquei de pensar e, dialogando com as aspirações dêle, pra não ficar atrás, meio que menti. Acabei mentindo duma vez. Veio aquêle prazer de me transportar pra dentro do romance, e tudo foi se realizando num romance de bom-senso discreto, pra que a mentira não transparecesse, e onde a coisa mais bonita era minha alma. Frederico Paciência então me olhava com os olhos quase úmidos, alargados, de êxtase generoso. Acreditava. Acreditou tudo. De resto, não acreditar seria inferioridade. E foi êsse o maior bem que guardo de Frederico Paciência, porque uma parte enorme do que de bom e de útil tenho sido vem daquela alma que precisei me dar, pra que pudéssemos nos amar com franqueza.

No ginásio a nossa vida era uma só. Frederico Paciência me ensinava, me assoprava respostas nos momentos de apêrto, jurando depois com riso que era pela última vez. A permanência dêle em mim implicava aliás um tal ou qual esforço da minha parte pra

estudar, naquele regime de estudo abortivo que, sem eu ainda atinar que era errado, me revoltava. Um dia êle me surpreendeu lendo um livro. Fiquei horrorizado mas imediatamente uma espécie de curiosidade perversa, que eu disfarçava com aquela intenção falsa e jamais posta em prática de acabar com “aquela amizade bêsta”, me fêz não negar o que lia. Era uma “História da Prostituição na Antiguidade”, dessas edições clandestinas portuguesas que havia muito naquela época. E heróico, embora sempre horrorizado, passei o livro a êle. Folheou, examinou os títulos do índice, ficou olhando muito o desenho da capa. Depois me deu o livro.

— Tome cuidado com os padres.

— Ah... está dentro da pasta, êles não vêem.

— E si examinarem as pastas...

— Pois si examinarem acham!

Passamos o tempo das aulas disfarçando bem. Mas no Largo da Sé, Frederico Paciência falou que hoje carecia ir já pra casa, ficando logo engasgadíssimo na mentira. Mas como eu o olhasse muito, um pouco distraído em observar como é que se mentia sem ter jeito, êle inda achou fôrça pra esclarecer que precisava sair com a Mãe. E, já despedidos um do outro, meio rindo de lado, êle me pediu o livro pra ler. Tive um desejo horrível de lhe pedir que não pedisse o livro, que não lesse aquilo, de jurar que era infame. Mas estava por dentro que era um caos. Me atravessava o convulsionamento interior a idéia cínica de que durante todo o dia pressentira o pedido e tomara cuidado em não me prevenir contra êle. E dizer agora tudo o que estava querendo dizer e não podia, era capaz de me diminuir. E afinal o que o livro contava era verdade... Se recusasse, Frederico Pa-

ciência ia imaginar coisas piores. Na aparência, fui tirando o livro da mala com a maior naturalidade, gritando por dentro que ainda era tempo, bastava falar que ainda não acabara de ler, quando acabasse... Depois dizia que o livro não prestava, era imoral, o rasgara. Isso até me engrandeceria... Mas estava um caos. E até que ponto a esperança de Frederico Paciência ter certas revelações... E o livro foi entregue com a maior naturalidade, sem nenhuma hesitação no gesto. Frederico Paciência ainda riu pra mim, não pude rir. Sentia um cansaço E puro. E impuro.

Passsei noite de beira-rio. Nessa noite é que tôdas essas idéias da exceção, instintos espaventados, desejos curiosos, perigos desumanos me picavam com uma clareza tão dura que varriam qualquer gôsto. Então eu quis morrer. Si Frederico Paciência largasse de mim... Si se aproximasse mais... Eu quis morrer. Foi bom entregar o livro, fui sincero, pelo menos assim êle fica me conhecendo mais. Fiz mal, posso fazer mal a êle. Ah, que faça! êle não pode continuar aquela "infância". Queria dormir, me debatia. Quis morrer.

No dia seguinte Frederico Paciência chegou tarde, já principiadas as aulas. Sentou como de costume junto de mim. Me falou um bom-dia simples mas que imaginei tristonho, preocupado. Mal respondi, com uma vontade assustada de chorar. Como que havia entre nós dois um sol que não permitia mais nos vermos mutuamente. Eu, quando queria segredar alguma coisa, era com os outros colegas mais próximos. Êle fazia o mesmo, do lado dêle. Mas ainda foi êle quem venceu o sol.

No recreio, de repente, eu bem que só tinha olhos pra êle, largou o grupo em que conversava, se

dirigiu reto pra mim. Pra ninguém desconfiar, também me apartei do meu grupo e fui, como que por acaso, me encontrar com êle. Paramos frente a frente. Êle abaixou os olhos, mas logo os ergueu com esforço. Meu Deus! por que não fala! O olho, o procuro nos olhos, lhe devorando os olhos internados, mas o olho com tal ansiedade, com tôda a perfeição do ser, implorando me tornar sincero, verdadeiro, digníssimo, que Frederico Paciência é que pecou. Baixou os olhos outra vez, tirando de nós dois qualquer exatidão. Murmurou outra coisa:

— Pus o livro na sua mala, Juca. Acho bom não ler mais essas coisas.

Percebi que eu não perdera nada, fiquei numa alegria doida. Êle agora estava me olhando na cara outra vez, sereno, generoso, e menti. Fui de uma sem-vergonhice grandiosa, menti apressadamente, com um tal calor de sinceridade que eu mesmo não chegava bem a perceber que era tudo mentira. Mas falei comprido e num momento percebi que Frederico Paciência não estava acreditando mais em mim, me calei. Fomos nos ajuntar aos colegas. Era tristeza, era tristeza sim o que eu sentia, mas com um pouco também de alegria de ver o meu amigo espeznhado, escondendo que não me acreditava, sem coragem pra me censurar, humilhado na insinceridade. Eu me sentia superior!

Mas essa tarde, quando saímos juntos no passeio, numa audácia firme de gozar Frederico Paciência não dizendo o que sentia, eu levava um embrulho bem feitinho comigo. Quando Frederico Paciência perguntou o que era, ri só de lábios feito uma caçoada amiga, o olhando de lado, sem dizer nada. Fui desfazendo bem saboreado o embrulho, era o livro.

Andava, olhava sempre o meu amigo, riso no beijo, brincador, conciliador, absolvido. E de repente, num gesto brusco, arrebentei o volume em dois. Dei metade ao meu amigo e principiei rasgando miudinho, fôlha por fôlha, a minha parte. Aí Frederico Paciência caiu inteiramente na armadilha. O rosto dêle brilhou numa felicidade irritada por dois dias de trégua, e desatamos a rir. E as ruas foram sujas pelos destroços irreconstituíveis da "História da Prostituição na Antiguidade". Eu sabia que ficava um veneno em Frederico Paciência, mas isso agora não me inquietava mais. Êle, inteiramente entregue, confessava, agora que estava liberto do livro, que ler certas coisas, apesar de horríveis, "dava uma sensação esquisita, Juca, a gente não pode largar".

Diante de uma amizade assim tão agressiva, não faltaram bôcas de serpentes. Frederico Paciência, quando a indireta do gracejo foi tão clara que era impossível não perceber o que pensavam de nós, abriu os maiores olhos que lhe vi. Veio uma palidez de crime e êle cegou. Agarrou o ofensor pelo gasete e o dobrou nas mãos inflexíveis. Eu impassível, assuntando. Foi um custo livrar o canalha. Forcejavam pra soltar o rapaz daquelas mãos endurecidas numa fatalidade estertorante. Eu estava com mêdo, de assombro. Falavam com Frederico Paciência, o sacudiam, davam nêle, mas êle quem disse acordar! Só os padres que acorreram com o alarido e um bedel atleta, conseguiram apartar os dois. O canalha caiu desacordado no chão. Frederico Paciência só grunhia "Êle me ofendeu", "Êle me ofendeu". Afinal — todos já tinham tomado o nosso partido, está claro, com dó de Frederico Paciência, convencidos da nossa pureza — afinal uma frase de colega esclareceu os

padres. O castigo foi grande mas não se falou de expulsão.

Eu não. Não falei nada, não fiz nada, fiquei fi-me. No outro dia o rapaz não apareceu no colégio e os colegas inventaram boatos medonhos, estava gravíssimo, estava morto, iam prender Frederico Paciência. Êste, soturno. Parecia nem ter coragem pra me olhar, só me falava o indispensável, e imediato afinei com êle, soturnizado também. Felizmente não nos veríamos à saída, êle detido pra escrever quinhentas linhas por dia durante uma semana — castigo habitual dos padres. Mas no segundo dia o canalha apareceu. Meio ressabiado, é certo, mas completamente recomposto. Tinha chegado a minha vez.

Calculadamente avisei uns dois colegas que agora era comigo que êle tinha que se haver. Foram logo contar, e embora da mesma fôrça que eu, era visível que êle ficou muito inquieto. Inventei uma dor-de-cabeça pra sair mais cedo, mas os olhos de todos me seguindo, proclamavam o grande espetáculo próximo. Na saída, acompanhado de vários curiosos, êle vinha muito pálido, falando com exagêro que si eu me metesse com êle usava o canivete. Saí da minha esquina, também já alcançado por muitos, e convidei o outro pra descermos na várzea perto. Eu devia estar pálido também, sentia, mas nada covarde. Pelo contrário: numa lucidez gélida, imaginando jeito certo de mais bater que apanhar. Mas o rapaz fraquejou, precipitando as coisas, que não! que aquilo fôra uma brincadeira bêsta dêle, aí um sôco nas fuças o interrompeu. O sangue saltou com fúria, o rapaz avançou pra cima de mim, mas vinha como sem vontade, descontrolado, eu gélido. Outro sôco lhe atingiu de novo o nariz. Êle num desespero me agarrou pelo meio do corpo, foi me dobrando, mas com os

braços livres, eu malhava a cara dêle, gostando do sangue me manchando as mãos. Êle gemeu um "ai" flébil, quis chorar num bufido infantil de dor pavorosa. Não sei, me deu uma repugnância do que êle estava sofrendo com aquêles sôcos na cara, não pude suportar: com um golpe de energia que até me tonteou, botei o cotovêlo no queixo dêle, e um safanão o atirou longe. Me agarraram. O rapaz, completamente desatinado, fugiu na carreira.

Umás censuras rijas de transeuntes, nem me incomodei, estava sublime de segurança. Qualquer incerteza, qualquer hesitação que me nascesse naquêle alvorôço interior em que eu escachoava, a imagem, mas única, exclusiva realidade daquilo tudo, a imagem de Frederico Paciência estava ali pra me mover. Eu vingara Frederico Paciência! Com a maior calma, peguei na minha mala que um colega segurava, nem disse adeus a ninguém. Fui embora compassado. Tinha também agora um sol comigo. Mas um sol ótimo, diferente daquele que me separa de meu amigo no caso do livro. Não era glória nem vanglória, nem volúpia de ter vencido, nada. Era um equilíbrio raro — êsse raríssimo de quando a gente age como homem-feito, quando se é rapaz. Puro. E impuro.

Procurei Frederico Paciência essa noite e contei tudo. Primeiro me viera a vaidade de não contar, bancar o superior, fingindo não dar importância à briga, só pra êle saber de tudo pelos colegas. Contei tudo, detalhe por detalhe. Frederico Paciência me escutou, eu percebia que êle escutava devorando, não podendo perder um respiro meu. Fui heróico, antes: fui artista! Um como que sentimento de beleza me fêz ajuntar muito pouca fantasia à descrição, desejando que ela fôsse bem simples. Quando acabei, Fre-

derico Paciência não disse uma palavra só, não aprovou, não desaprovou. E uma tristeza nos envolveu, a tristeza mais feliz de minha vida. Como estava bom, era quase sensual, a gente assim passeando os dois, tão tristes...

Mas de tudo isso, do livro, da invencionice dos colegas, da nossa revolta exagerada, nascera entre nós uma primeira, estranha frieza. Não era medo da calúnia alheia, era como um quebrar de esperanças insabidas, uma desilusão, uma espécie amarga de desistência. Pelo contrário, como que basofientos, mais diante de nós mesmos que do mundo, nasceu de tudo isso o nos aproximarmos fisicamente um do outro, muito mais que antes. O abraço ficou quotidiano em nossos bons-dias e até-logos.

Agora falávamos insistentemente da nossa "amizade eterna", projetos de nos vermos diàriamente a vida inteira, juramentos de um fechar os olhos do que morresse primeiro. Comentando às claras o nosso amor de amigo, como que procurávamos nos provar que daí não podia nos vir nenhum mal, e principalmente nenhuma realização condenada pelo mundo. Condenação que aprovávamos com assanhamento. Era um jôgo de cabeças unidas quando sentávamos pra estudar juntos, de mãos unidas sempre, e alguma vez mais rara, corpos enlaçados nos passeios noturnos. E foi aquêlê beijo que lhe dei no nariz depois, depois não, de repente no meio duma discussão rancorosa sôbre si Bonaparte era gênio, eu jurando que não, êle que sim. — Bêsta! — Bêsta é você! Dei o beijo, nem sei! parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, êle avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente.

Mas logo nos assustou a sensação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos no ôlho e saiu o riso que nos acalmou. Estávamos verdadeiros e bastantes ativos na verdade escolhida. Estávamos nos amando de amigo outra vez; estávamos nos desejando, exaltantes no ardor, mas decididos, fortísimos, sadios.

— Precisamos tomar mais cuidado.

Quem falou isso? Não sei si fui eu si foi êle, escuto a frase que jorrou de nós. Jamais fui tão grande na vida.

Mas agora já éramos amigos demais um do outro, já o convívio era alimento imprescindível de cada um de nós, para que o cuidado a tomar decidisse um afastamento. Continuamos inseparáveis, mas tomando cuidado. Não havia mais aquêle jôgo de mãos unidas, de cabeças confundidas. E quando por distração um se apoiava no outro, o afastamento imediato, rancoroso dêste, desapontava o inocente.

O pior eram as discussões, cada vez mais numerosas, cada vez porventura mais procuradas. Quando a violência duma briga, “Você é uma bêsta!”, “Bêsta é você!”, nos excitava físicamente demais, vinha aquela imagem jamais confessada do incidente do beijo, a discussão caía de chôfre. A nudez súbita corrigia com brutalidade o caminho do mal e perseverávamos deslumbradamente fiéis à amizade. Mas tudo, afastamento, correções, discussões quebradas em meio, só nos fazia desoladamente conscientes, em nossa hipocrisia generosa, de que aquilo ou nos levava para infernos insolúveis, ou era o princípio dum fim.

Com a formatura do ginásio descobrimos afinal um pretexto para iniciar a desagregação muito negada,

e mesmo agora impensada, da nossa amizade. Falo que era "pretexto" porque me parece que tinha outras razões mais ponderosas. Mas Frederico Paciência insistia em fazer exames ótimos aquêle último ano. Eu não pudera me resolver a estudos mais severos, justo num ano de curso em que era de praxe os examinadores serem condescendentes. Na aparência, nunca nos compreendêramos tão bem, tanto eu aceitava a honestidade escolar do meu amigo, como êle afinal se dispusera a compreender minha aversão ao estudo sistemático. Mas a diferença de rumos o prendia em casa e me deixava sôlto na rua. Veio uma placidez.

Tinha outras razões mais amargas, tinha os bailes. E havia a Rose aparecendo no horizonte, muito indecisa ainda. Si pouco menos de ano antes, conhecêramos juntos para que nos servia a mulher, só agora, nos dezesseis anos, é que a vida sexual se impusera entre os meus hábitos. Frederico Paciência parecia não sentir o mesmo orgulho de demonstração e nem sempre queria me acompanhar. Às vêzes me seguia numa contrariedade sensível. O que me levava ao despeito de não o convidar mais e a existir um assunto importantíssimo pra ambos, mas pra ambos de importância e preocupações opostas. A castidade serena de meu amigo, eu continuava classificando de "infâncias". Frederico Paciência, por seu lado, si escutava com largueza de perdão e às vêzes certa curiosidade os meus descobrimentos de amor, contados quase sempre com minúcia raivosa, pra machucar, eu senti mais de uma vez que êle se fatigava em meio da narrativa insistente e se perdia em pensamentos de mistério, numa melancolia grave. E eu parava de falar. Êle não insistia. E ficávamos contrafeitos, numa solidão brutalmente física.

Mas ainda devia ter razões mais profundas para aquela desagregação sutil de amizade, desagregação, insisto, em que não púnhamos reparo. É que tínhamos nos preocupado demais com o problema da amizade, pra que a nossa não fôsse sempre um objeto, é pena, mas bastante exterior a nós, um objeto de experimentação. De forma que passada em dois anos tôda a aventura da amizade nascente, com suas audácias e incidentes, aquêle prazer sereno da amizade cotidiana se tornara um "caso consumado". E isso para a nossa rapazice necessàriamente instável, não interessava quase. Nos amávamos agora com verdade perfeita mas sem curiosidade, sem a volúpia de brincar com fogo, sem aprendizado mais. E fôra em defesa da amizade mesma que lhe mudáramos a... a técnica de manifestação. E esta técnica, feita de afastamentos e paciências, naquele estádio de verdades muito prêto e branco, era uma pequena, voluntária desagregação impensada. De maneira que adquiríamos uma convicção falsa de que estávamos nos afastando um do outro, por incapacidade, ou melhor: por mêdo de nos analisarmos em nossa desagregação verdadeira, entenda quem quiser. No colégio éramos apenas colegas. De-noite não nos encontrávamos mais, êle estudando. Mas que domingos sublimes agora, quando algum piquenique detestado mas aceito com prazer espetacular muito fingido, não vinha perturbar nosso desejo de estarmos sós. Era uma ventura incontável êsse encontro dominical, quanta franqueza, quanto abandono, quanto passado nos enobrecendo, nos aprofundando e era como uma carícia longa, velha, entediada. Vivíamos por vêzes meia hora sem uma palavra, mas em que nossos espíritos, nossas almas entreconhecidas se entendiam e se irmanavam com silêncio vegetal.

Estou lutando desde o princípio destas explicações sobre a desagregação da nossa amizade, contra uma razão que me pareceu inventada enquanto escrevia, para sutilizar psicológicamente o conto. Mas agora não resisto mais. Está me parecendo que entre as causas mais insabidas, tinha também uma espécie de despeito desprezador de um pelo outro... Si no começo invejei a beleza física, a simpatia, a perfeição espiritual normalíssima de Frederico Paciência, e até agora sinto saudades de tudo isso, é certo que essa inveja abandonou muito cedo qualquer aspiração de ser exatamente igual ao meu amigo. Foi curtíssimo, uns três meses, o tempo em que tentei imitá-lo. Depois desisti, com muito propósito. E não era porque eu conseguisse me reconhecer na impossibilidade completa de imitá-lo, mas porque eu, sinceramente, sabia-me lá porque! não desejava mais ser um Frederico Paciência!

O admirava sempre em tudo, mesmo porque até agora o acho cada vez mais admirável, até em sua vulgaridade que tinha muito de ideal. Mas pra mim, para o ser que eu me queria dar, eu... eu corrigia Frederico Paciência. E é certo que não o corrigia no sentido da perfeição, sinceramente eu considerava Frederico Paciência perfeito, mas no sentido de uma outra concepção do ser, às vezes até diminuída de perfeição. A energia dêle, a segurança serena, sobretudo aquela como que incapacidade de errar, aquela ausência do êrro, não me interessavam suficientemente pra mim. E eu me surpreendia imaginando que si as possuísse, me sentiria diminuído.

E enfim eu me pergunto ainda até que ponto, não só para o meu ideal de mim, mas para êle mesmo, eu pretendia modificar, "corrigir" Frederico Paciência.

cia no sentido dêsse outro indivíduo ideal que eu desejara ser, de que êle fôra o ponto-de-partida?... É certo que êle sempre foi pra comigo muito mais generoso, me aceitou sempre tal como eu era, embora interiormente, estou seguro disso, me desejasse melhor. Se satisfazia de mim para amigo, ao passo que a mim desde muito cedo êle principiou sobrando. Assim: o nos afastarmos um do outro em nossa quotidianidade, o que chamei já agora erradamente, tenho certeza, de "desagregação", era mas apenas um jeito da amizade verdadeira. Era mesmo um aperfeiçoamento de amizade, porque agora nada mais nos interessava sinão o outro tal como era, em nossos encontros a sós: nos amávamos pelo que éramos, tal como éramos, desprendidamente, gratuitamente, sem o instinto imperialista de condicionar o companheiro a ficções de nossa inteira fabricação. Estou convencido que perseveraríamos amigos pela vida inteira, si ela, a tal, a vida, não se encarregasse de nos roubar essa grandeza.

Pouco depois de formados, ano que foi de hesitação pra nós, eu querendo estudar pintura mas "isso não era carreira", êle medicina, mas os negócios prendendo a São Paulo a gente dêle, uma desgraça me aproximou de Frederico Paciência: morreu-lhe o Pai. Me devotei com sinceridade. Nascera em mim uma experiência, uma... sim, uma paternidade crítica em que as primeiras hesitações de Frederico Paciência puderam se apoiar sem reserva.

Meu amigo sofreu muito. Mas, sem indicar insensibilidade nêle (aliás era natural que não amasse muito um pai que fôra indiferentemente bom) me parece que a dor maior de Frederico Paciência não foi perder o Pai, foi a decepção que isso lhe dava. Sentiu um espanto formidável essa primeira vez que deparou com a morte. Mas fôsse decepção, fôsse

amor, sofreu muito. Fui eu a consolar e consegui o mais perfeito dos sacrifícios, fiquei muito mudo, ali. O melhor alívio para a infelicidade da morte é a gente possuir consigo a solidão silenciosa duma sombra irmã. Vai-se pra fazer um gesto, e a sombra adivinha que a gente quer água, e foi buscar. Ou de repente estende o braço, tira um fiapo que pegou na vossa roupa preta.

Dois dias depois da morte, ainda marcados pelas cenas penosas do entêrro, a Mãe de Frederico Paciência chorava na saleta ao lado, se deixando conversar num grupo de velhas, quando ouvimos:

— Rico! (com erre fraco, era o apelido caseiro do meu amigo).

Fomos logo. De-pé, na frente da coitada, estava um homem de luto, plastron, nos esperando. E ela angustiada:

— Veja o que êsse homem quer!

Viera primeiro apresentar os pêsames.

— ...conheci muito o vosso defunto pai, coitado. Nobre caráter... Mas como a sua excelentíssima progenitora poderá precisar de alguém, vim lhe oferecer os meus préstimos. Orgulho-me de ter em nosso cartório a melhor clientela de São Paulo. Para ficar livre das formalidades do inventário (e mostrava um papel) é só a sua excelentíssima...

Não sei o que me deu, tive um heroísmo:

— Saia!

O homem me olhou com energia desprezadora.

— Saia, já falei!

O homem era forte. Fiz um gesto pra empurrá-lo, êle recuou. Mas na porta quis reagir de novo e então o crivei, o crivamos de sôcos, êle desceu a es-

cada do jardim caicaindo. Outra vez no quarto, era natural, estávamos muito bem-humorados. Contínhamos o riso pela conveniência da morte, mas foi impossível não sorrir com a lembrança do homem na escada.

— Deite pra descansar um pouquinho.

Ele deitou, exagerando a fadiga, sentindo gôsto em obedecer. Sentei na borda da cama, como que pra tomar conta d'ê, e olhei o meu amigo. Ele tinha o rosto iluminado por uma frincha de janela vespertina. Estava tão lindo que o contemplei embevecido. Ele principiou lento, meio menino, reafirmando projetos. Iriam logo para o Rio, queria se matricular na Faculdade. O Rio... Mamãe é carioca, você já não sabia?... Tenho parentes lá. Com os lábios se movendo rubros naquele ondular de fala propositalmente fatigada. Eu olhava só. Frederico Paciência percebeu, pára de falar de repente, me olhando muito também. Percebi o mutismo, d'ê, entendi porque era, mas não podia, custei a retirar os olhos daquela bôca tão linda. E quando os nossos olhos se encontraram, quase assustei porque Frederico Paciência me olhava, também como eu estava, com olhos de desespero, inteiramente confessado. Foi um segundo trágico, de tão exclusivamente infeliz. Mas a imagem do morto se interpõe com uma presença enorme, recente por demais, dominadora. Talvez nós não pudéssemos naquele instante vencer a fatalidade em que já estávamos, o morto é que venceu.

Depois de dois meses de preparativos que de novo afastaram muito Frederico Paciência de mim, veio a separação. A última semana de nossa amizade (não tem dúvida: a última. Tudo o mais foram idealismos, vergonhas, abusos de preconceitos), a última semana foram dias de noivado pra nós, que de carícias! Mas não quisemos, tivemos um receio enorme

de provocar um novo instante como aquêle de que o morto nos salvara. Não se trocou palavra sôbre o sucedido e forcejamos por provar um ao outro a inexistência daquela realidade estrondosa, que nos conservara amigos tão desarrazoados mas tão perfeitos por mais de três anos. Positivamente não valia a pena sacrificar perfeição tamanha e varrer a florada que cobria o lôdo (e seria o lôdo mais necessário, mais "real" que a florada?) numa aventura insolúvel. Só que agora a proximidade da separação justificava a veemência dos nossos transportes. Não saíamos da casa dêle, com vergonha de mostrar a um público sem nuanças, a impaciência das nossas carícias. Mudos, muitas vêzes abraçados, cabeças unidas, naquele sofá trazido da sala-de-visitas, que ficara ali. Quando um dizia qualquer coisa, o outro concordava depressa, porque, mais que a complacência da despedida, nos assustava demais o perigo de discutir. E a única vez em que, talvez esquecido, Frederico Paciência se atirou sôbre a cama porque o sono estava chegando, fiquei hirto, excessivamente petrificado, olhando o chão com tão desesperada fixidez, que êle percebeu. Ou não percebeu e a mesma lembrança feroz o massacrôu. Foi levantando disfarçado. E de repente, quase gritando, é que falou:

— Mas Juca, o que você tem?

Eu tinha os olhos cheios da lágrimas. Êle sentou e ficamos assim sem falar mais. E era assim que ficávamos aquelas horas exageradamente brevíssimas de adeus. Depois um vulto imaterial de senhora, sacudindo a cabeça, querendo sorrir, lacrimosa, nos falava:

— Meus filhos, são onze horas!

Frederico Paciência vinha me trazer até casa. Sofríamos tanto que parece impossível sofrer com ta-

manha felicidade. E tôda noite era aquilo: a bôca rindo, os olhos cheios de lágrimas. Sucedeu até que depois de deixado, eu batesse de novo à porta, fôsse correndo alcançar Frederico Paciência, e o acompanhasse à casa dêle outra vez. E agora íamos abraçados, num desespero infame de confessar descaradamente ao universo o que nunca existira entre nós dois. Mas assim como em nossas casas agora todos nos respeitavam, enlutados na previsão dum drama venerável de milagre, nos deixando ir além das horas e quebrar quaisquer costumes, também os transeuntes tardios, farristas bêbados e os vivos da noite, nos miravam, não diziam nada, deixando passar.

Afinal a despedida chegou mesmo. Curta, arrastada, muito desagradável, com aquêle trem custando a partir, e nós ambos já muito indiferentes um pelo outro, numa já apenas recordação sem presença, que não entendíamos nem podia nos interessar. O sorriso famoso que quer sorrir mas está chorando, chorando muito, tudo o que a vida não chorou. “Então? adeus?”. “Qual! até breve!”; “Você volta mesmo? . . .”; “Juro que volto!”. O soluço que engasga na risada alegre da partida, enfim livre! O trem partindo. Aquela sensação nítida de alívio. Você vai andando, vê uma garôta, e já está noutro mundo. Tropeça num do grupo que sai da estação, “Desculpe!”, êle vos olha, é um rapaz, os dois riem, se simpatizam, poderia ser uma amizade nova. E as luzes miraculosas, rua de todos.

Cartas. Cartas carinhosíssimas fingindo amizade eterna. Em mim despertara o interêsse das coisas literárias: fazia literatura em cartas. Cartas não guardadas que ficam por aí, tomando lugar, depois jogadas fora pela criada, na limpeza. Cartas violen-

tamente reclamadas, por causa da discussão com a criadinha, discussões conscientemente provocadas porque a criadinha era gorda. Cartas muito pouco interessantes. O que contávamos do que estava se passando com nossas vidas, Rico na medicina, eu na música e fazendo versos, o caso até chateava o outro. Sim: tenho a certeza que a êle também aporrinhava o que eu dizia. As cartas se espaçavam.

Foi quando um telegrama veio me contando que a Mãe de Frederico Paciência morrera. Não resistira à morte do marido, como um médico bem imaginara. É indizível o alvoroço em que estourei, foi um deslumbramento, explodiu em mim uma esperança fantástica, fiquei tão atordoado que saí andando sôlto pela rua. Não podia pensar: a realidade estava ali. A Mãe de Rico, que me importava a Mãe de Frederico Paciência! E o que é mais terrível de imaginar: mas nem a êle o sofrimento inegável lhe importava: a morte lhe impusera o desejo de mim. Nós nos amávamos sôbre cadáveres. Eu bem que percebia que era horrível. Mas por isso mesmo que era horrível, pra êle mais forte que eu, isso era decisório. E eu me gritava por dentro, com o mais deslavado dos cinismos conscientes, fingindo e sabendo que fingia: Rico está me chamando, eu vou. Eu vou. Eu preciso ir. Eu vou.

Desta vez o cadáver não seria empecilho, seria ajuda, o que nos salvou foi a distância. Não havia jeito de eu ir ao Rio. Era filho-família, não tinha dinheiro. Ainda assim pedi pra ir, me negaram. E quando me negaram, eu sei, fiquei feliz, feliz! Eu bem sabia que haviam de me negar, mas não bastava saber. Como que eu queria tirar de cima de mim a responsabilidade da minha salvação. Ou me tornar mais consciente da minha pobreza moral. Fiquei

feliz, feliz! Mandei apenas “sinceros pêsames” num telegrama.

Foi um fim bruto, de muro. Ainda me lembrei de escrever uma carta linda, que êle mostrasse a muitas pessoas que ficavam me admirando muito. Como êle escreve bem! diriam. Mas aquêle telegrama era uma recusa formal. Sei que em mim era sempre uma recusa desesperada, mas o fato de parecer formal, me provava que tudo tinha se acabado entre nós. Não escrevi. E Frederico Paciência nunca mais me escreveu. Não agradeceu os pêsames. A imagem dêle foi se afastando, se afastando, até se fixar no que deixo aqui.

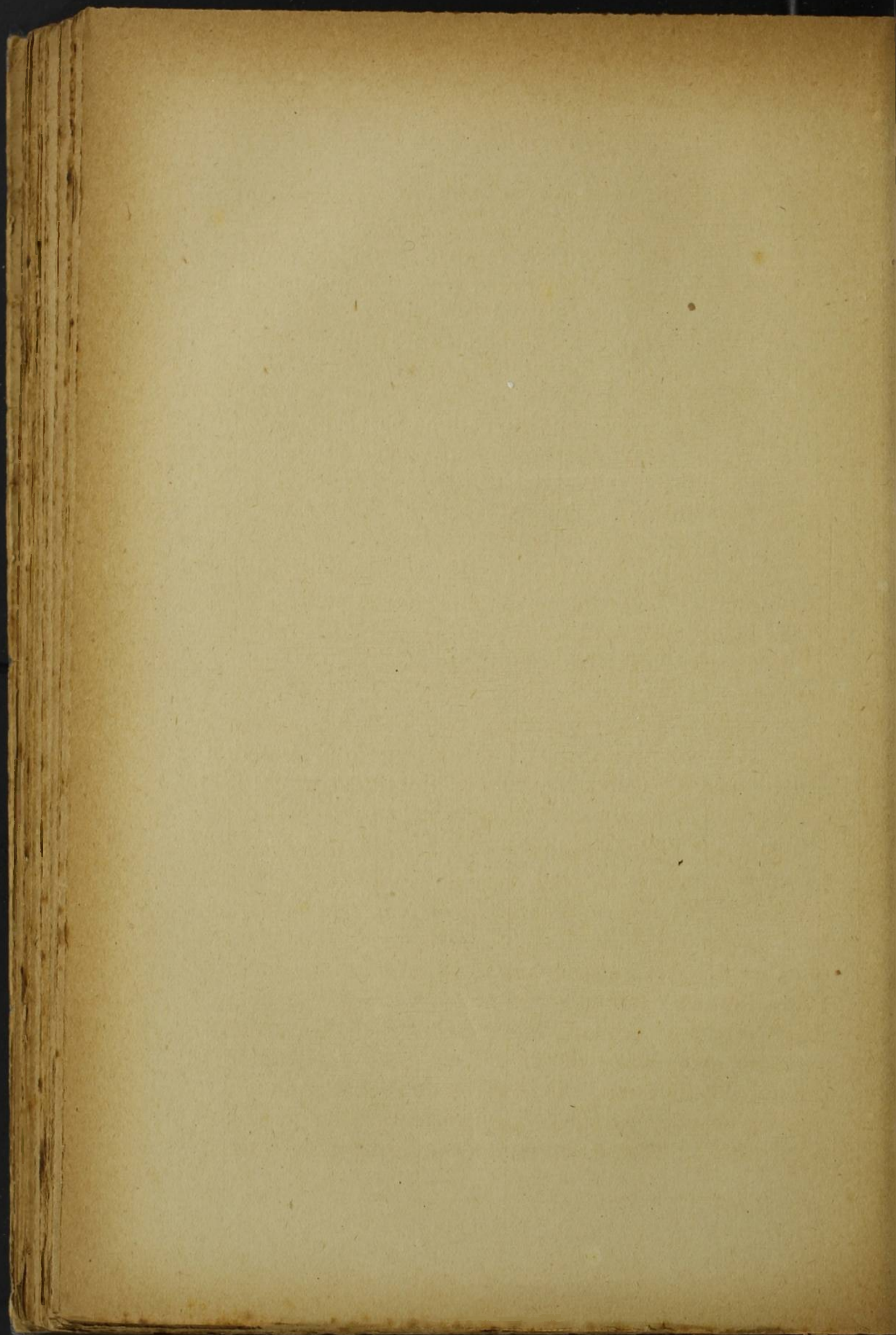
Me lembro que uma feita, diante da irritação enorme dêle comentando uma pequena que o abraçara num baile, sem a menor intenção de trocadilho, só pra falar alguma coisa, eu soltara:

— Paciência, Rico.

— Paciência me chamo eu!

Não guardei êste detalhe para o fim, pra tirar nenhum efeito literário, não. Desde o princípio que estou com êle pra contar, mas não achei canto adequado. Então pus aqui porque, não sei... essa confusão com a palavra “paciência” sempre me doeu mal-estarentamente. Me queima feito uma caçoada, uma alegoria, uma assombração insatisfeita.

(São Paulo, 1924-1942)



Nelson

≡ Você conhece?

— Eu não, mas contaram ao Basílio o caso dêle.

O indivíduo chamava a atenção mesmo, embora não mostrasse nada de berrantemente extraordinário. Tinha um ar esquisito, ar antigo, que talvez lhe viesse da roupa mal talhada. Mas que por certo derivava da cara também, encardida, de uma palidez absurda, quase artificial, como a cara enfarinhada dos palhaços. Olhos pequenos, claros, à flor da pele, quase que apenas aquela mancha cinzenta, vaga, meio desaparecendo na brancura sem sombra do rosto.

Deu uma olhadela disfarçada, bem de tímido, assuntando o ambiente mal iluminado do bar. Ainda hesitou, numa leve ondulação de recuo, mas acabou indo sentar no outro lado da sala vazia. Percebeu que os rapazes o examinavam, ficou inquieto, entre gestos inúteis. Pretendeu se acalmar e depôs as duas mãos, uma agarrando a outra, sôbre a toalha. Mas como se arrependeu de mostrá-las, retirou-as rápido pra debaixo da mesa. Se lembrou de repente que não tirara o chapéu, estremeceu, quis sorrir, disfarçando a encabulação. Mas corou muito, tirou num gesto brus-

co o chapéu, escondeu-o no banco em que sentara, ao mesmo tempo que lançava novo olhar furtivo, muito angustiado, meio implorante, aos rapazes. E êstes fingiram que não o examinavam mais, envergonhados da curiosidade.

— Não parece brasileiro...

— Diz-que é. Mora só, numa daquelas casinhas térreas da alamêda do Triunfo, perto de mim. Êle mesmo faz a comida dêle...

Parou, gozando o interêsse que causava. Era dêses vaidosos que não contam sem martirizar o ouvinte com pausas de efeito, perguntas de adivinhação, detalhes sem eira nem beira. Continuou: — “Vocês todos sabem onde que êle faz as compras dêle!”... Nova pausa. Os rapazes se mexeram impacientes. Um arrancou:

— Você garante que êle é brasileiro, enfim você sabe ou não sabe alguma coisa sôbre êle!

— Eu sei a história dêle completinha!... — Olhou lento, imperial os três amigos. Sorriu. — Mas, puxa! que lerdeza de vocês!... Eu disse que êle mora no Triunfo, pertinho de mim... Então vocês não são capazes de imaginar onde êle compra as coisas!...

— Ora desembucha logo, Alfredo! que diabo de mania essa!...

Diva passava levando dois duplos escuros. Era visível que ambos pertenciam ao desconhecido, pois não havia mais ninguém no bar. Recebendo os duplos o homem ficou envergonhado, tornou a corar forte, mandando outro ôlho de relance aos rapazes. Faltou qualquer coisa à garçonette, que ficou esperando. Então êle emborcou o primeiro chope com sofreguidão, bebeu tudo duma vez só, entregando o copo à moça. E Diva se retirou, sorrindo ao “muito obrigado” quente que o homem lhe dizia.

Os rapazes voltavam pensativos aos seus chopes, o desconhecido era de fato um sujeito extravagante... Alfredo aproveitou a preocupação de todos, pra retomar importância. Mas agora "desembucha" mais rápido.

— Pois êle compra tudo no Basílio, e o Basílio é que sabe a história dêle bem. Põe tamanha confiança no vendeiro que até pede pra êle fazer compras na cidade, camisa, roupa de baixo... Diz-que foi até bastante rico. Êle é de Mato Grosso, possuía uma fazenda de criar no sul do Estado, não tinha parente nenhum depois que a mãe morreu. De vez em quando atravessava a fronteira que ficava ali mesmo, dava uma chegada em Assunção que é a capital do Paraguai...

— Não sabia! pensei que era Campinas!

— ... ia lá só pra farrear, vivendo naquele jejum da fazenda... — Achou graça em si mesmo e quis tirar mais efeito: — Em Assunção desjejuava a valer. Mas um dia acabou trazendo uma paraguaia pra fazenda, com êle. Era uma moça lindíssima e êle tinha paixão por ela, dava tudo pra ela. Trabalhava e era pra ela; ia na cidade por um dia, imaginem praquê!... Voltava carregado de presentes muito caros. Mesmo na fazenda ela só arrastava sêda. Mas que ela merecesse, merecia porque também gostava muito dêle e os dois viviam naquele amor. Mas a maior besteira dêle, isso dava um doce se vocês imaginassem.

Quis parar, mas um dos companheiros percebendo asperejou irritado:

— Não dê o doce, e continue, Alfredo!

— Pois acabou passando a fazenda com gado e tudo e ainda umas casas que tinha em Cuiabá, passou tudo para o nome dela, porque ela já fizera operação, mocinha, e não podia ter filho que herdasse. Não

sei se vocês sabem: . . . mesmo casada no juiz, se não tivesse filho e êle morresse, ela não herdava um isto. E agora é que estou vendo que o Basílio não me informou se êles eram casados, amanhã mesmo vou saber. . .

— Mas . . . me diga uma coisa, Alfredo: isso interessa pro caso!

— Quer dizer . . . interessar sempre interessa . . . Mas afinal aquela vida era chata pra moça tão bonita que não podia ser vista nem apreciada por ninguém, não durou muito ela principiou entristecendo. Êle vinha e perguntava, porém ela sempre respondia que não tinha nada e virava o rosto pra não dar demonstração que estava chorando. Êle fêz tudo. Comprou uma vitrola, comprou um rádio e a casa se encheu de polcas paraguaias. Depois até principiou aprendendo o guarani com ela, o castelhano já falava muito bem. Era que êle imaginou ficar mais tempo junto da moça, em vez de passar o dia inteiro no campo, cuidando do gado.

— Mas também que sujeito mais bêsta — interrompeu um dos rapazes irritado. Êle era rico, não era?

— Era . . .

— Pois então porque não ia fazer uma viagem!

— Pois fêz, mas aí é que foi a causa de tudo. Eles resolveram ir passear em Assunção, se divertiram tanto que passaram dois meses lá. Quando voltaram ela até parecia outra, de tão alegre outra vez, e fizeram projeto de todos os anos ir passear assim, se divertindo com os outros, o amor é que não havia meios de afrouxar. Já antes da viagem, no tempo da tristeza, êle assinara uma porção de revistas, até norte-americanas, pra ver se ela se distraía, ela nem olhava pràs figuras. Pois agora de volta na fazenda, adivinhem pra o que ela deu! . . .

- Ora, deu pra ler as revistas!
- Não!
- Deu pra ficar triste outra vez.
- Não!
- Se acostumou...
- Não!
- Ora foi ver se você estava na esquina, ouviu!

Os rapazes estavam totalmente desinteressados da história do Alfredo. Um dêles olhou o homem, de quem a garçonette se aproximava outra vez, levando mais um chope. O homem, percebendo a moça, retirou brusco as mãos que descansavam na mesa, uma sôbre a outra. Novo olhar angustiado aos rapazes.

— Parece que êle tem qualquer coisa na mão esquerda, o rapaz avisou interessado. Não! não virem agora que êle está olhando pra cá, mas nem bem Diva ia chegando com o chope, êle escondeu a mão. Diva!

A moça veio se chegando, familiar.

— Mais chope. Diga uma coisa... chegue mais pra cá.

A moça chegou contrafeita, depois de uma leve hesitação. Ela sabia que iam lhe falar do desconhecido, e quando o rapaz perguntou o que o homem tinha na mão, ela quase gritou um "Nada!" agressivo. E como o rapaz procurasse agarrá-la pelo braço, ainda perguntando si o homem não tinha um defeito qualquer, ela se desvencilhou irritada, murmurando "Não!", "Não sei!", partiu confusa. O contador interrompido pretendeu readquirir importância, afirmando apressado:

— É uma cicatriz medonha, não queiram saber! Foi numa briga, parece que até êle perdeu um dedo, só que isso eu não sei como foi, o Basílio...

O quarto rapaz, que se conservara calado, olhando com uma espécie de riso o sabetudo, murmurou vingativo:

— Eu sei.

— Você sabe!

— Quer dizer: sei... Sei o que me contaram. É o polegar que êle perdeu. Parece que nem é só o polegar que falta, mas quase tôda a carne do braço, é tudo repuxado, sem pele... Foi piranha que comeu.

— Safa!

— Eu não sei bem... tudo no detalhe. Como o Alfredo, eu não sei... Foi na Coluna Prestes... nem tenho certeza si êle estava com o exército ou com os revolucionários. Devia ser com êstes porque êle era rapaz, se vê que não tem trinta anos.

— Isso não! garanto que já passa dos quarenta.

— Você está doido!

— Não... — arrancou o Alfredo, meio contra a vontade. — Isso eu também sei garantido que êle é novo ainda, o Basílio viu a caderneta dêle... Tem vinte e sete, vinte e oito anos.

— Mas conta como foi a piranha.

— ... diz-que estava em Mato Grosso, um grupinho perseguido pelos contrários, desgarrado, pra uns nove homens quando muito. Tinham se arranchado na casinha dum caboclo que ficava perto dum rio, quando o inimigo deu lá, era de noite. Foi aquêle tiroteio feroz, êles dentro da casa, os outros no cêrco. Quando viram que não se agüentavam mais, a munição estava acabando, decidiram furar pra banda do rio, onde o bote do caboclo estava amarrado na maromba...

— O que é maromba?

— É assim um estrado grande, pra servir de chão dos bois, quando o rio enche.

— Qual! tudo isso é história! pois você não vê logo que os polícias já deviam estar tomando conta do bote!

— Você está com despeito de eu saber, quer me atrapalhar à toa: pois é isso mesmo! Deixe eu acabar, você vai ver. Já era de madrugada, mas estava escuro ainda. De repente êles deram uma descarga juntos, e saíram embolados, frechando pro rio. Ainda conseguiram passar, que os... contrários, eu não falei que era polícia que cercava! enfim, os... outros, só tinha dois amoitados no caminhinho que levava ao pôrto, se acovardaram. Êles passaram na volada, gritando, desceram o barranco aos pulos, mas quando chegaram lá tinha pra uns dez, de tocaia, na maromba. Se atracaram uns com os outros, e êsse um aí se abraçou com um inimigo e os dois rolaram no rio, afundando. Bem, mas quando voltaram à tona, sempre grudados um no outro, lutando, o diabo é que tinham vindo parar bem debaixo... não sei si vocês sabem... lá, por causa de enchente, êles usam construir um cais flutuante pra embarcar e desembarcar. O dêsse pôrto por sinal que era bem feito e mais grande, porque era por ali que a estrada do govêrno atravessava o rio: uma espécie de caixão grande bem chato, feito de pranchões. Pois justo debaixo disso que os dois vieram surgir e já estavam desesperados de vontade de respirar, não se agüentavam mais. Por cima era aquêles barulhão de gente brigando, o caixão sacudia muito, mais outros caíam n'água... Os dois não queriam, decerto nem podiam se largar, mas não sei como foi, si uma das pranchas da parte inferior estava podre e cedeu, ou si havia o buraco mesmo... sei é que num balanço que o caixão fêz com os homens que briga-

vam em cima dêles, êsse um ali sentiu que ia saindo fora d'água e pôde respirar. Mas estava com a cabeça enforcada dentro do caixão chato, até batendo no plano dos pranchões de cima, parece que estou vendo! quem me contou foi o Querino do gás... Mas êle respirou fundo, foi ganhando consciência e percebeu que os músculos do adversário afrouxavam. Si êle largasse, o outro afundava, ia sair lá mais no largo e denunciava o esconderijo dêle, apertou mais. Por cima o inferno já estava diminuindo, o caixão sacudia menos, paravam com a gritaria dos insultos. Afinal êle percebeu que os inimigos tinham dominado a situação, eram muito mais numerosos. Um que mandava nos outros, dava ordens, afirmava que faltavam dois do grupo inimigo, um era êle, está claro. A manhã principiava branqueando o rio. Procuravam no largo pra ver si tinha alguém nadando... Alguns foram mandados percorrer o matinho ralo da margem. Dois outros, no bote, se metiam pelas canaranas pra ver si descobriam os fugitivos. Foi quando deram pela falta de um chamado Faustino, gritavam "Faustino! Faustíiiiino!", e êle percebeu que tinha matado um sujeito chamado Faustino. Mas quem disse largar o cadáver que agarrava pelo gasnete com a mão esquerda. O corpo era capaz que boiasse, saindo de baixo do caixão, haviam de desconfiar. Na margem e na maromba ao lado, o pessoal se acalmava, era um dia claro. Não tinham achado nem os fugitivos nem Faustino, vinham contando os que voltavam da procura. Então o chefe mandou que dois ficassem de vigia na maromba, e o resto dos perseguidores foram lá na casa do caipira ver si faziam um café. Êle estava quase vestido, calça cáqui, botas. Mas não tivera tempo de vestir o dólma, com a surprêsa do ataque, e a camisa tinha se

rasgado muito, justo no braço esquerdo que estava dentro d'água, agarrando o corpo do Faustino. Fazia já algum tempo que êle vinha percebendo uns estremeções esquisitos na cara do morto, pois súbito sentiu uma ferroada na mão. O rio não era de muita piranha, mas tinha alguma sim. Outra ferroada mais forte e logo êle conferiu que era piranha mesmo, não havia mais dúvida. E acudia cada vez mais piranha, o que êle não agüentou! As piranhas mordiam, arrancavam pedacinhos da mão dêle e depois do braço também, mas êle ali, sem se mover. Lá em cima na maromba as duas sentinelas conversavam na calma. Êle percebeu, ia desfalecer na certa, porque já quase nem se agüentava mais, vista turvando. Então, com muito cuidado, muita lentidão pra os vigias não repararem, cuidou de enfiar mais que a mão direita, o braço inteiro no buraco dos pranchões porque assim, si desmaiasse, pelo menos ficava enganchado ali. Foi quando perdeu os sentidos. Até fica difficil garantir que perdeu os sentidos ou não perdeu, nem êle sabe, nem sabe o tempo que passou. Só que as fôrças acabaram cedendo, teve um momento em que êle foi chamado à consciência porque estava engolindo água, sem ar, se afogando. Mesmo fraco como estava, bracejou, voltou à tona, se agarrou nas canaranas, conseguiu chegar num chão mais firme e então desmaiou de verdade. Quando voltou a si, o sol estava bem alto já, devia ser pelo meio do dia. Os inimigos já tinham ido-se embora. Então o pobre, ainda ajuntando um resto de fôrça que possuía, conseguiu se arrastar até próximo da casa do caboclo. Quando êste voltou, mais a mulher, lá dum vizinho longe onde tinham se refugiado, encontraram o homem estendido no terreiro, moribundo. Trataram dêle. É o que sei... o Querino é que anda contando porque até eu vi, isso eu vi,

êle conversando animado com êsse homem, porque andou vários dias indo na casa dêle pra fazer uma instalação de gás. Êle acabou sarando mas diz-que ficou meio amalucado... Si não ficou, parece.

Olharam o homem. Êle já estava no quarto ou quinto duplo, já agora como inteiramente esquecido de mais ninguém. Tinha o queixo no peito, se derreara no banco, olhando fixamente o chope escuro. A mão direita inquieta tamborilava sôbre a mesa, mas a esquerda se escondera preventivamente no bôlso da calça. Um dos rapazes se lembrou do caso que o Alfredo estava contando.

— Safa! mas que caso mais diferente do do Alfredo!

Mas êste, ríspido:

— Nnnnãõ... deve ser o mesmo...

— Mas o que foi que sucedeu com a mulher?

— ... nnnnãõ tem importância.

— Ora deixa de besteira! Alfredo! que sujeito mais complicado, você!

— Não tenho nada de complicado não! Essa história de piranha comer braço de gente, eu nunca soube. O Basílio também me falou que o homem era de Mato Grosso, leu na caderneta de identidade... Mas êle ficou meio tantã não foi por causa de piranha não, foi a paraguaia. Quando ela voltou curada pra fazenda, como eu dizia, ela até às vêzes acompanhava o marido a cavalo no campo, mas quando no geral ficava em casa, ficava ali, rádio aberto, lendo a quantidade de romances policiais e os outros livros que trouxera da cidade. E não tinha semana que um peão não trouxesse aquela quantidade de revistas que vinham do correio. Pois um dia, quando êle chegou em casa, a mulher estava fechada no quarto e não quis abrir a porta. Êle bateu, chamou de todo jeito, ela

gritava que não amolasse, até que êle perdeu a paciência e ameaçou arrombar a porta. Daí ela abriu e se percebia que tinha chorado muito. Olhou pra êle com ódio e gritou:

— O que você me quer! me deixa!

E coisas assim. Êle estava assombrado, perguntava, ela não respondia, foi no terraço e se atirou na rêde, chorando feito louca. Mas isso? . . . êle que nem tocasse de leve nela com a mão, ela fugia o corpo como si êle fôsse uma cobra. Não valeu carinho, não valeu queixa: ela estava muda, longe dêle, olhando êle com ódio, e de repente falou que queria ir embora pra terra dela. Êle não podia entender, foi discutir, mas ela agarrou dando uns gritos, que ia-se embora mesmo, que não ficava mais ali, parecia uma doida, saltou da rêde, desceu a escadinha do terraço e deitou correndo pelo pasto, como indo embora pro Paraguai. Foi um custo trazer ela pra casa, agarrada. Êle muito triste fazia tudo pra acalmar, jurava que no outro dia mesmo partiam pra Assunção, ela berrava que não! que havia de ir sòzinha e não queria saber mais dêle. Ninguém dormiu naquela casa. A moça acabou se fechando no quarto outra vez. Êle não quis insistir mais imaginando que o passar da noite havia de acalmar aquela crise. Puxou uma cadeira e sentou bem na frente da porta, esperando. Não dormiu nada. Mas também a moça não dormiu, não vê! Tôda a noite êle escutou ela remexendo coisas, era gaveta que abria, que fechava, móvel arrastando, coisas jogadas no chão.

Diva acabara de levar mais um chope ao homem. Veio se abraçar a um dos rapazes, perguntando si não pagavam um aperitivo. Dois dos rapazes se ajeitaram no banco em que estavam, cedendo o lugarzinho no meio onde ela se espalhou, encostando muito logo

nos dois, pra ver si ao menos um mordia a isca. O homem do bar mesmo sem chamarem, muito acostumado, veio servir o vermute.

— . . .bem, mas como eu estava contando, no dia seguinte, ainda nem ficara bastante claro, que a paraguaia abriu a porta do quarto. Vinha simples, até estava ridícula e bem feia com aquêlo rosto transtornado, num vestidinho caseiro, o mais usado, e uma trouxinha de roupa debaixo do braço. E falou dura que ia-se embora. Foi tudo em vão e êsse homem. . .

— Que homem? Diva perguntou meio inquieta.

— Esse que está bebendo chope escuro.

— Santa Maria! mas será que vocês não podem deixar o pobre do homem em paz!

— Fica quieta aí, Diva!

— Mas. . .

— Tome seu vermute.

Diva se acomodou de má vontade, irritada, enquanto o contador continuava:

— Pois êle gostava tanto da paraguaia que acabou cedendo, imaginando que aquilo havia de passar si ela partisse como estava exigindo. Mandou um próprio acompanhá-la. Depois êle ia atrás, Assunção é pequena, e o camarada ia industriado pra ficar por lá, seguindo a moça de longe. E ela foi embora, só, com a trouxinha, sem uma despedida, sem olhar prá trás. Quando êle foi pra entrar no quarto quase nem se podia andar lá dentro, tudo aos montes jogado no chão. Os vestidos estavam estraçalhados de propósito, picados devagar com a tesourinha de unha. As jóias arrebetadas, pedras caras, até o brilhante grande do anel, fora do aro, relumeando na grêta do assoalho. E os livros, os objetos, as meias de sêda, até as roupas dêle, ela não poupou nada. E não tinha levado absolutamente nada. Até a roupa de cama, tam-

bém picada com a tesourinha, não sobrara nada sem estrago. Mas agora é que vocês vão se assombrar!... Só bem por cima dos dois travesseiros grandes, amontoados de propósito no meio da cama, um por cima do outro, tinha um livro. Esse não estava estragado como os outros. Imaginem que... bom, pra encurtar: era simplesmente uma "História do Paraguai" em espanhol, dêsse livros resumidos que a gente estudou no grupo. Folheando o livro, êle descobriu justamente na última página do capítulo que falava da guerra com o Brasil, está claro que tudo cheio de mentiras horríveis, êle descobriu naquela letrona dela que mal sabia assinar o nome: "Infames!"

- Quem que era infame?
- Safa, Diva, sua gente mesmo!
- Que "minha gente"?
- Os brasileiros, Diva!
- Eu não sou brasileira!

O rapaz sorrindo acarinhou os cabelos louros, frios dela. O contador ia comentando: — Foi por causa da guerra do Paraguai... O homem ficou feito doido, não podia mais passar sem ela, se botou atrás da moça, porém ela não houve meios de ceder. E pra não ser mais incomodada, acabou desaparecendo de Assunção, ninguém sabe pra onde. Foi uma trapalhada dos dianhos vocês nem imaginam, porque a fazenda, as propriedades não eram mais dêle, e ela nunca reclamou nada, desapareceu pra sempre. Até andaram falando que ela suicidou-se, porque continuava apaixonadíssima pelo brasileiro, apesar. Mas isto nunca se conseguiu tirar a limpo. Êle é que vendeu o gado e ficou viajando por todo o sul, sempre com pensão na amante. Quando foi da revolução de 30, se meteu na revolução, sem gôsto, sem acreditar em nada, só porque era revolução contra o Brasil. Diz-que êle

ia ficando maníaco, odiava o Brasil e dava razão pra Solano Lopes que foi quem declarou a guerra do Paraguai contra nós. Afinal conseguiu vender a fazenda e as casas de Cuiabá, mas dizem que na casa onde êle mora não tem nada. Só que êle prega na parede tudo quanto é notícia ofendendo o Brasil.

— Ah, não! isso não deve ser verdade sinão o Querino me contava!

— Por que que só o Querino é que há de saber!

— Êle entrou vários dias na casa pra instalar o gás, já falei!

— Uhm...

Diva não se conteve mais, arrancou:

— Tudo isso é uma mentira muito bêsta! Por que vocês não conversam noutra coisa!

— Você conhece êle, é?

Diva hesitou.

— ... nnnão. Mas êle sempre vem aqui.

— Você já foi com êle?

— Não, êle não quis. Mas falou que eu desculpasse, é muito mais delicado que vocês todos juntos, sabem!

— Isso de delicadeza... Deve ser é algum viciado, vá ver que não é outra coisa.

A garçonette ficou indignada. Se ergueu com brutalidade.

— Aire que vocês também são uns... Ia insultar, enojada, mas se lembrou que era garçonette: — Por favor, não olhem tanto pra êle assim! Êle vai sair...

De fato, o homem estava mexendo exagitadamente em dinheiro. Diva foi pra junto dêle, achando jeito, com o corpo, de o esconder da curiosidade dos rapazes. Fingia procurar trôco. Olhou-o com esperança tristonha:

— Porque o senhor não toma mais um chope... Está quente hoje...

Êle estremeceu muito, devorou-a com os olhos angustiados:

— Por que a senhora quer que eu tome mais chope hoje! Seis não é a minha conta de sempre! Estavam falando de mim naquela mesa, não!

E foi saindo muito rápido, escorraçado, sem olhar ninguém, sem esperar resposta nem trôco. Era incontestável que fugia.

Na rua andava com muita pressa, apenas hesitante nas esquinas que acabava dobrando sempre, procurando desnortear perseguidores invisíveis. Afinal, seis quarteirões longe, parou brusco. Estava ofegante, suava muito na noite abafada. Olhou em tórno e não tinha ninguém. Certificou-se ainda si ninguém o perseguia, mas positivamente não havia pessoa alguma na rua morta, era já bem mais de uma hora da manhã. Enfim tirava a mão esquerda do bôlso e enxugava com algum sossêgo o suor do rosto. A mão era mesmo repugnante de ver, a pele engelhada, muito vermelha e polida. E assim, justamente por ser o polegar que faltava, a mão parecia um garfo, era horrível.

Depois de se enxugar, olhou o relógio-pulseira e tornou a esconder a mão no bôlso. Voltou a caminhar outra vez, e agora andava em passo normal, sem mais pressa nenhuma. Aos poucos foi se engolfando lá nos próprios pensamentos, o rosto readquiriu uma seriedade sombria enquanto o passo se mecanizava. Tomou aquêle seu jeito de enfiar o queixo no pescoço, cabeça baixa, parecia numa concentração absoluta. Algum raro transeunte que passava, êle nem dava tento mais. Às vêzes fazia gestos pequenos, gestos míni-

mos, argumentando, houve um instante em que sorriu. Mas se recobrou imediatamente, olhando em volta, apreensivo. Não estava ali ninguém pra lhe surpreender o riso — e era aquêles sorriso quase esgar, apenas uma linha larga, vincando uma porção de rugas na face lívida.

Mas decerto perseverara o receio de que o pudessem descobrir sorrindo: principiou caminhando mais depressa outra vez. Lá na esquina em frente despontavam alguns rapazes que vinham da noite de sábado, conversando alto. O homem pretendeu parar, hesitou. Acabou atravessando apenas a rua, tomando o outro passeio pra não topar de frente com os rapazes. Enfim chegara na alamêda do Triunfo. Três quarteirões mais longe devia ser a casa onde morava, pelo que afirmara o Alfredo. Na esquina era o hotequim de seu Basílio, que estava fechando. O português chegou na última porta ainda entreaberta, pediu licença aos três operários, fechou a porta com um “boa-noite” malcriado. Mas os operários estavam mais falantes com a cerveja do sábado, chegaram até à beira da calçada e se deixaram ficar ali mesmo, naquela conversa.

O homem vinha chegando e aos poucos diminuía o andar, observando a manobra do botequim. Diminuiu o passo mais, dando tempo a que os operários se afastassem. Afinal parou. Os três homens tinham ficado ali conversando, e êle estacou, olhou pra trás, pretendendo voltar caminho, talvez. Depois ficou imóvel, aproveitando o tronco da árvore, disposto a esperar. Dali espiava os operários sem ser visto. Lhe dava aquela inquietação subitânea, voltava-se rápido. Parecia temer que alguém viesse pela calçada e o apanhasse escondido ali. Mas a rua estava deserta, não passava mais ninguém.

A situação durava assim pra mais de um quarto de hora e os operários não davam mostra de partir. O homem esperando sempre, só que a impaciência crescia nêle. Olhava a todo instante o relógio, como si tivesse hora marcada, olhos pregados nos três vultos da esquina. Falavam alto, a conversa chegava até junto dêle, uma conversa qualquer. Agora vinha lá do lado oposto da alamêda, o rondante, na indiferença, bem pelo meio da rua, batendo o tacão da botina, no despolicamento proverbial desta cidade. O guarda, fôsse pelo que fôsse, ao menos pra mostrar fôrça diante de gente na cerveja, resolveu enticar com os operários. E parou na esquina também, olhando franco os homens, rolando o bastão no pulso. Os operários nem se deram por achados.

De longe, meio esquecido do esconderijo, o homem agora imóvel, devorava a cena, olhos escancarados sem piscar. O guarda, vendo que os operários não se intimidavam com a presença dêle, resolveu fazer uma demonstração de autoridade. Se dirigiu calmo aos homens, que pararam a conversa, esperando o que o polícia ia falar. O homem chegou a sair com o corpo todo de trás do tronco, na ânsia de escutar o que o guarda dizia. Mas êste falava baixo, resolvido a principiar pelo conselho, paternal. Nasceu uma troca de palavras mas pequena, acabou logo, porque os operários não estavam pra discutir com um rondante ranzinza. Resolveram obedecer. Aliás era tarde mesmo. Foram-se embora, ainda conversando mais alto de propósito, forçando a voz, só porque o guarda falara que êles estavam acordando quem dormia nas casas. O polícia percebeu, ficou com raiva, mas também não estava muito disposto a se incomodar, que afinal os operários eram três, bem fortes. Ficou olhando, mãos na cinta, ameaçador, quando os três já

estavam bem longe, sacudiu a cabeça agressiva e dobrou a esquina, continuando o seu fingimento de ronda, batendo tacão.

O homem se viu só. Houve um relaxamento de músculos pelo corpo dêle, os ombros caíram, veio o suspiro de alívio. Reprincipiou a andar devagarinho, calmo outra vez. Na esquina ainda parou, espiando si o guarda ia longe. Nem sombra de guarda mais. Atravessou mais rápido a rua, passou pelo boteco do português, e agora andava com precaução, tirando o molho volumoso de chaves do bôlso. Chegado em frente duma porta, foi disfarçadamente se dirigindo para a beira da calçada. Parou sôbre a guia, aproveitando a sombra da árvore pra se esconder. Virou os olhos para um lado e outro, examinando a alamêda. Num momento, se dirigiu quase num pulo para a porta, abriu-a, deslizou pela abertura, fechou a porta atrás de si, dando três voltas à chave.

(São Paulo, 12-IV-43 — 15-IV-43;
versão nova do final, 21-IV-43).

Tempo da camisolinha

A feiura dos cabelos cortados me fêz mal. Não sei que noção prematura de sordidez dos nossos atos, ou exatamente, da vida, me veio nessa experiência da minha primeira infância. O que não pude esquecer, e é minha recordação mais antiga, foi, dentre as brincadeiras que faziam comigo para me desemburrar da tristeza em que ficara por me terem cortado os cabelos, alguém, não sei mais quem, uma voz masculina falando: “Você ficou um homem, assim!”. Ora eu tinha três anos, fui tomado de pavor. Veio um mêdo lancinante de já ter ficado homem naquele tamanhinho, um mêdo medonho, e recomecei a chorar.

Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral. Me lembro de uma fotografia minha dêsse tempo, que depois destruí por uma espécie de polidez envergonhada... Era já agora bem homem e aquêles cabelos adorados na infância, me pareceram de repente como um engano grave, destruí com rapidez o retrato. Os traços não eram felizes, mas na moldura da cabeleira havia sempre um olhar manso, um rosto sem marcas, franco, promessa de alma sem maldade.

De um ano depois do corte dos cabelos ou pouco mais, guardo outro retrato tirado junto com Totó, meu mano. Ele, quatro anos mais velho que eu, vem garboso e completamente infantil numa bonita roupa marinheira; eu, bem menor, inda conservo uma camisolinha de veludo, muito bêsta, que minha mãe por economia teimava utilizar até o fim.

Guardo esta fotografia porque si ela não me perdoa do que tenho sido, ao menos me explica. Dou a impressão de uma monstruosidade insubordinada. Meu irmão, com seus oito anos é uma criança integral, olhar vazio de experiência, rosto rechonchudo e lisinho, sem caráter fixo, sem malícia, a própria imagem da infância. Eu, tão menor, tenho êsse quê repulsivo do anão, pareço velho. E o que é mais triste, com uns sulcos vividos descendo das abas voluptuosas do nariz e da bôca larga, entreaberta num risinho pérfido. Meus olhos não olham, espreitam. Fornecem às claras, com uma facilidade teatral, todos os indícios de uma segunda intenção.

Não sei por que não destruí em tempo também essa fotografia, agora é tarde. Muitas vêzes passei minutos compridos me contemplando, me buscando dentro dela. E me achando. Comparava-a com meus atos e tudo eram confirmações. Tenho certeza que essa fotografia me fêz imenso mal, porque me deu muita preguiça de reagir. Me proclamava demasiadamente em mim e afogou meus possíveis anseios de perfeição. Voltemos ao caso que é melhor.

Tôda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me envaidecia dêles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: "É preciso cortar os cabelos dêsse menino". Olhei de

um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela ordem, muito aflito. Preferi o instinto e fixei os olhos já lacrimosos em mamãe. Ela quis me olhar compassiva, mas me lembro como si fôsse hoje, não agüentou meus últimos olhos de inocência perfeita, baixou os dela, oscilando entre a piedade por mim e a razão possível que estivesse no mando do chefe. Hoje, imagino um egoísmo grande da parte dela, não reagindo. As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, até que se acabassem feitas trapos. Mas ninguém percebeu a delicadeza da minha vaidade infantil. Deixassem que eu sentisse por mim, me incutissem aos poucos a necessidade de cortar os cabelos, nada: uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas: "é preciso cortar os cabelos dêsse menino".

Tudo o mais são memórias confusas ritmadas por gritos horríveis, cabeça sacudida com violência, mãos enérgicas me agarrando, palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, dificuldades irritadas do cabeleireiro que se esforçava em ter paciência e me dava terror. É o pranto, afinal. E no último e prolongado fim, o chorinho doloridíssimo, convulsivo, cheio de visagens próximas atrozes, um desespêro desprendido de tudo, uma fixação emperada em não querer aceitar o consumado.

Me davam presentes. Era razão pra mais choro. Caçoavam de mim: choro. Beijos de mamãe: choro. Recusava os espelhos em que me diziam bonito. Os cadáveres de meus cabelos guardados naquela caixa de sapatos: choro. Choro e recusa. Um não-conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito, cheio de desilusões, de revoltas, fácil para tôdas as ruindades. De-noite fiz

questão de não rezar; e minha mãe, depois de várias tentativas, olhou o lindo quadro de N. S. do Carmo, com mais de século na família dela, gente empobrecida mas diz-que nobre, o olhou com olhos de imploração. Mas eu estava com raiva da minha madrinha do Carmo.

E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficavam como demonstrações desagradáveis dêle, as camisolinhas. Foi dentro delas, camisolas de fazendinha barata (a gloriosa, de veludo, era só para as grandes ocasiões), foi dentro ainda das camisolinhas que parti com os meus pra Santos, aproveitar as férias do Totó sempre fraquinho, um junho.

Havia aliás outra razão mais tristonha pra essa vilegiatura aparentemente festiva de férias. Me viera uma irmãzinha aumentar a família e parece que o parto fôra desastroso, não sei direito... Sei que mamãe ficara quase dois meses de cama, parálitica, e só principiara mesmo a andar premida pelas obrigações da casa e dos filhos. Mas andava mal, se encostando nos móveis, se arrastando, com dores insuportáveis na voz, sentindo puxões nos músculos das pernas e um desânimo vasto. Menos tratava da casa que se iludia, consolada por cumprir a obrigação de tratar da casa. Diante da iminência de algum desastre maior, papai fizera um esforço espantoso para o seu ser que só imaginava a existência no trabalho sem recreio, todo assombrado com os progressos financeiros que fazia e a subida de classe. Resolvera aceitar o conselho do médico, se dera férias também, e levara mamãe aos receitados banhos-de-mar.

Isso foi, convém lembrar, ali pelos últimos anos do século passado, e a praia do José Menino era quase um deserto longe. Mesmo assim, a casa que papai alugara não ficava na praia exatamente, mas

numa das ruas que a ela davam e onde uns operários trabalhavam diàriamente no alinhamento de um dos canais que carreavam o enxurro da cidade para o mar do gôlfo. Aí vivemos perto de dois meses, casão imenso e vazio, lar improvisado cheio de deficiências, a que o desmazêlo doentio de mamãe ainda melancolizava mais, deixando pousar em tudo um ar de mau trato e passagem.

É certo que os banhos logo lhe tinham feito bem, lhe voltaram as côres, as fôrças, e os puxões dos nervos desapareciam com rapidez. Mas ficara a lembrança do sofrimento muito grande e próximo, e ela sentia um prazer perdoável de representar naquelas férias o papel largado da convalescente. A papai então o passeio deixara bem menos pai, um ótimo camarada com muita fome e condescendência. Eu é que não tomava banho-de-mar nem que me batessem! No primeiro dia, na roupinha de baeta calçada, como era a moda de então, fôra com todos até a primeira onda, mas não sei que pavor me tomou, dera tais gritos, que nem mesmo o exemplo sempre invejado de meu mano mais velho me fizera mais entrar naquelas águas vivas. Me parecia morte certa, vingativa, um castigo inexplicável do mar, que o céu de névoa de inverno deixava cinzento e mau, enfarruscado, cheio de ameaças impiedosas. E até hoje detesto banho-de-mar... Odiei o mar, e tanto, que nem as caminhadas na praia me agradavam, apesar da companhia agora deliciosa e faladeira de papai. Os outros que fôssem passear, eu ficava no terreno maltratado da casa, algumas árvores frias e um capim amarelo, nas minhas conversas com as formigas e o meu sonho grande. Ainda apreciava mais ir até a borda barrenta do canal, onde os operários me protegiam de qualquer perigo. Papai é que não gostava muito disso

não, porque tendo sido operário um dia e subido de classe por esforço pessoal e Deus sabe lá que sacrifícios, considerava operário má companhia pra filho de negociante mais ou menos. Porém mamãe intervinha com o “deixa êle!” de agora, fatigado, de convalescente pela primeira vez na vida com vontades; e lá estava eu dia inteiro, sujando a barra da camisolinha na terra amontoada do canal, com os operários.

Vivia sujo. Muitas vêzes agora até me faltavam, por baixo da camisola, as calcinhas de encobrir as coisas feias, e eu sentia um esporte de inverno em levantar a camisola na frente pra o friozinho entrar. Mamãe se incomodava muito com isso, mas não havia calcinhas que chegassem, tôdas no varal enxugando ao sol fraco. E foi por causa disso que entrei a detestar minha madrinha, N. S. do Carmo. Não vê que minha mãe levava pra Santos aquêle quadro antigo de que falei e de que ela não se separava nunca, quando me via erguendo a camisola no gesto indiscreto, me ameaçava com a minha encantadora madrinha: — “Meu filho, não mostra isso, que feio! repare: sua madrinha está te olhando na parede!” Eu espiava pra minha madrinha do Carmo na parede, e descia a camisolinha, mal convencido, com raiva da santa linda, tão apreciada noutros tempos, sorrindo sempre e com aquelas mãos gordas e quentes. E desgostoso ia brincar no barro do canal, botando a culpa de tudo no quadro secular. Odiei minha madrinha santa.

Pois um dia, não sei o que me deu de repente, o desígnio explodiu, nem pensei: largo correndo os meus brinquedos com o barro, barafusto porta a dentro, vou primeiro espiar onde mamãe estava. Não estava. Fôra passear na praia matinal com papai e Totó. Só a cozinheira no fogão perdida, conversando com

a ama da Mariazinha nova. Então podia! Entrei na sala da frente, solene, com uma coragem desenvolvida, heróica, de quem perde tudo mas se quer liberto. Olhei francamente, com ódio, a minha madrinha santa, eu bem sabia, era santa, com os doces olhos se rindo pra mim. Levantei quanto pude a camisola e empinando a barriguinha, mostrei tudo pra ela. "Tó! que eu dizia, olhe! olhe bem! tó! olhe bastante mesmo!" E empinava a barriguinha de quase me quebrar pra trás.

Mas não sucedeu nada, eu bem imaginava que não sucedia nada... Minha madrinha do quadro continuava olhando pra mim, se rindo, a bôba, não zangando comigo nada. E eu saí muito firme, quase sem remorso, delirando num orgulho tão corajoso no peito, que me arrisquei a chegar sozinho até a esquina da praia larga. Estavam uns pescadores ali mesmo na esquina, conversando, e me meti no meio deles, sempre era uma proteção. E todos êles eram casados, tinham filhos, não se amolavam proletariamente com os filhos, mas proletariamente davam muita importância pra o filhinho de "seu dotô" meu pai, que nem era doutor, graças a Deus.

Ora se deu que um dos pescadores pegara três lindas estrêlas-do-mar e brincava com elas na mão, expondo-as ao solzinho. E eu fiquei num delírio de entusiasmo por causa das estrêlas-do-mar. O pescador percebeu logo meus olhos de desejo, e sem paciência pra ser bom devagar, com brutalidade, foi logo me dando tôdas.

— Tome pra você, que êle disse, estrêla-do-mar dá boa sorte.

— O que é boa sorte, hein?

Ele olhou rápido os companheiros porque não sabia explicar o que era boa sorte. Mas todos estavam esperando e ele arrancou meio bravo:

— Isto é... não vê que a gente fica cheio de tudo... dinheiro, saúde...

Pigarreou fátigado. E depois de me olhar com um ôlho indiferentemente carinhoso, acrescentou mais firme:

— Seque bem elas no sol que dá boa sorte.

Isso nem agradei, fui numa chispada luminosa pra casa esconder minhas estrêlas-do-mar. Pus as três ao sol, perto do muro lá no fundo do quintal onde ninguém chegava, e entre feliz e inquieto fui brincabrinçar no canal. Mas quem disse brincar! me dava aquela vontade amante de ver minhas estrêlas e voltava numa chispada luminosa contemplar as minhas tesoureiras da boa sorte. A felicidade era tamanha e o desejo de contar minha glória, que até meu pai se inquietou com o meu fastio no almôço. Mas eu não queria contar. Era um segrêdo contra tudo e todos, a arma certa da minha vingança, eu havia de machucar bastante Totó, e quando mamãe se incomodasse com o meu sujo, não sei não... mas pelo menos ela havia de dar um trupicão de até dizer “ai!”, bem feito! As minhas estrêlas-do-mar estavam lá escondidas junto do muro me dando boa sorte. Comer? praquê comer? elas me davam tudo, me alimentavam, me davam licença pra brincar no barro, e si Nossa Senhora, minha madrinha, quisesse se vingar daquilo que eu fizera pra ela, as estrêlas me salvavam, davam nela, machucavam muito ela, isto é... muito eu não queria não, só um bocadinho, que machucassem um pouco, sem estragar a cara tão linda da pintura, só pra minha madrinha saber que agora eu tinha a boa sorte, estava protegido e nem precisava mais dela, tó! ai que saudades das

minhas estrêlas-do-mar! . . . Mas não podia desistir do almoço pra ir espiá-las, Totó era capaz de me seguir e querer uma pra êle, isso nunca!

— Êsse menino não come nada, Maria Luísa!

— Não sei o que é isso hoje, Carlos! Meu filho, coma ao menos a goiabada. . .

Que goiabada nem mané goiabada! eu estava era pensando nas minhas estrêlas, doido por enxergá-las. E nem bem o almoço se acabou, até disfarcei bem, e fui correndo ver as estrêlas-do-mar.

Eram três, uma menorzinha e duas grandonas. Uma das grandonas tinha as pernas um bocado tortas para o meu gosto, mas assim mesmo era muito mais bonita que a pequetitinha, que trazia um defeito imenso numa das pernas, faltava a ponta. Essa de certo não dava boa sorte não, as outras é que davam: e agora eu havia de ser sempre feliz, não havia de crescer, minha madrinha gostosa se rindo sempre, mamãe completamente sarada me dando brinquedos, com papai não se amolando por causa dos gastos. Não! a estrêla pequenina dava boa sorte também, nunca que eu largasse de uma delas!

Foi então que aconteceu o caso desgraçado de que jamais me esquecerei no seu menor detalhe. Cansei de olhar minhas estrêlas e fui brincar no canal. Era já na hora do meio-dia, hora do almoço, da janta, do não-sei-o-quê dos operários, e êles estavam descansando jogados na sombra das árvores. Apenas um porém, um portuga magruço e bárbaro, de enormes bigodões, que não me entrava nem jamais dera importância pra mim, estava assentado num monte de terra, afastado dos outros, ar de melancolia. Eu brincava por ali tudo, mas a solidão do homem me preocupava, quase me doía, e eu rabeava umas olhadelas para a banda dêle, desejoso de consolar. Fui

chegando com ar de quem não quer e perguntei o que êle tinha. O operário primeiro deu de ombros, português, bruto, bárbaro, longe de consentir na carícia da minha pergunta infantil. Mas estava com uns olhos tão tristes, o bigode caía tanto, desolado, que insisti no meu carinho e perguntei mais outra vez o que êle tinha. "Má sorte" êle resmungou, mais a si mesmo que a mim.

Eu porém é que ficara aterrado. Minha Nossa Senhora! aquêle homem tinha má sorte! aquêle homem enorme com tantos filhinhos pequenos e uma mulher paralítica na cama!... E no entanto eu era feliz, feliz! e com três estrelinhas-do-mar pra me darem boa sorte... É certo: eu pusera imediatamente as três estrêlas no diminutivo, porque si houvesse de ceder alguma ao operário, já de antemão eu desvalorizava as três, tôdas as três, na esperança desesperada de dar apenas a menor. Não havia diferença mais, eram apenas três "estrelinhas"-do-mar. Fiquei desesperado. Mas a lei se riscara iniludível no meu espírito: e si eu desse boa sorte ao operário na pessoa da minha menor estrelinha pequetinha?... Bem que podia dar a menor, era tão feia mesmo, faltava uma das pontas, mas sempre era uma estrelinha-do-mar. Depois: o operário não era bem vestido como papai, não carecia de uma boa sorte muito grande não. Meus passos tontos já me conduziam para o fundo do quintal fatalizadamente. Eu sentia um sol de rachar completamente forte. Agora é que as estrelinhas ficavam bem sêcas e davam uma boa sorte danada, acabava duma vez a paralisia da mulher do operário, os filhinhos teriam pão e N. S. do Carmo, minha madrinha, nem se amolava de enxergar o pintinho dêles. Lá estavam as três estrelinhas, brilhando no ar do sol, cheias de uma boa sorte imensa. E eu

tinha que me desligar de uma delas, da menorzinha estragada, tão linda! justamente a que eu gostava mais, tôdas valiam igual, porque a mulher do operário não tomava banhos de mar? mas sempre, ah meu Deus que sofrimento! eu bem não queria pensar mas pensava sem querer, deslumbrado, mas a boa mesmo era a grandona perfeita, que havia de dar mais boa sorte pra aquêl malvado de operário que viera, cachorro! dizer que estava com má sorte. Agora eu tinha que dar pra êle a minha grande, a minha sublime estrelona-do-mar!...

Eu chorava. As lágrimas corriam francas listrando a cara sujinha. O sofrimento era tanto que os meus soluços nem me deixavam pensar bem. Fazia um calor horrível, era preciso tirar as estrêlas do sol, sinão elas secavam demais, se acabava a boa sorte delas, o sol me batia no côco, eu estava tonto, operário, má sorte, a estrêla, a paralítica, a minha sublime estrelona-do-mar! Isso eu agarrei na estrêla com raiva, meu desejo era quebrar a perna dela também pra que ficasse igualzinha à menor, mas as mãos adorantes desmentiam meus desígnios, meus pés é que resolveram correr daquele jeito, rapidíssimos, pra acabar de uma vez com o martírio. Fui correndo, fui morrendo, fui chorando, carregando com fúria e carícia a minha maiorzona estrelinha-do-mar. Cheguei pro operário, êle estava se erguendo, toquei nêle com aspereza, puxei duro a roupa dêle:

— Tome! eu soluçava gritado, tome a minha... tome a estrêla-do-mar! dá... dá, sim, boa sorte!...

O operário olhou surpreso sem compreender. Eu soluçava, era um suplício medonho.

— Pegue depressa! faz favor! depressa! dá boa sorte mesmo!

Aí, que êle entendeu, pois não me agüentava mais! Me olhou, foi pegando na estrêla, sorriu por trás dos bigodões portugas, um sorriso desacostumado, não falou nada felizmente que sinão eu desatava a berrar. A mão calosa quis se ajeitar em concha pra me acarinhar, certo! êle nem media a extensão do meu sacrificio! e a mão calosa apenas roçou por meus cabelos cortados.

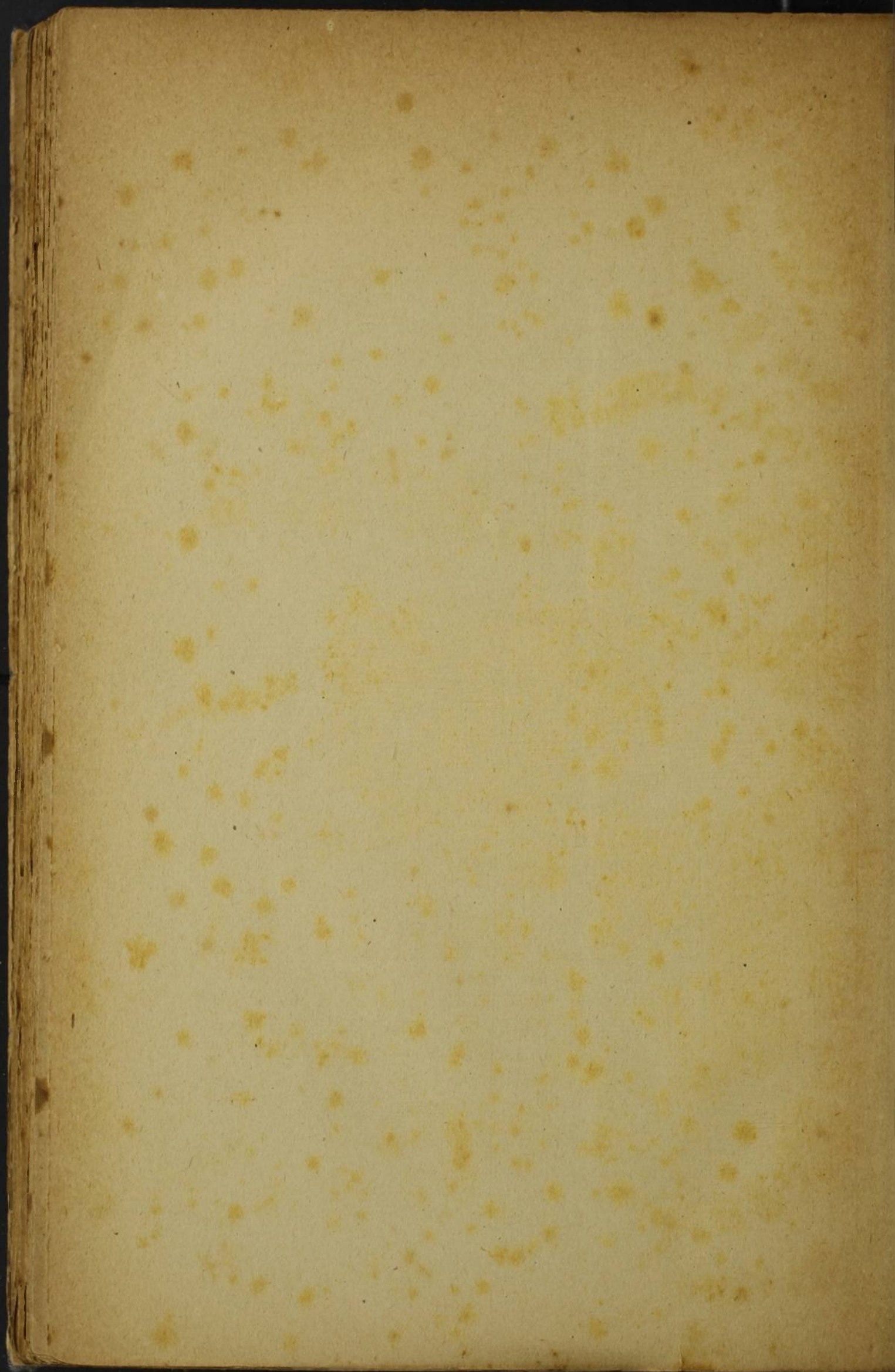
Eu corri. Eu corri pra chorar à larga, chorar na cama, abafando os soluços no travesseiro sòzinho. Mas por dentro era impossível saber o que havia em mim, era uma luz, uma Nossa Senhora, um gôsto maltratado, cheio de desilusões claríssimas, em que eu sofria arrependido, vendo inutilizar-se no infinito dos sofrimentos humanos a minha estrêla-do-mar.

(1939-1943)

ÍNDICE



1 – Vestida de preto	9
2 – O ladrão	21
3 – Primeiro de Maio	35
4 – Atrás da Catedral de Ruão	49
5 – O Poço	71
6 – O peru de Natal	91
7 – Frederico Paciência	99
8 – Nelson	123
9 – Tempo da camisolinha	141



★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Livraria Martins Editôra S/A, em fevereiro de 1947.

20

54